

Maria Amália Vaz de Carvalho

Coisas d'Agora

Edição de

Catarina Macedo

Elisabete Baião

Inês Martins

Marta Correia

Coordenação de Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa
2017

Índice

NOTA EDITORIAL

- I – Duros tempos
- II – O congresso e a educação da mulher
- III – Prégadores e jornalistas
- IV – Carmen Dolores
- V – O sentimento religioso
- VI – A mulher na Democracia
- VII – Impressões de um artigo de Jules Lemaitre
- VIII – A Sr.^a D. Maria Pia de Saboya e de Portugal
- IX – Evolução do feminismo
- X – Lord Byron
- XI – O centenario de Carlos Dikens
- XII – The New Machiavelli
- XIII – Chateaubriand em plena actualidade
- XIV – O barão do Rio Branco
- XV – A exposição da casa Leitão & Irmão no Brasil
- XVI – Por terras de Portugal e Hespanha
- XVII – Jean Christophe
- XVIII – O bicentenario de Jean Jacques Rousseau
- XIX – A licção de um naufragio
- XX – As irmãsinhas dos pobres

Nota editorial

Maria Amália Vaz de Carvalho nasceu em Lisboa, a 2 de fevereiro de 1847, e faleceu a 24 de março de 1921. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia das Ciências de Lisboa.

O primeiro livro da autora foi publicado em 1867 e levou aos leitores um poema intitulado *Uma Primavera de Mulher*. Em 1876, publicou *Vozes de Ermo*, outro poema. Escreveu várias biografias, como *Vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein*. *Contos para os Nossos Filhos* é o título de uma antologia infantil. Assinou igualmente várias críticas literárias, sendo obras centrais deste género *Em Portugal e no Estrangeiro* e *Coisas do Século XVIII em Portugal, Coisas d'Agora*.

Escolhemos reeditar *Coisas do Século XVIII em Portugal, Coisas d'Agora* porque, apesar da

vasta coleção de obras da autora, esta é uma das menos conhecidas.

Por outro lado, achamos importante divulgar um livro publicado por uma mulher do início do século XX, já que existia então um grande preconceito em relação a autores do gênero feminino. A obra captou também a nossa atenção por fazer várias referências ao papel da mulher no século XVIII.

O livro-fonte

A obra saiu em 1913, dedicada a uma amiga chegada da autora: Maria Clara da Cunha Santos. Publicado em Lisboa, pela Livraria Editora, o livro tem 238 páginas, a capa é castanha e o frontispício está assinado pela autora.

Critérios de reedição e normas de transcrição

Esta reedição foi feita a partir de um exemplar de *Coisas do Século XVIII em Portugal, Coisas de Agora*, que se encontra na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Acrescentámos, nesta reedição, um índice inicial com hiperligações para todas as partes do livro.

Adotámos as normas de transcrição que se seguem:

- conservámos todas as características ortográficas do livro-fonte;
- conservámos todos os itálicos, assim como o tipo de aspas usado no livro-fonte;
- conservámos os separadores gráficos que dividem algumas partes do texto;
- não assinalámos nem a mudança nem a numeração das páginas;

- não reproduzimos as páginas em branco nem o índice do livro-fonte;
- não conservámos os espaços entre as palavras e os sinais de pontuação;
- substituímos o espaçamento irregular entre as palavras por um espaçamento regular;
- substituímos as aspas no início de todas as linhas de um passo entre aspas por uma aspa inicial e outra final;
- omitimos os títulos-correntes.

Bibliografia

Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [consult. 2016-06-02 15:34:52]. Disponível na Internet: [http://www.infopedia.pt/\\$maria-amalia-vaz-de-carvalho?termo=cantinho](http://www.infopedia.pt/$maria-amalia-vaz-de-carvalho?termo=cantinho)

Duros tempos...

A característica das civilizações anteriores a esta civilização pseudo humanitaria, que sahio da Revolução franceza era o seu desprezo absoluto pela vida humana! Sacrificavam-se milhões de vidas sem hesitação e sem dó.

A vida do homem era nas antigas idades, como no Oriente de hoje e de sempre, uma cousa insignificante e de tão pouca monta como a vida de um insecto, como a vida de um cão!

A Revolução de 89 fez funcionar durante largo espaço a guilhotina para provar ao mundo, para convencer o mundo de que a vida humana era sagrada!

Veu Napoleão que pelos modos discordou um pouco d'este conceito, e matou tambem alguns

milhões de homens para o contradizer em factos concretos.

Mas o seculo XIX teve a gloria de ver affirmar mais uma vez, pelo trabalho de dezenas de sabios pela voz de centenas de pensadores, o dever indeclinavel que assiste á humanidade de respeitar quanto possa, e mesmo atravez de provações e sacrificios, a vida individual, a vida collectiva da nossa especie.

A vida humana, sempre mais ou menos ceifada, ora em guerras cruentas e iníquas, ora em trabalhos esmagadores e insalubres, continuou a ser, de feito, pouco mais ou menos, o que era antes de tantas doutrinas philantropicas se haverem espalhado na terra. Mas as theorias triumphantes em toda parte tendiam mais e mais a fazer ver ao homem que a vida é uma coisa muito preciosa e bella para ser estupidamente malbaratada.

Parecia que o seculo XX traria ao mundo uma nova formula de bondade, de pacificação.

Era logico, era natural que a propaganda de tantos benemeritos, que os trabalhos de tantos homens de sciencia lograssem realizar-se em leis de justiça.

Por que, realmente, de que vale esse esforço contra as pestes assoladoras, contra as doenças mortaes, contra a miseria que roe os organismos, contra a fome, contra os males todos que nos affligem a nós, pobre humanidade — se o desgredo pela vida continuou a campear infrene como até aqui?

O contrario, porém, é o que succede! Já na segunda metade do seculo XIX se podem contar as guerras tremendas da Prussia com a França, a guerra da Inglaterra contra o Transvaal, a guerra naval entre a Hespanha e a America, isto para não

fallar na quantidade de guerras coloniaes em que se entretêm os povos todos do mundo!

No entanto, a nós afigura-se-nos que a guerra entre nações será breve substituida por outra guerra, talvez peor, a guerra entre as classes!

O systema colossal dos armamentos, que esgota o sangue dos mais prosperos paizes; a repercussão que hoje teria em todo o mundo civilisado uma grande guerra entre duas nações christãs; a inextricavel rêde de interesses economicos e financeiros que liga entre si todos os povos dos dois continentes americano e europeu e das poderosas ilhas britannicas, tudo isto ha de obstar a que, de animo leve um estadista, um rei, um Parlamento se declarem pela guerra, que só desastres e horrores traria a todo o mundo, com as suas matanças, catastrophes, ruinas incalculaveis.

A Hespanha, é certo, bate-se em Marrocos, mas tem a desculpa de bater-se contra mouros, como os seus avós fizeram durante nove seculos, e como ella por tradição e gosto e geito não póde deixar ainda de fazer.

A Italia bateu-se e foi batida na Abyssinia, porque a desvairou um louco appetite de conquistas coloniaes e porque precisou de um forte derivativo para a sua inquieta e agitada politica interior.

Guilherme II passa a vida a declamar sobre a «espada afiada e a polvora secca», mas n'esta *scie* parece mais um *matamore* de comedia do que propriamente um neto de Frederico e um discipulo de Bismarck.

A guerra, a grande guerra, é, pode ser ainda, uma reviviscencia do passado, não um sonho ou uma instituição, consagrada pelo futuro.

Mas, como o homem não renuncia á sua ferocidade atavica, eis que hoje as doutrinas avançadas fazem da morte um instrumento de ataque. e as doutrinas conservadoras fazem da morte um instrumento de defeza!...

A morte! A morte! Sempre a morte! A vida do individuo continúa, para o individuo, a ser uma folha leve que o vento leva, um grão de areia que vôa, um atomo de cinza que se desfaz!...

E' debalde que se organizam pelo mundo inteiro associações que têm a paz por distinctivo e bandeira. Se legiões de soldados christãos se não defrontam com tanta frequencia como outr'ora com outras legiões igualmente aguerridas e disciplinadas dando á morte uma poesia de epopeia, que lhe disfarça o horror, não é por que a bondade tenha crescido no mundo. E' porque a Europa já não poderia supportar uma guerra de cem annos como a que devastou a Allemanha,

uma guerra de *trinta annos*, um systema de guerra permanente emfim, na qual a trégua era a excepção.

As condições da existencia social e internacional mudaram tanto, tanto, que se conseguiu por interesse e indirectamente o que nunca se conseguiria por humanitarismo.

Guerras de religião; guerras de conquista; guerras sem motivo a não ser o capricho arbitrario de imperantes, tornam-se hoje, se não impossiveis, ao menos rarissimas. A Hespanha para guerrear em Marrocos tem de cingir-se ás determinações da Conferencia de Algeciras. A guerra do Transvaal foi para a Inglaterra um erro deploravel que ella em politica já está começando a pagar duramente, que ella pagou logo em milhões de libras esterlinas e nas innumeradas vidas arrancadas á fina flor de sua aristocracia, essa

aristocracia que é a selecção de raça mais perfeita que o mundo hoje conhece!

Mas que importa? Mudam os nomes, o que não muda é a fatalidade do instinto que fez do homem, segundo Hobbes, *um lobo para o homem!*

O futuro promete mil cousas radiosas, mas os apostolos d'esse futuro de paz, de fraternidade, de justiça integral, empregam para realizar esse ideal talvez inatingível, o punhal ou a bala do assassino, a bomba do incendiario, a furia cega das multidões inconscientes ou desvairadas, que matam, violam, destroem, roubam saqueiam, em nome de que? Em nome do que mais bello ha na terra: a fraternidade humana!

Que miseria! Que horrivel contradicção! As sociedades defendem-se matando; as revoltas prenunciam-se matando! E as gerações passam ephemeras, como diz o *Ecclesiaste*, e de toda a parte se ergue o mesmo clamor tragico de morte!

Como se lhes não bastasse a que vem sempre, a que é inevitável, a que aparece conviva intrusa em todos os festins, a que surge ao sol das manhãs de primavera em que tudo pullula, ao meio dia dos estios fecundos, na noite sinistra dos invernos tempestuosos! Como se não bastasse essa, que em sessenta annos varre da terra uma geração inteira de vivos, sem ter auxiliares na sua missão destruidora e feroz!

Los muertos mandam. E' preciso que se mate sempre. Uns impellidos pelo instincto de feras. Outros movidos por fanatismo de seita. Aqui mata-se em nome da lei, alli em nome da justiça. O resultado é sempre o mesmo. As mães ululam na sua agonia inconportavel. As esposas, as filhas cahem. despenham-se na negra miseria, ou na negra prostituição.

Não basta a *horrenda condemnação á morte* que pesa sobre toda a humanidade, esta

condemnação que ella só, entre todos os animaes da criação, vê sempre imminente sobre a sua cabeça tão fragil! Não basta este *oratório* de horas ou de annos que é a vida, suspensa entre dois abysmos, que ninguem ainda sondou, mas que o homem sabe que existem, e que por existirem lhe dão á vida ephemera um sabor tão acre, uma ancia tão angustiosa! E' necessario ainda que essa vida já tão curta seja abreviada tragicamente pelo crime dos ambiciosos, pelo fanatismo dos sectarios, pela ferocidade dos maus, pela utopia louca dos sonhadores de abstracções impossiveis, pela dura necessidade imposta á sociedade de defender-se dos que a querem desorganisar, destruir!

E digam-me lá que a razão do homem é uma bella cousa, uma cousa livre, que se move sem limites. E que a razão basta para que a vida seja

boa, e que á razão soberana compete o traçar o schema dos progressos da humanidade!

Pobre razão humana! Se ha cousa mais contingente, mais fallaz do que ela! O instincto do animal é mais infalivel, merece mil vezes mais confiança, que a razão do homem. Não falta nunca a féra que persegue a presa, ao mastim que segue o rasto do dono ou do inimigo, á aguia que das alturas espreita o predestinado ser vivo que lhe servirá de repasto!

E a razão transvia-se, allucina-se, projecta de si visões pavorosas que se tornam em realidades; deixa que os maus desejos do homem se mascarem em concepções suas, e julgando-se senhora não passa de escrava illudida manobrando ao impulso de desnorteadoras paixões.

Taine diz que o homem *é um louco furioso com intervallos lucidos.*

Mas quantas vezes se julga lucido, quando está mais furioso! E' nos intervallos de lucidez que elle tem edificado as bellas cousas que nos deslumbram, o que não quer dizer que no delirio quasi habitual elle não tenha creado tambem cousas magnificas, que nunca chegamos a entender bem!

Quem pode dizer-nos quando elle está na verdade, ou quando está no sonho! Sujeitos todos ás mesmas leis mentaes que nos limitam, não sabemos nem sequer quando acertamos, ou quando estamos em erro! Se a razão é a unica aferidora dos seus proprios actos, como saber quando acerta ou se engana?

Ha uma cousa, porém, que sabemos todos, que não podemos deixar de saber: é que a vida humana é uma cousa preciosa, a resultante de mil forças desconhecidas que actuam no Universo.

E que os homens, que hoje, em nome do futuro de paz e de felicidade, matam sem piedade, assassinam sem dó, não são creadores de energias boas, nem suscitadores de actividades fecundas, são um elemento da destruição e de anarchia.

Deixem que o tempo opere os seus milagres incessantes; não desgracem uma geração em favor de outra futura, que, sem tal sacrificio, unicamente pela lenta evolução das idéas e dos interesses, alcançariam o bem que violentamente querem conquistar para ella, e que não agradecerá aos algozes de seus paes...

Que cada um d'esses pastores allucinados melhore o mundo, melhorando-se a si, fazendo-se mais forte e mais bondoso, mais capaz de esforços nobres, fazendo-se mais piedoso, mais dedicado aos infelizes, mais desinteressado, mais puro, mais cultivado no seu espirito, mais altruista no

seu coração. Isso, sim, que seria o meio de resgatar o mundo das iniquidades que o affligem!

A violencia nada prova, a violencia a ninguem persuade. Como a mentira, ella é esteril e sáfara.

A doçura de Christo venceu o duro mundo antigo. Só os que são doces e bons conquistam almas e implantam na terra uma porção da verdade total que ella precisa para salvar-se da eterna incerteza, do eterno *cauchemar* em que se debate á tôa...

Villa D. Pedro, Outubro de 1909.

II

O congresso e a educação da mulher

Fallei-lhes no outro dia, de passagem, do Congresso Nacional que se reuniu em Lisboa, e cuja primeira sessão foi presidida por el rei D. Manoel.

N'esse Congresso duas cousas se manifestaram com igual intensidade. Primeira: a somma de intelligencias cultas e laboriosas de que o nosso paiz póde ainda ufanar-se. Segunda: a extrema complexidade da vida contemporanea e a quasi impossibilidade em que os poderes publicos se encontram de conciliar interesses, na apparencia pelo menos, absolutamente antagonicos.

A industria, o commercio, a agricultura, essas trez forças vivas de todo o paiz moderno e civilisado, fizeram ali ouvir com extraordinaria copia de argumentos e documentos as suas vozes discordantes.

Cada um d'estes factores poderosos da vida social desejava predominar sobre os outros. E apesar do talento demonstrado abundantemente, e apesar dos factos eloquentes que cada um d'elles invocava em seu favor, a verdade é que estes trez grandes interesses, pelo menos entre nós, mais se dividem do que se harmonizam. E da harmonia d'elles é que nos póde vir a paz social e a tranquillidade economica.

A terra está dando pouco, e do pouco que dá, pouco póde vender-se. Crise de vinhos, crise de vinha, crise da cortiça, falta de braços que a emigração leva a longinquas terras.

Eis os males que pódem bem fazer-nos exclamar: *La terre se meurt*. A industria excessivamente protegida, o commercio realmente em progressiva prosperidade, parece que não deviam ter razão de queixa. Pois lá mostraram que têm a maior.

Em todo o caso, já que no Parlamento acabou toda a discussão que não seja de interesse partidario, mais ou menos violento, viu-se n'aquelle novo Parlamento, que ha muito em Portugal quem saiba fallar, pensar, escrever, e quem possua nas suas varias especialidades uma cultura intensiva e conhecimentos verdadeiramente notáveis.

Um dos assumptos de que o Congresso se occupou e do qual eu quero especialmente fallar, foi da educação da mulher portugueza.

Pobre mulher portugueza!... O horrivel pendor que está levando a sua educação! Ella está hoje

peior do que nunca foi! Das idéas e dos costumes estrangeiros ella escolheu para si o peior.

Sahiu d'aquella recatada e humilde ignorancia que pelo menos a resguardava de vistas ironicas e indiscretas, e lhe mantinha integros e intactos os mais essenciaes pudores do seu sexo, e não tem a grande educação, a grande cultura, que, substituindo-se a essa ignorancia, a podia elevar e fortalecer contra o mal em todos os seus aspectos multiformes.

Em França, por exemplo, na Babylonia de que todos apontam os vicios e as perigosas exhibições de desenfreado luxo, só umas certas e determinadas classes estão contaminadas do *virus* terrivel que ainda assim tão decadente a está fazendo.

Emquanto que a mulher do povo e a mulher das classes enriquecidas e da casta politica, mais corrupta do que nenhuma, atiram fóra, uma com

todo o seu passado de humilde trabalhadora, vivendo por assim dizer, fóra da lei moral, outra com todas as leis restrictivas e repressoras dos instinctos em revolta — as classes médias continuam a ser exemplares de trabalho, dedicação e nobreza feminina.

Não ha nada mais encantador que a *menagère* franceza.

A graça, que é n'ella um instincto atavico, perfuma e illumina todo o ambiente que a cerca.

Economica, laboriosa, *associada* do marido em toda a extensão e intenção da palavra, ella é exemplo e edificante lição para os que a pódem conhecer de perto. Esse fermento puro é que faz levedar a massa nacional e impede que a podridão a dissolva.

Por muitos seculos a ingleza, quer mulher do modesto *yeoman*, quer do grande senhor, ou do commerciante obscuro, soube ser a guardadora

fiel do lar, a que lhe mantinha o asseio ou a grandiosa hospitalidade, a alegria sã, ou a abundancia estimulante.

Hoje, a mulher ingleza, tal qual a retrata e reflecte a sua litteratura, mudou muito e mudou para peor. Famosa pela paciencia com quem sabia supportar o tédio da vida, monotona e cheia de pequenos deveres pesados e incommodos, ella emancipou-se agora, e a energia com que sabia ser dona de casa exemplar e resignada, emprega-a de outros modos, alguns bem antipathicos.

A portuguesa era um *specimen* encantador do seu sexo, em toda a parte.

Alegre e viva, activa e bemfazeja, amando a sua casa, embora ninguem lhe tivesse ensinado a enfeitá-la e a alindá-la, ella era o refugio certo que o homem buscava nas horas tristes ou nas horas de cansaço e desalento. Pouco exigente, era pouco custosa. Mais um consolo do que um encargo.

Não era muito elegante nem muito artistica a vida domestica nas classes que não tinham o raro apanagio da opulencia, mas era tranquillã, envolvia-a um dôce véu de bondade e carinho. Bem sei que não havia flôres na meza, mas o jantar era sempre saboroso e são. As creanças não vestiam como bonecas de luxo para uso de francezas, mas eram gordinhas e fortes, cheiravam ao bom leite maternal. As *toilettes* eram modestas e nem sempre de bom gosto, mas o marido, mas o pae não se esfalfava, não se empenhava, não fazia desfalques, para as comprar.

A primeira aragem da civilisação o que trouxe ás nossas mulheres?

O gosto e o desejo de lerem, de se instruírem, de se collocarem ao par do que por lá fóra havia de mais alto e de melhor, tornando-se um elemento social de alta valia?

A aspiração de encherem de belleza e de arte a sua casa até ali desataviada, e onde os moveis antigos, se os houve alguma vez, estavam nos desvãos do sótão ou nos quartos dos creados, e as cadeiras folheadas de mogno se perfilavam em volta das paredes, adornadas tambem, com bancas de jogo e castiças de prata, ladeados do respectivo espevitador?

A ancia de servirem ao marido de auxiliar, copiando, traduzindo, extrahindo notas, escripturando livros, fazendo o papel de socios da mesma firma social? Servindo-lhes na vida com todas as faculdades preciosas que completam as faculdades do homem, e que por assim dizer fazem do par humano a unidade completa e poderosa?

O amor da graça que espiritualiza, e que faz ás vezes de um simples vestido de *cretonne* e de um chapéu de palha com papoulas ou margaridas,

uma obra de arte que a melhor *faiseuse* perfilharia, e que ella aprendesse a crear com as suas mãos de fada?

A pertinacia de aprender como se cosinha hygienicamente, como se arranja uma casa, como se faz de uma habitação de familia um lugar salubre, elegante, modesto embora?...

Não!

Nada d'isso. O que a mulher portuguesa aprendeu nos figurinos estrangeiros, que achou em máus romances e em pessimas comedias, foi a gastar até ao exgotamento a bolsa do marido, levando-o assim indirectamente até á miseria ou até ao crime; foi a exhibir-se com todas as extravagancias exageradas das modas de *máu genero*, em todos os sitios onde a possam vêr... e admirar, julga ella, coitada!

Foi a não estar em casa senão o tempo necessário para dar as ordens a uma pessima

cozinheira. Foi a não tratar dos filhos, a não andar com eles, deixando-os em mãos inhabeis e mercenarias, quando não deformadoras e corruptoras.

Foi a passar as noites na atmospherá viciada e excitante dos theatros, ouvindo e vendo casos de adulterio, mais ou menos pittorescos, apimentados ou sentimentaes. Casos que vão desde a *Dama das Camélias* até á *Parisiense*, e desde a *Zazá* até á *Vierge Folle*.

Foi a viajar todos os annos, não para vêr museus, cathedraes, cidades de arte, costumes originaes, monumentos de civilização extincta, aspectos de vida e de poesia; mas para conhecer os *theatrinhos*, os lugares onde Paris baixo e réles se diverte, e onde os estrangeiros julgam encontrar a fina flôr da sociedade franceza!

Foi para percorrer *casas de chá*, *restaurants*, costureiras, modistas, joalheiros, comprando mais

do que póde, invejando o que não póde comprar, abrindo os seus olhos aos espectaculos máus e dissolventes, abrindo de par em par a sua alma á invasão violenta das cubiças, das tentações, das sensações corruptoras!...

E' isto até agora o que a civilisação nos tem dado!

Desappareceram, é certo as matronas desgraçadas, as creanças mal vestidinhas, as donas de casa que só fallavam de criadas e da carestia dos alimentos. Desappareceram as pessoas de meia idade, porque se tem só vinte... ou oitenta annos, e então já se não é gente!

Mas que importa, se a que as substituiu não as vale moralmente e é muito peor, como perigo social e economico.

O marido tem flôres na meza, flôres que a mulher compra em alguma loja cara, e com as quaes volta para casa, com ares de *Tosca*, mas o

jantar é pessimamente feito e temperado, a louça está mal lavada, tudo denuncia a ausencia quasi perenne da moderna *Madame Benoiton*, que sahiu de manhã para compras, que sahiu á tarde para o passeio, que sahirá á noite para o theatro, e para quem a casa é um quarto de *hotel*, com uma sala bonita, que se enche de flôres e de que se limpam os *bibelots* nos dias em que *Madame reçoit*!

Os resultados nefastos d'esta vida no ar, vida de impostura, de apparencia, de falso luxo, de falsas joias, de falsas sedas, de falsa felicidade, d'esta vida de que o elemento religioso, isto é, *interiormente* religioso, desapareceu por completo, de que o elemento moral, com poucas excepções, desapareceu tambem, d'esta vida incompativel com a intimidade e identificação de duas almas e de dois destinos, incompativel com uma sã educação dada aos filhos, d'esta vida em que os ricos pagam a quem finja substituil-os no

cumprimento dos seus deveres — mestras, creados, amas — e em que os pobres nem sequer pagam, e deixam tudo ao abandono, — os resultados funestos de tal decadencia, estão ahi bem patentes a todos os olhos que queiram e saibam vêr.

E' por isso que eu peço ás queridas senhoras brasileiras que me lêem e que ainda conservam vivo e salutar o perfume de todas as santas e deliciosas virtudes domesticas, que não consintam que a tal chamada civilização lhes roube tudo sem nada lhes dar em troca! Civilização não é isto!

A vida, espiritualizada pela intelligencia e pela arte, a vida, elevada e engrandecida pelo estudo, pela amplidão dos horizontes intellectuaes, pela experiencias das coisas, a vida tomada sob o seu aspecto poetico e eternamente bello: isso sim!

Isso torna o lar domestico um recanto do céu, ali a existencia transforma-se n'uma lição de todas as horas, e essa lição formará *homens e mulheres* dignos de tal nome!

Era isto o que eu queria vêr entre nós. Não o culto das apparencias, o *snobismo* feito evangelho, a mania de *parecer* tornada epidemia.

Que homens sahirão das mãos de taes mães? Que mulheres hão de formar-se no seio de tal desorientamento! E a anarchia moral sóbe, sóbe, como uma maré devastadora que ameaça subverter-nos a todos. Uma sociedade assim não se conserva. Destroe-se antes por taes processos de vida.

1909.

III

Prégadores e jornalistas

Nada muda essencialmente no Universo. Dado o homem, dada a mulher, elles têm sempre sentido as mesmas necessidades, obedecido aos mesmos instinctos, seguido os mesmos impulsos, soffrido a influencia das mesmas forças exteriores ou interiores. Nada muda essencialmente. Só mudam as fórmãs, as apparencias, os nomes. E como o nosso triste saber é feito de apparencias, formas e nomes, nós julgamos sempre que tudo tem mudado, porque elles mudam incessantemente. Para quem vê as coisas de fóra, como não julgar que a mudança é a lei da vida?

No outro dia acabava eu de lêr um livro sobre as antigas religiões orientaes, e o poder do *sacerdocio*, primando ali todos os outros, ou antes absorvendo-os a todos.

Vira ali como facto culminante a força poderosissima da *casta sacerdotal*, a mais antiga, a mais intelligente, a mais sabia, a mais nobre, aquella a que tudo mais estava sujeito. Em roda d'esta casta gira toda a vida domestica e social d'esses tempos apartados. E' ella que impera absoluta e tyrannica nas almas e nos corpos, nos pensamentos e nas acções.

E' ella que distribue a *Sciencia* e a *Fé*.

Os seus mysterios, que raros iniciados penetram, os seus ritos, as suas cerimoniaes, as suas prescripções sybillinas, a immensa e fervilhante vida que ella faz pollular dentro e em roda dos seus sanctuarios, constituem, por assim dizer, toda a existencia moral e material dos povos

diversos da Asia, do Egypto, das antigas e monstruosas civilisações hoje extinctas!

Os sacerdotes só muito tarde cedem aos chefes guerreiros, que ainda assim dominam, alguma parcella do poder integral que contralizam em si.

Elles inspiram a guerra, celebram a paz, codificam as leis, castigam os crimes, definem as virtudes, escravizam ou libertam, ensinam ou limitam os conhecimentos, determinam os impostos e recebem-n'os. Todas as actividades d'elles promanam, todos os respeitos a elles se consagram. Desde a hygiene pessoal até ao culto publico, desde a policia até á moral domestica, é a casta sacerdotal quem se encarrega de tudo fiscalizar e transformar em lei.

A' primeira vista parece que tal fôrma social morreu, succumbio de todo. Que não ha vestigios d'ella em parte alguma. Grande erro. Nada morre; tudo se tranforma.

Tudo está na mesma essencialmente; sob outras fórmulas, já se vê, menos pitorescas, mais ou menos racionais, não sei se mais disciplinadas...

Ella, a casta privilegiada, tinha a seu cargo os costumes, as crenças, a alimentação, a hygiene, a educação, o vestuário, o systema financeiro, os interesses economicos, a moral, o culto, a sciencia, a guerra e a paz. Ella é que mandava tomar banhos; sustentar-se a gente de certos alimentos; evitar outros; domesticar e amar certos animaes; vestir-se de certo modo; não roubar, ou roubar segundo certos cerimoniaes guerreiros; não matar uma pessoa, mas matar trinta ou quarenta, conforme as regrasmeticulosamente explicadas; ter uma mulher só, ou ter mais algumas; immolar os velhos ou dar-lhes de comer; pagar determinadas primicias ou dizimos; executar certas danças, ceremonias, genuflexões mais ou menos symbolicas e complicadas;

respeitar umas pedras; edificar umas sepulturas; desprezar umas certas *castas*; ajoelhar-se respeitosamente deante de certos idolos, ou de certos personagens; ter a outros um odio profundo; obedecer cegamente a uns certos figurões; dar-lhes nos banquetes, sacrificios e festas publicas uns lugares especiaes, reputados os melhores; e mais isto, e mais aquillo, e mais aquell'outro...

Digam-me agora, se são capazes, que as mesmas cousas exactamente não existem hoje, que não estão em vigor os mesmos regulamentos, as mesmas ceremonias, as mesmas leis, os mesmos costumes, os mesmos preconceitos...

A differença consiste apenas n'isto: E' que então, não havia um só acto individual ou colectivo que a *casta sacerdotal*, com exclusão de todas as outras, não tivesse debaixo da sua auctoridade absoluta e tyrannica.

Como dão vontade de rir agora os anti-clericaes de comicio, quando a gente, não direi os ouve, mas lê o que elles lá disseram!... Se elles lêssem um pouco mais e fallassem um pouco menos!...

Agora o que incumbia a essa casta só, incumbe aos médicos, hygienistas, legisladores, policias, dignitários dos diferentes Paços, ou Reaes ou Imperiaes, ou Presidenciaes; aos mestres-salas sagrados e profanos, ao municipios, aos administradores de Concelho, aos Ministros das Finanças, ás camaras, ao exercito, á burocracia, ao funccionalismo, aos *snoobs*, officiaes e não officiaes, e só de vez em quando aos sacerdotes.

Estes, coitados! é que têm sido mais alliviados de encargos e trabalho, attendendo ao muito que tiveram de fazer durante seculos e seculos.

E ainda os livre-pensadores julgam que elles fazem muito!

A religião é uma parte, infelizmente cada vez mais resctrita e diminuida do machinismo social, ella que foi *tudo*, não nos seculos christãos (em que peze a devotos e a livre-pensadores), mas principalmente nos tempos em que o mundo não sonhava sequer com o advento do christianismo.

Christo disse: «Dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus!»

Nas religiões asiaticas e egypcias, tal proposição seria subversiva, revolucionaria!...

Deus, quer dizer o homem mitrado que o representava, queria *tudo*, e não dividia o imperio d'este mundo em dois quinhões, deseguaes que fôsem.

E' no Oriente de Rama e de Khrishna, de Brahma, de Bhuda e de Vichnù, que pudemos

encontrar a absorpção completa, absoluta de toda a vida humana na idéa religiosa.

Tudo é *nada* ao pé da exaltação ascética que então assoberba, domina, anniquilla completamente a raça humana.

Entre esse mysterio esmagador e o pobre sêr vencido de antemão pela grandeza do seu sonho, existia um interprete único: o sacerdote. Para elle, os sacrificios, os dons, os affectos, as adorações, as subserviencias de escravos. Por elles e para elles tudo de que podia dispôr materialmente a raça escravizada dos humanos.

Mas agora ainda ha párias que trabalham para que outros gozem; que matem e morram nas guerras para que outros sejam famosos na historia; que se sacrifiquem, que se submettam, que curtam fome e frio nas ruas da Babylonia que se chama Londres ou Nova York; que nas planicies incommensuraveis da Russia fecundem a terra

com o suor do seu corpo alquebrado de escravos; ainda ha mineiros que desçam ás profundas e negras entranhas da terra, e que de lá extráiam riquezas de que não gozarão uma migalha sequer; ainda ha castas desprezadas que o rico afasta de si com gestos de horror; ainda ha o fisco a devorar o trabalho do pobre, e ha mendigos a enxamear nas grandes capitaes, e ha antros negros onde se morre lentamente de asphyxia e de falta de pão, e ha, o que talvez não houvesse então, creanças que a miseria e o vicio corroem desde o berço, que o mesmo vicio e a mesma miseria já trazem taradas, leprosas do ventre maternal!...

O que mudou pois? Unicamente a designação especial da classe que governa hoje dividida, subdividida em variadissimos, em multiplos disfarces.

As forças que actuam em mal ou em bem, são pouco mais ou menos as mesmas. Mudaram as fórmulas, as apparencias, os processos, os nomes.

Não sei como me arrastou tão longe e a tão remotos tempos a minha indocil phantasia.

Eram mais modestas as pretensões com que comecei este artigo.

Queria reconhecer sob as mascaras mais modernas, bem espessas ás vezes, alguns dos personagens antigos. E queria apontal-os ao leitor, a vêr se elle concordava ou não comigo.

Procurava, por exemplo, reconstituir a genealogia do moderno jornalista de combate, jornalista pamphletario, hoje fulminando a injustiça e redimindo um martyr (Dreyfus), áamanhã levantando as multidões e atirando com

ellas ao crime, á anarchia, á loucura destructora (Barcelona).

E, como segundo me parece, é a *casta sacerdotal* a que depois de exercer absoluta hegemonia sobre todas as outras, se dividiu, se seccionou, foi a cellula primordial de que tudo evoluciou, é ainda n'ella que encontro todo o *ancêtre* do moderno luctador da imprensa periodica.

Vejo-o nas ruas de Jerusalem, amaldiçoando, prophetizando, lançando anathemas e gritos, cabellos e tunica ao vento, sandalias rotas de tanto caminhar, voz rouca de clamar tanto!... Chama-se Ezequiel ou Jeremias!

Percorro seculos e seculos...

Vejo-o inflammando, excitando as paixões e as cubiças do homem, a sua fé, e o seu amor do desconhecido, na guerra contra o Turco... Chama-se Pedro, o Eremita!

Vejo-o em Florença, no seculo XV, chamando o povo inteiro á guerra contra a corrupção e a voluptuosidade, mas tambem contra a Belleza e a Graça! Contra os abusos da Egreja e os crimes do Papa, mas tambem contra a fórmula divina de Venus — a resuscitada — e contra o sorriso austero de Minerva, a sublime Pensadora!...

Vejo-o a querer reformar a Egreja, e queimar as obras primas da Arte Antiga, aqui fundindo ao fogo uma estatua de ouro, ali incendiando um manuscripto encantador, além quebrando a golpes de machado a augusta belleza de um corpo de mulher impecavel! tirando enfim á terra toda a consolação, toda a magia resurgidas, porque o homem não vive de belleza, mas sim de caridade, de martyrio e dôr...

Chama-se Savonarola!

Vejo-a em França fomentando as coleras da Liga, preparando e applaudindo a cruel Saint-

Barthelemy, sendo a inspiração de regicidas, o sophisma dos máus, a desculpa dos cruéis!

Vejo-o na côrte de Luiz XIV dizendo, é certo, ao rei, as mais duras verdades, lançando em rosto aos grandes, prevaricações, injustiças, maldades, mas prégando a revocação do Edicto de Nantes, e roubando ao protestante, como hoje o sectario, seu descendente directo, quer roubar ao catholico, a liberdade de sua consciencia, a influencia sobre a alma em botão dos filhos pequeninos.

E' o mesmo. Não o conhecem? Bom e máu. Poderoso sempre. Tyranno de alheias idéas, fanatico intransigente das suas. Não tem o pulpito das cathedraes sonoras, tem a columna do jornal, do alto da qual lança ao mundo sementes boas e sementes venenosas, palavras de justiça e palavras de colera, influencias de que se hão de fazer

revoluções, anarchias, reformas generosas, batalhas de sangue, epopeias de Dôr!...

Não os condemno. Não os julgo. Analyso-os. Constato a sua força. Defino-lhes a hereditariedade. Aquelles que antigamente do alto da cathedra sagrada clamavam contra os crimes dos grandes, e exaltavam a esperança dos humildes cumpriam a mesma funcção social que hoje é realizada pelo jornalista de combate. Se é sincero, que enorme é a responsabilidade, que sublime o dever que assume! Se as proprias paixões o desvairam e lhe turvam a vista de alma, que immensos perigos ha no instrumento que maneja!

Se os de hontem exaggeravam, deturpavam, viciavam muita vez essa funcção social, de tanto alcance, não fazem os de hoje exactamente o mesmo?

Uns, fallando em nome de Deus, atraçoaram a lei divina, outros fallando em nome da Justiça, esquecem que ella é calma e não colerica, que quer a paz e não a vingança.

Têm e tinham ambos nas mãos, que se abrem umas vezes cheias de verdades, outras de illusões anarchisadoras, a alma ingenua dos desgraçados que a miseria oprime e corrompe...

Uns fallavam do ceu em que *os primeiros seriam os ultimos*, outros do momento em que os que têm fome, verão extorcer-se com fome os que hoje vivem na abundancia!

Ambos exaltaram essa mesma perigosa paixão do odio no coração atormentado do miseravel.

Uns diziam: «Sê bom, sê humilde, sê docil, sê obediente, e será teu o *Reino do Ceu*.» Outros dizem: «Revolta-te, resiste, mata, sacode o jugo odioso dos que estão em cima e alcançarás o

Reino da Terra.» Uns e outros seriam e serão talvez sinceros. Nenhum está na verdade!

O homem não é, não deve ser, nem besta de carga, nem bandido!

Mas se a convicção própria absolve às vezes uns e outros dos males que fizeram, e que estão fazendo, a verdade está no meio dos dois excessos sectarios e a verdade ninguem a quer ouvir!

Que os pamphletarios de hoje se não insurjam ao menos contra os prégadores de hontem! Ambos empregam os mesmos processos, ambos appellam para as mesmas paixões. Um promette a felicidade eterna ao que á sua voz se erguer armado, implacavel, vingativo contra o infiel, contra o herege, contra o revoltado, contra o reprobado; outro promette o Eden na terra, ao que obedecendo-lhe destruir tudo que hoje existe organizado e solido...

Prégadores ardentes de hontem, jornalistas sectarios de hoje, sois da mesma familia, tendes a

mesma alma de colera e de tempestade, aspirais sempre á destruição d'aquillo que tendes a arrogancia de julgar máo, sois o mesmo espirito de revolta soprando sobre as almas e roubando-lhes a tranquillidade e o repouso.

1909

IV

Carmen Dolores

Os jornaes do Brazil que ultimamente tenho lido consagram todas palavras da mais profunda magua á morte de uma escriptora d'esse paiz, do maximo merecimento, cujo pseudonymo sympathico e melancholico era o de Carmen Dolores.

N'este mesmo jornal, o scintillante folhetinista João Luso dedicava todo o seu artigo á memoria da mallograda senhora. Na *Imprensa* a minha boa e querida amiga Maria Clara da Cunha Santos punha todo o seu coração tão grande affectuoso e meigo, na penna que traçava o elogio necrologico de sua illustre compatriota. E

percebe-se que todo o jornalismo do Brazil sente a morte da valente companheira dos seus trabalhos.

Comigo dá-se esta extranha coincidência: poucas vezes tivera ensejo de ler artigos e nunca lêra os livros de Carmen Dolores. Mas tinha-me chegado ás mãos, enviado pela grande amiga que ahí tenho, um artigo d'ella, decerto o ultimo que lhe saiu da penna brilhante e facil. Lera-o admirando a graça ondeante e ductil d'aquella prosa. E logo que acabava de o ler e de o admirar, pegando n'um jornal portuguez, vejo — annunciada pelo telegrapho — a morte de Carmen Dolores.

Tive aquelle calefrio que a idéia da morte, — da morte sempre proxima, avoejante, ameaçadora, sempre invisivel e sempre presente, tão *certa* como diz o nosso povo e tão *inesperada*, — nos causa quando defrontamos assim com ella!

Lembro-me que n'um periodo de horror em que a neurasthenia cravou em todo o meu sêr torturado as suas garras de ave de prêsa, e me venceu com a sua força que deprime, esmaga, aniquila, eu tive talvez pela primeira vez — extranha cousa — a clara e definida visão da *Morte!*

Sabia que se morre; tinha visto — ai de mim! — morrer quem muito amava! mas *vêr. saber, conhecer* a Morte, só nessa occasião unica me succedeu! Por que? Não sei.

Aquella hyper-aguda visão de Pascal, em que o homem lhe apparece *condemnado á morte*, esperando a morte, sabendo que morre, e divertindo-se — o infeliz! e gozando, e esperando, e planeando. e fugindo do assombro tragico do seu proprio destino, — eu tive-a então, não com a sublimidade de Pascal, mas com a sombria acuidade do seu olhar extranho!

E espantada perguntava a mim mesma: «Mas como é que eu pude *viver* até agora, *sabendo* que se *morria*?!

Por que me regosijei ao ver os meus filhos e os filhos do meu filho? Por que contei com o dia de amanhã? Por que fiz um projecto? Porque tive uma esperança? Por que ri, por que chorei, por que senti?»

O *abysmo* de Pascal entreabriu-se debaixo dos meus pés!

Quando estava eu lucida? Quando amei a vida, e a beleza dos seus milhões de imagens luminosas e a doçura dos seus sentimentos, e o sorriso e a graça dos seus dons, ou hoje quando percebo com uma agudeza atroz que se me enterra no cérebro como uma fina agulha em braza, que a vida só consiste em esperar a morte, em viver da morte até que d'ella se morre?

Ainda hoje, que o estado de soffrimento agudo passou, e que mal posso, pela memoria, reconstituir o em mim — ainda hoje penso que o unico instante de absoluta lucidez, de integral visão, de completa comprehensão que eu tive na vida, foi aquelle periodo de soffrimento intenso, em que voltada para dentro de mim mesma, isolada das apparencias vãs, surda ás vozes amigas, que debalde tentavam confortar-me, sem outro sentido a não ser o *sexto sentido* da visão interior, eu vi — eu vi claramente a vaidade, a tristeza, a dolorosa inanidade do que se chama vida!

Trouxe-me como que um arrepio longinquo d'esse estado, a leitura quasi simultanea do artigo cheio de animação e graça de Carmen Dolores e a noticia telegraphica da sua morte!...

Nunca a vi, não a conhecia, raras vezes a lêra, mas esse *frisson* do invisível ligou-me, também a mim, por assim dizer, á sua memória hoje tão evocada e lamentada, ligou-me aos muitos que por ella choram!

Todos os jornalistas brasileiros fallam do seu talento. Era uma companheira minha nas galés do trabalho forçado e necessario! Fizera da sua penna enxada, fizera do seu pensamento a ave presa que o dono faz girar em evoluções aprendidas na gaiola.

De humilde arame ou de ouro fino! que importa? A gaiola, qualquer que seja a materia prima, de que é feita é sempre gaiola para a ave das alturas ou dos valles que lá dentro se sente prisioneira e escrava!

Carmen Dolores! Lindo nome! Evoca tanta cousa sem ao mesmo tempo precisar nenhuma!

Evoca a paixão e a tormenta de alma! a doçura e as lagrimas silenciosas!

A mulher de grande coração e grande engenho que usou, que escolheu para si este nome, era muito amada, soube conservar os amigos da sua mocidade, e conquistar outros pelos caminhos aridos da sua vida de artista...

Encheram-lhe a casa de flôres, cobriram-lhe de flôres o corpo que o trabalho exaurio, a sua morte foi chorada pelo seu paiz em palavras de sentida e profunda tristeza. Todos os jornaes se referem á perda que as letras brasileiras soffrem com a sua apaixonada cultora! Foi pois feliz o seu destino!

E aquellas que viram a morte dizimar e quasi que destruir totalmente os affectos da sua primavera chilreante e do seu quente e formoso estio?! E as que não têm coragem para crear novas amisades, tanto é certo que no calix dos mais

puros affectos ha sempre no fundo uma gota de fel?! E aquellas que sentem o desanimo de viver, achando que quanto menos intensa fôr a vida, menos dolorosa e difficil virá a ser morte?! E as que acham sublime de verdade a celebre imagem de Chateaubriand:

«O coração mais sereno na apparencia é semelhante ao poço natural da *Savana Alachna*: a superficie é calma, transparente e pura: olhai para o fundo e lá vereis um crocodilo enorme que o poço nutre das suas proprias aguas!»

Carmen Dolores segundo os jornaes todos asseveram, vivia do seu trabalho, trabalhava para viver! Quantos dos que narram simplesmente este facto tão simples e tão frequente ignoram o amargo veneno que elle encerra, e contém! N'isto é que ella foi desgraçada!

Póde trabalhar-se em tudo para viver, menos nas letras. O trabalho das letras feito industria é a mais negra escravidão a que o pensamento humano póde curvar-se!

Spinosa facetava diamantes, para ganhar o pão e pensar depois livremente. O que escreve para viver tem tanta vez de trabalhar quando não póde! de callar o que mais estimaria dizer! de dizer com cautella o que fervorosamente pensa! de consultar mais o gosto d'aquelles que o escutam do que o seu proprio gosto, do que o seu proprio instincto!

Se Dante escrevesse para viver não existiria hoje a *Divina Comedia*.

Se Cervantes tivesse tido um bom edictor, o *D. Quixote* não faria rir e pensar consecutivas gerações!

A grande decadencia de toda a arte data da hora em que ella se torna lucrativa!

Mas para os desgraçados escriptores nem sequer succede que a grandeza dos lucros, diminuindo, é certo, o valor, a sinceridade, a originalidade da obra, aumente e determine o bem estar, a riqueza do autor.

Em Portugal, sobretudo e parece-me que no Brazil, o escriptor é, por sua má sina, pobre sempre.

Tem de trabalhar affadigosamente para um publico indifferente que já muito lhe faz, se o não deixar morrer á mingua!

Nos outros paizes, por exemplo na Franca e na Inglaterra, com o desaparecimento do faustoso Mecenas, protector do artista e influencia deprimente que o degradava, coincidio o apparecimento de outro Mecenas de milhões de cabeças, cubiçoso, glutão, caprichoso, exigente, avido de novidade, avido de sensações, mas que

enriquece os seus favoritos sem os obrigar a viver de cócoras.

Esse Mecenas é o publico. Enche os theatros, esgota edições nas livrarias, proclama homens nas salas, escolhe nomes nas Academias!

Mas aqui, mas ahi, mas em Hespanha, mas na propria Italia, o escriptor é ainda o menos favorecido dos artistas.

O architecto, o pintor, o escultor têm encommendas do Estado, dos municipios, das associações. O escriptor só tem a protegel-o o seu talento se o tem; a sua habilidade se a sabe explorar!...

E esse talento precisa de o ter hoje, amanhã, depois. Ninguém se importa com a obra de hontem, é preciso que a de hoje corresponda ao sonho, ao desejo do seu senhor: é preciso que a de amanhã exceda a de hoje, basta uma paragem para

que a morte venha, a morte, isto é, o esquecimento!...

Carmen Dolores, a minha colega illustre, de que vou ler a obra, e cujo nome já me diz tanto pela admiração que deixou, pelos lamentos que inspira, morreu em plena elaboração, em pleno trabalho, se me não engano, em plena popularidade. Teve ainda assim uma sorte relativamente feliz.

A's flôres que em luxuosa profusão lhe cobriram a sepultura permittam-me juntar estas pobres flôres de uma desconhecida de aquem Oceano, que nas poucas vezes que a leu, a admirou, e a quem a noticia de sua morte entristeceu como se fosse a morte de uma irmã de luta e de trabalho.

Setembro de 1910.

V

O sentimento religioso

A tentativa de *deschristianização* num povo, além de cruel, affigura-se me de uma inintelligencia assustadora. E' necessaria uma falta completa de cultura historica, de comprehensão do complexo dever e da terrivel responsabilidade de governar, para desejar e procurar arrancar á alma dos povos o sentimento religioso, unico laço de communhão vivo e ardente que existe na raça humana.

O christianismo dos primeiros seculos e a Igreja organizada que d'elle evoluciou foram bem mais previdentes.

Esses tiveram a clara noção do que era necessario para attrahir as almas, interessar os corações e captar as vontades.

Achando, uma, ou antes umas poucas de religiões, reinantes em frente de si, nada ou quasi nada destruíram.

Na liturgia e nos ritos catholicos encontra-se a cada passo o vestigio evidentissimo das religiões do Oriente que em Roma e na Grecia tinham adquirido ascendente tão poderoso. Combatel as seria inútil dispendioso de forças, apropiá-las a differentes fins foi acto de boa politica quer instinctiva quer raciocinada.

Symbolos ou interpretações litteraes, isso ficou para destrinçar entre theologos e doutores.

O povo não curava de taes subtilezas escholasticas.

Esse achou logo para descedentar a sua séde perpetua de emoções e de imagens a mesma

pompa de ritual, a mesma grandeza de culto, a mesma força attrahente do mysterio.

A pouco e pouco essa fórmula insinuante do catholicismo foi accrescentada com a doçura, a tristeza empolgante, a evocadora magia da musica sacra e com as sombras grandiosas da cathedral gothica, floresta espessa de marmore, cheia de trevas reconditas, de sortilegios subtis, em que a alma sombria do barbaro, recémvindo á civilização christã, encontrou o que queria para alimentar o seu extase ou o seu terror!

A sensibilidade das almas primitivas que em longinquas florestas tinham bebido o sentimento do mysterio a sôrvos largos: a extenuada melancholia das almas gastas nos requintes de civilizações extremas; a curiosidade palpitante dos ignorantes; a ancia insatisfeita das mulheres; o pavor do barbaro cansado da carnificina em que

exaurira as energias da virilidade — tudo alli achou o que ardentemente aspirava encontrar...

Não lhes tiravam nada d'aquillo a que estavam presos pela tradição ou pelo preconceito. O culto das divindades locaes fez-se culto dos santos; os templos consagrados pela devoção pagã foram-se adaptando ao culto novo, que a todos conglobava; as florestas mysteriosas povoadas por divindades silvestres encheram-se de ascetas e de penitentes; o criminoso perseguido pelo remorso esteril do seu crime achou na expiação, consolo, voluptia, não sonhados!

O grande ambicioso inquieto e descontente pôde elevar-se mais alto que os potentados da terra! O rei injusto teve de curvar a cabeça altiva deante de um rei que o não temia e que o julgava. Ao mundo viera enfim a igualdade entre as almas — a unica que não é absurda — a Justiça, a lei divina que julga, não segundo as apparencias vãs,

mas segundo os corações, e que pesa na sua balança ideal as intenções, os esforços mesmo baldados, os sacrificios ainda os não acceitos, as lagrimas que ninguem viu chorar!...

Docemente, quasi que sem se poder marcar definitivamente a hora de tão suprema mudança, o mundo hellenico e romano e o mundo barbaro acharam-se transformados no ardente mundo catholico da Idade Média.

Não chegou a haver interregno. A alma humana não pôde viver sem religião. E essa a sua necessidade mais imperiosa e mais violenta!

Não ha uma graciosa tradição do christianismo que não tenha a sua raiz occulta no passado pagão. Nomes, significação intima das cousas, symbolismo, ou explicação litteral — tudo, já se vê, é diverso — mas a emotividade

popular vibrava ainda hontem ao contacto das procissões e das cerimoniaes cultuaes, do mesmo modo porque vibrava nas lindas festas pagãs de outr'ora!

As festas, quando a colheita do trigo e do milho se recolhe ao celleiro nas nossas aldeias portuguezas, em todas as aldeias latinas; as festas alegres da vindima de tão inebriante delicia naturalista, quando o mosto referve nas dornas, os risos se repercutem pelo claro espaço, o cheiro da uva esmagada sobe ao cerebro, e a mocidade ri pelas collinas e pelos valles colhendo os cachos louros, rubros ou violetas; o dia em que para ter pão, azeite, alegria e saude todo o anno, o povo corre em bandos pelas terras, arrancando ás searas mal maduras, ás arvores ainda sem fructo, o feixe de espigas, de ramos de oliveira, de papoulas e malmequeres que lhe vai enfeitar a triste casa sem conforto; as festas de acção de graças, ou de

preces celebradas aqui e alli, em capellas erguidas no alto de montes, solitarios, ou perdidos na espessura de arvoredos sombrios, em templos que a devoção especial de cada povoado dotou de imaginarios poderes — tudo isso o recebeu o Christianismo do seu grande antecessor, tudo isto elle conservou, amoldando-o de diversas maneiras, interpretando-o por modo mais espiritual, vestindo-o de symbolos mais extraterrestres!

Vem do fundo tenebroso insondavel dos seculos, esta ancia da creatura desamparada, entregue aos males multiplos, incuraveis da vida; esta ancia que a leva a refugiar-se em algum poder mais alto e mysterioso, que a proteja, que por ella interceda, que lhe allivie o peso enorme da sua miseria, da sua doença, do seu desejo imperioso e cruel, da sua maldade feita de tantas paixões indestructiveis. Se vinte seculos de christianismo

não *despaganizaram* ainda a humanidade, como é que dois seculos de impiedade hão de deschristianizar o mundo?

A essencia dos christianismo puro está na phrase do *Padre Nosso: Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no ceu.*

Pois bem, nós os que nos julgamos christãos, continuamente, ardentemente, anciosamente, contradizemos esta phrase synthetica de uma doutrina, gritando para os ceus, para os altares, para as imagens, para os lugares de romaria e de miseria humana, a nossa suplica impetuosa, a oração que *quer e pede* o que de outro lado nos dizem estar predestinado e assente de toda a eternidade. E' que o homem é sob todos os aspectos moraes, sociaes ou religiosos, o mesmo sêr, impulsivo e illogico que o instincto governa!

Só a Igreja Catholica, a instituição mais sobrehumanamente intelligente, que ainda logrou

durar na terra, soube fundir todas as contradicções humanas num todo harmonico, numa doutrina ao mesmo tempo pratica e symbolica adaptavel a todas as condições dos povos occidentaes. Só ella se resigna a acceitar de todos os credos antigos o que elles tenham de mais arraigado e impossivel de desbravar; só ella fez suas, penetrando-a de vida nova, todas as superstições de que a alma precisa para não se submergir no cahos; só ella achou para cada typo especial de humanidade a missão que elle mais efficazmente pudesse realizar, e acolheu todas as diferenças fundamentaes de temperamento — os doces e os violentos, os militantes e os contemplativos, os que luctam e os que acceitam extaticos, os que choram e os que vociferam — empregando cada qual consoante as suas forças e aptidões; só ella deu a cada sensibilidade o alimento proprio, abriu a cada sêde a fonte abençoada, encontrou para

cada quebra de regras sagradas a indulgencia que, sem incitar ao abuso, resgata da perdição; — só ella acompanhou o ser humano desde a hora em que informe e ensanguentado elle solta, mal despregado ainda das entranhas maternas. o seu doloroso vagido — preludio de tantos uivos de dôr — até á hora em que immobilizado na morte, modelado, esculpido por ella, como estatua sempre bella. ou da belleza augusta dos justos ou da belleza tragica dos miseraveis, elle desce á terra mãi, á terra hospitaleira, á terra transformadora milagrosa — acompanhado pelo canto de piedade plangente, pela divina promessa da Igreja, maternalmente prodiga de consolação e de balsamos.

Dura esta doce identificação da alma com o sentimento religioso que a exalta e amplifica, ha vinte seculos apenas?

Não. Dura desde sempre. Com o primeiro homem desgraçado, abandonado na grandeza inhospita na Natureza, nasceu a primeira aspiração a alguma coisa maior do que elle, maior do que essa Natureza sem sorrisos e sem lagrimas, alguma coisa que o salvasse de si, dos outros, dos monstros que o cercavam, dos monstros que dentro d'elle nasciam!...

Maior que todas as realidades humanas, anterior ao amor que multiplica a vida, ao odio que a devasta, a todas as paixões que a perturbam e convulsionam, a necessidade do *divino* é que dá ao homem a supremacia sobre a natureza inteira.

Roseau pensant lhe chamou Pascal, — superior ao Universo, apesar da sua mesquinhez ephemera, visto que *sabe* o Universo, e que o Universo o *ignora*!

Instincto poderoso, anterior á Razão, e que a domina e subjuga em todas as horas de crise!

Sentimento onnipotente e multiforme, superior á Vontade, e que a peia e desarma em face de todas as grandes realidades da vida — isto é, a Dôr e a Morte!...

Se considerarmos o christianismo, e a sua filha mais velha, a Igreja Catholica, nos seus aspectos sentimentaes e pittorescos, vemos como elle falla docemente, apaixonadamente, ás almas simples e ás almas desgraçadas, que são a maioria da raça humana! Se o vemos sob o seu aspecto social veremos que a ancia feroz de *igualdade* que ha no fundo do coração de cada pobre, só elle o saciou ainda até hoje!

A eleição foi a base da hierarchia. O Papa pôde vir da mais humilde familia, como agora mesmo vemos em Pio X.

O communismo dos bens só elle o pôz efflcazmente em pratica nas suas ordens militantes. E não só a *igualdade* é o seu lemma. O povo de todas as nações sedento de revindicações, e valha a verdade um pouco de vingança ou desforra, aprendeu do terrivel Deus de Israel trazido para a doçura dos Evangelhos o *odio ao mau rico*! Foi esse Deus que proclamou a lei que *exalta os humildes e rebaixa os soberbos*.

Contra os Reis, os poderosos da terra, os detentores do ominoso capital, quem quizer bravejar com eloquência e majestade terá de aprender nas paginas da Biblia, no verbo dos prophetas, nas grandes coleras de Israel!...

Não comprehendí nunca por que souberam ensinar o povo a renegar a fé em que foi creado. Só o christianismo deu ao pobre a dignidade, só elle deu ao rico insolente o desprezo, a maldição, o desdem aniquilador!

O pobre não é igual ao rico; é lhe superior. Domina-o sob o ponto de vista christão do alto da sua cruz redemptora! E é o povo a quem ensinam agora a dizer mal d'essa religião que libertou o escravo, que fez os homens irmãos, e na qual Christo nasce nas palhas de um estabulo, para mostrar assim que escolheu a pobreza, a humildade, e que n'ellas se encarnou!

Depois ha tantas faces n'esse christianismo que hoje é alvo de todos os assaltos! Multiforme como nenhuma outra doutrina metaphysica ou social, não ha ninguem que n'elle não encontre um nicho especial onde se acolha!

Ao passo que o seu corpo de doutrinas escriptas é severo, e de uma exigencia muita vez impossivel de satisfazer — elle tem como appendices ou complementos toda aquella

deliciosa vegetação de tradições herdadas, de um encanto tão poderoso, de uma poesia tão edificante!

Florido de milagres, enfeitado de alegres e graciosas lendas, elle é o pabulo dilecto em que a alma popular mata a sua fome de emoção, de esperança e de fé.

O povo não vive só de dirimir questões de salario, de lutar com quem lhe dá trabalho, de exigir impossiveis que lhe pintaram proximos e realizaveis.

Tem mais alguma cousa que soffre dentro d'elle, que se atrophia, que o traz inquieto, irascivel e triste!

Elle não sabe o que é. Sabemo-lo nós. E' a porção de elemento divino que de sua alma precisa, e que os sophistas ou sectarios lhe roubaram.

Malheur a la raison si elle détruit la religion
— diz Renan, que não é de certo considerado um doutor da Igreja!

«Desgraçada da razão, accrescenta um subtil commentador d'este bello conceito, se ella destruir a illusão.

Ha systemas hereditarios de imagens, de idéas, de sentimentos, mais ou menos recentes, mais ou menos fixos, que são as funcções vitaes da alma, como os reflexos são as funcções vitaes necessarias á nossa vida organica.»

Tudo em que nós vivemos é illusão?

Seja. A religião será tambem uma illusão? Talvez. Mas este *meio* é nos essencial e necessario!

O livre arbitrio — illusão sem a qual nada fariamos, nada emprehenderiamos cahindo no fatalismo inerte do *fakir*.

Ilusão o amor, sem o qual a vida acabaria no planeta! Ilusões os sonhos dos patriotas, as doutrinas exaltadas dos utopistas, o amor da gloria, a ambição, as tentativas dos reformadores... Que importa. São ellas que nos impulsionam e fazem viver. Não lhes toquemos!

A analyse, a reflexão tenaz, a logica rectilinear, a razão destructiva, são faculdades negativas que desagregam e dissolvem.

E' o instincto vital, é a força inconsciente, a intuição e a hereditariedade propulsora que nos fazem existir com intensidade e avançar com segurança.

Não as mutilemos na alma collectiva, se não queremos a anarchia que desfaz uma civilização e que só depois de longos seculos de lucta e sangue e desespero, chegará a consentir que outra renasça ou se realize.

Deixemos ao homem a resignação ao inevitável e a esperança no ideal. A este orphão da felicidade só taes lenitivos facilitarão a triste passagem na terra.

1910.

VI

A mulher na Democracia

Dizem que tudo avança e progride.

Assim será, que eu estou já muito velha para contrariar as correntes de opinião que triumpham. Mas em todo o caso devo dizer que para as mulheres o tempo não vai bem!

A democracia tem pela mulher o desdem systematico que teve, em tempos, aquella Igreja, que ella tanto combate, e de cujo espirito, então estreito, autoritario, intransigente, ella tanto se approxima hoje.

A mulher vê-se agora, como se vio antes da Renascença, impellida para as ultimas fileiras sociaes.

Não tem no Estado, ao lado de seu marido, em qualquer funcção social, o minimo papel.

Emquanto que n'aquellas sociedades em que reina ainda o espirito aristocratico ella é rainha, e como Regente de um paiz mostra e prova o que vale; é imperatriz e czarina, e apparece na pompa, orgulhosa de faustosas côrtes, como astro puro, em que se fictam amoraveis os olhos de todo um povo de adoradores; ella é companheira do Rei e Rainha de nome, e preside á Côrte, e toma parte nas coroações esplendidas, e se mostra ás turbas enthusiasts envolta n'uma aureola de graça e de poesia, ou vai, entre os fulgores do Oriente, receber na fronte delicada a corôa de pedrarias deslumbrantes, e sentir-se acclamada entre belezas miraculosas e magnificencias das *Mil e uma noites*, á luz do sol faiscante que illuminou o berço da humanidade e o nascer de todas as civilisações; enquanto ella brilha em festas

sacras, e em ceremonias de remota magia, e exerce em torno uma influencia quasi divina, e consegue adoçar as asperezas da vida a tantos milhões de sêres, e faz milagres de caridade — essa caridade bemdita que teimam em mascarar com o feio nome de altruismo; — emquanto ella inspira poetas e artistas e dramaturgos, e vai ouvir a voz dos sabios que se delicias com a sua presença; — emquanto ella faz desabrochar, ao impulso magico do seu prestigio, a flôr da piedade humana, a mais preciosa e rara, — isto no meio de sociedades tradicionaes fortemente organizadas, em que tem o seu lugar marcado a Belleza transcendente. o luxo bem applicado e gerador de riquezas multiplas, — a graça feminina, — a pompa orgulhosa de altas funcções ancestraes; — emquanto a mulher tem nos Estados aristocraticos uma forte personalidade, uma especie de soberania incontestada—nas Democracias ella

tem de voltar a ser a serva invisível, obscura, do homem, cada vez menos generoso e mais brutal!

Não figura ao lado do marido em cerimonia alguma publica; se quizer collaborar com este de algum modo, terá de fazer os jantares que elle coma em companhia de correigionarios seus, altamente qualificados no Estado. Sentar-se á mesa ao lado d'elle — isso não.

A política não é para mulheres —dir-lhe-ha desdenhosamente o bom do homem que a sorte houver elevado ás altas culminancias do poder democratico.

— Mas Madame Fallières faz ao pé do marido as honras ás Rainhas que visitam a França?

Perdão! A França tem ainda a paixão pelas dynastias todas da Europa! Quem a quizer vêr contente, sirva-lhe uma realeza ao jantar! Mas isso é uma concessão feita ao povo, que a saboreia. A

lei não dá papel algum official á esposa de um homem de Estado, nas democracias de hoje!

As Republicas da Renascença Italiana divinizaram a mulher. Mas as Republicas e as mulheres d'esse tempo não se pareciam com as de hoje. Rainhas de belleza, de sabedoria, de cultura, ellas valiam tanto como os homens, quando lhes não eram grandemente superiores. Defendiam castellos e fortalezas contra a ambição de poderosos rivaes; substituíam o marido sempre que elle andava longe, em guerras de *condottieri* ou em proezas de heroicidade gratuita; presidiam a saraus de arte; inspiravam Miguel Angelo ou Vinci! Que tempos! Que capitulo de beleza immortal na Historia do mundo!

Agora as nossas pobres ambições não comportam tamanhos esplendores,

Mas mesmo pobres como são, é triste pensar que ellas vão sendo dia a dia vencidas.

A Igreja, ao principio rebelde, e temendo a mulher como o poder demoniaco, que levava a tentação e o peccado aos anachoretas e aos ascetas, organizou-se mais tarde e percebeu que para a grande cruzada do Bem, que por toda a parte abria horizontes e espaços novos, precisava do auxilio da mulher.

O que ella fez, o que ella conquistou ao mal, o que ella trabalhou em prol da triste humanidade! Não cabe nos limites — nem de uma bibliotheca inteira — a narração d'essa odysséa prodigiosa da mulher, organizada, disciplinada pelo immenso poder da Igreja!

Desde o tratamento dos leprosos em ilhas distantes, de immenso horror, e do tratamento de almas perdidas de mulheres, nas prisões e nos asylos onde a caridade christã as acolhia suave e fraternal, até aos mais puros ideaes do mysticismo contemplativo, sem o qual o mundo ignoraria

alguma cousa de bello, que ninguem mais poderia realizar — o que não fizeram ellas, as santas missionarias do bem, em face das grandes miserias humanas e sociaes!

Recolheram pobres roídos por todas as ulceras e vicios, ou apertados, estrangulados, por todas as serpentes da miseria physiologica; curaram de cegos, de surdos-mudos, de cancerosos, de idiotas e de máos! Foram anjos, á cabeceira de criminosos praguejantes, e de desgraçados sem Deus e sem pão; andaram pelos antros das cidades popu-losas arrancando á rua, e ás suas tentações horriveis, crianças que ainda não sabiam fallar e já sabiam o que era o negro vicio! E em quanto ellas na sombra operavam taes prodigios, lá em cima, as suas irmãs felizes, as mundanas, as ricas, as elegantes, as talvez peccadoras, serviam-se de todas as armas d'essa riqueza, — d'essa lindeza, d'esse luxo, d'essa pompa que, cercando-as, era

d'ellas parte integrante, — para auxiliarem com festas, com dadivas generosas, com a influencia e o poder da sua situação, a grande cruzada do bem, a grande cruzada de misericordia, de perdão e de salvamento em que andavam cá por baixo empenhadas as divinas martyres da sua propria fé!

A democracia, porém, não quer o auxilio d'essa fé que move as montanhas; d'esse luxo que se prodigaliza em mil fórmãs de auxilio social: a democracia quer que a plebe tenha o seu lugar ao sol, não amando e louvando, mas amaldiçoando e ululando odios e vinganças.

Já que os pobres não pódem todos ser ricos, que todos os ricos sejam pobres! — eis como ella, na sua imaginação simplista, entende as cousas.

O rico: eis o inimigo — clama a plebe e clamam, sobretudo, os seus agitadores. Ninguem lhe diz quanto é util, necessaria, imprescindivel a riqueza das classes cultivadas. Ninguem lhe diz

que é ella que alimenta as artes, as industrias, o commercio, o movimento. Que sem o luxo de tantos haveria fome no lar de tantissimos. Ninguém lhe diz que a divisão das riquezas pelos que nada possuem seria a aniquillação de toda uma sociedade constituida e a pobreza absoluta de todos.

Isso são doutrinas infames que é preciso combater a todo o transe. A Igreja, a milicia caridosa da Igreja, ensina ao pobre, não a revolta, mas a resignação; e o pobre não deve resignar-se sob pena de covardia ou de demencia!

Portanto, guerra á Igreja que não quer dar solução radical aos grandes problemas, e prefere dar palliativos e consolo ás grandes misérias!

Guerra á Igreja, á caridade, ao luxo, á riqueza. Este grito das democracias allucinadas, cada vez mais embriagadas com as proprias palavras que proferem, com as proprias theorias que do nada

criam, como Deus creou o mundo, tem como resultado a annullação quasi completa da mulher civilizada.

Nem a missão da caridade, nem a missão educadora, nem a missão representativa lhe deixam. E quando digo a missão *representativa* refiro-me ao seu aspecto mais nobre á sua influencia graciosa e benevola sobre os homens que paixões ardentes allucinam.

Nem Rainha de uma Côrte elegante, faustosa, protectora das artes, recompensadora dos talentos e das virtudes; nem rainha de um salão, impondo o gosto, polindo os costumes, desfazendo arestas entre caracteres rudes, suavizando discussões e divergencias antes que ellas degenerem em luta acerba; nem serva humilde e divina dos miseraveis, ensinando, consolando, tratando com finos dedos que não recebem salario, os enfermos, os velhos, as creanças abandonadas.

Em paga de tudo isto que tinha, que era seu, que ella está perdendo ou vai perder, a Democracia concede á mulher o seguinte:

Que seja funcçionaria do Estado, ganhando, já se vê, muito menos que o homem, que de toda a parte a empurra, e que já a não venera nem respeita vendo n'ella apenas a concorrente importuna que trabalha tanto como elle com menor salario do que elle. Que seja medica, ou advogada, ou escriptora, isto atravez de uma luta desesperada, em que uma por mil consegue triumphar.

Arrancou-lhe todos os gozos da vaidade, que é humana, com a qual, por isso, devemos contar, e depois deixa-a desprotegida, solitaria, fazer, ella propria, a sua triste e acidentada carreira.

A familia, o lar, o bercinho que tantas alegrias ineffaveis dá á mãe, que pela primeira vez conhece a delicia e o martyrio de o ser,— tudo isto

se vai fazendo mais precario, mais duvidoso, mais longínquo para a mulher!

Se trabalha lá fóra, como ha de ageitar, apurar, embellezar o ninho que tanto requer a sua presença continua? Se não trabalha, e não tem dote, quem a quererá, a ella que n'este esforço medonho da vida de hoje, constitue um encargo pesado para o homem prosaico e pratico da actualidade?

Depois nas sociedades hierarchisadas o luxo, é um grande elemento de vida prospera.

Só o tem quem póde tel-o. Os pobres aproveitam se d'elle, para ganhar por elle.

N'este estado anarchico em que a democracia nos colloca, *o arremedo falso do luxo* torna-se a unica preocupação da mulher, que *nada mais tem* a occupar-lhe a vida, visto que da vida d'ella tiraram todos os altos interesses, visto que ella não

participa com o homem da situação d'este, da sua intensa luta de interesses e de situação.

Espantam-se então de que a mulher de certas classes seja piedosa, e seja aristocrata.

A religião aproveitou-a: deu-lhe occupaões, interesses, alegrias, refugio contra os males da vida. Fallou-lhe pelas pompas do culto á sensibilidade; fallou-lhe pela caridade a exercer ao coração; se ella era d'estas almas eleitas que a vida não satisfaz nunca, por incompleta, e acanhada, e imperfeita, abriu-lhe de par em par as portas do mysterio, mostrou-lhe Deus entre o incenso e o fulgor dos tabernaculos, levou-a a voltar para o céu, para o céu profundo, estrellado. insondavel, os seus olhos de extase os seus olhos de infinito desejo...

A aristocracia deu-lhe um lugar de relevo; deu-lhe uma grande porção de soberania moral, fez d'ella a suprema flôr das civilizações mais

bellas. Vestio-a de joias, engrinaldou-a de flôres, deu-lhe aqui um throno, alli um salão em que ella é rainha tambem, creou para ella os requintes de todas as artes, de todas as industrias, mandou aos poetas que a cantassem, aos romancistas que lhe analysassem com subtileza e encanto as suas virtudes e as suas culpas, as suas bellezas e as suas táras, os seus gostos e os seus caprichos; poz na mão de grandes artistas o pincel com que elles a retratariam, sublimada, espiritualizada, por uma arte que só do luxo mais aristocratico póde viver!

Dir-me-hão: mas a democracia americana deu á mulher tudo isso e muito mais! Não deu. No fundo qualquer cousa de secreto, de indefinivel falta á mulher americana, pois que ella só pensa na Europa, só aspira a trocar a sua independencia um pouco isolada, um pouco remota de todas as condições da felicidade intima, por um casamento em qualquer paiz da Europa onde a aristocracia dê

ainda a lei: Inglaterra ou Italia, as patrias dos grandes «senhores da terra», dos grandes feudaes de extensos territorios, onde as joias das mulheres são historicas e a sua actividade social é tambem de tradição!

As pobres suffragistas da Inglaterra tão grotescas e tão meritorias, vendo lá tambem — n'esse ultimo reducto do principio aristocratico — o futuro que espera a mulher, provam, cheias de boas intencões e de comicas revoltas, que o papel d'ella vai sendo n'este momento historico por demais insignificante e massador.

Essas, procuram ascender a esta situação talvez inedita no mundo, talvez já experimentada, como affirmam pela sua theoria do »matriarcado» os investigadores de civilizações primitivas; estas querem metter os homens a um canto — visto que por cada quatro mulheres só existe um homem — e governarem ellas o mundo.

E por que não? E' possivel que andasse muito
mais direito...

VII

Impressões de um artigo de Jules Lemaitre

Relendo agora um volume antigo de Jules Lemaitre, fui encontrar, no meio de estudos puramente litterarios, um artigo que ahi não esperava, e achei-o tão interessante e actual, que não resisto a dar d'elle uma idéa em resumo aos meus leitores. Escreve-o, como sabem, um homem de maravilhosa intelligencia, um espirito desapaixonado, talvez um pouco sceptico.

Jules Lemaitre é positivamente o contrario de um sectario. Imagino que tem opiniões fundamentaes de moral, mas não tem nada de intolerante nem de intransigente. Elle sabe bem que cada verdade humana tem muitas faces nas

quaes possa ser contemplada. A sua philosophia póde bem traduzir-se n'aquella admiravel concepção de Robert Browning, intitulada *The book and the ring*.

Browning faz relatar uma historia, a historia de um crime, a sete pessoas diversas, que mais ou menos n'elle intervieram, como auctor, como cúmplices uns, como testetmunhas outras.

Ninguém mente. Todos procuram ser tão conscienciosos quanto lhes é possível. Nenhum conta a historia da mesma maneira. Todos o presenciaram ou intervieram n'elle; ninguém o viu como o seu vizinho. O mesmo acontecimento, visto por uns olhos ou visto por outros, varia consideravelmente de aspecto.

Isto porquê? Porque a verdade tem muitas faces, e cada individuo a vê segundo o seu proprio temperamento.

Ora, Lemaitre, quasi sempre multiplica em si o modo de vêr um dado objecto. Abraça-o por todos os lados, contempla-o a diversas luzes, colloca-o em differentes meios, e depois de tentar julgal-o o melhor que póde, acaba por uma duvida salutar.

Isto dá relevo e sabor á sua critica. Chamam-lhe falsamente subjectivista. Este, porém, nunca duvida do que lhe diz o sen instincto individual, emquanto Lemaitre nos offerece varios pontos de vista, dos quaes pudemos contemplar o mesmo quadro, a mesma paizagem, o mesmo individuo, o mesmo grupo social.

Pareceu-me, pois, curioso mostrar-lhes como Jules Lemaitre julga hoje a *profissão* rendosa e popular de revolucionario. Não falla elle, é claro, dos grandes *ancêtres* de 89. Esses tinham sido educados por theoricos abstractos, e pagaram com

a vida o seu sonho impossível, de regeneração social.

Muitas injustiças, porém, havia n'esse tempo a destruir. E a questão politica foram elles indubitavelmente que a revolveram.

Ficou, porém, a peor, a mais tremenda, a eterna, a que vem da antiguidade mais remota e que hoje está complicada de todas as questões accessorias, que a democracia industrialista nos trouxe: a questão economica!

E então surgiram de todos os lados, não os legisladores do trabalho e das suas relações com o capital, não os amigos sinceros do trabalhador e os que tentam, por meios legais e graduados, obter para elle uma situação que não seja de escravo ou de revoltado, mas os que exploram com egoismo crudelissimo a desgraça e a miseria das multidões.

Segundo Lemaitre espirotuosamente observa, as opiniões revolucionarias são as mais favoraveis á eloquencia.

Imaginem, pois, quanto as multidões famintas, a quem o o revolucionario promette o paraizo na terra, gostarão de ouvir fallar, na justiça, na felicidade universal, no amor dos humildes e dos opprimidos; imagine-se quanto lhes agradará a grandiloqua maldição a uma sociedade apodrecida, feita só para os ricos, para os detentores do infame capital.

Dentro da eloquencia revolucionaria cabe tudo — verdades e sonhos; mentiras conscientes, e illusões involuntarias!... Ella tem dentro de si os extasis propheticos, a piedade, a colera, a revolta: tudo isto themas essencialmente oratorios. Digo-lhes mais, e isto não disse Lemaitre: a eloquencia hoje ou tem de ser revolucionaria ou tem de *não ser*.

Eram *revolucionarios* os prophetas de Israel; eram revolucionarios os grandes prégadores da Igreja Catholica e da Reforma. Quem póde ser eloquente, quem póde ter grandes rasgos de oratoria sagrada ou profana, louvando as cousas que existem, taes como existem, sem grandes revoltas de consciencia contra a sua fatal imperfeição? Só esboçando coisas novas, coisas sonhadas, coisas de milagre e de maravilha, se póde ser eloquente.

Dizer aos homens: — Contentem-se com o que são, embora sejam muito pouca cousa; façam lentamente pequenas reformas parciaes que vão melhorando gradualmente a vida, mas que a não convulsionem nem desorganizem; sejam prudentes, cautos, sem aspirações grandiosas, cuja realização custa muito sangue, e muitas lagrimas; caminhem devagar, se quizerem chegar depressa; e quejandos logares communs — dizer

isto aos homens é por assim dizer matar a eloquencia, banil-a da terra.

Depois, o revolucionario moderno, como todos os outros, afinal de contas, tem de fallar ao seu auditorio do modo que a este mais agrada.

E' preciso ser optimista n'um ponto: achar o homem relativamente bom; pessimista n'este outro: achar a sociedade feita pelo homem horriavelmente má!

O povo é tudo que ha de mais perfeito. São as classes altas que *premeditadamente*, perversamente fazem a sociedade monstruosamente iniqua.

Nenhum orador popular póde confessar abertamente que a sociedade é o que é, porque a compõem homens e não anjos; que a vida é uma cousa tão enlabyrinthada e tão complexa, que não ha meios rapidos de a transformar, e que, tocando ás vezes n'um costume ou n'uma lei injusta, se

póde commetter uma serie incalculavel de catastrophes e de injustiças.

Nenhum revolucionario que saiba do seu officio perpetrará o delicto de dizer ao povo as verdades nuas, ou, fazendo a critica das leis e dos phenomenos sociaes, de confessar, de affirmar que a culpa voluntaria de cada adversario é muito menor do que parece pelos resultados.

O *amor* exagerado, o *odio* feroz — eis as materias primas de que os revolucionarios dispõem para agradar ás massas.

E eis por que, segundo o nosso espirituoso auctor, ha homens que não são eloquentes senão porque são revolucionarios, e outros que se tornam revolucionarios sómente por terem nascido eloquentes; que partindo do centro esquerdo dos partidos não pararam mais, até haverem encontrado o posto em que possam achar emprego para a sua eloquencia magnifica,

violenta e vaga; que levados pela propria facundia, illudidos pela propria seducção, acabaram finalmente por acreditar *que cumpriam uma missão*, quando nada mais faziam do que exercer uma funcção natural, fatal do seu proprio organismo.

O espirito revolucionario tem demais isto de commodo: desliga aquelle que genuinamente o possuir de todo o escrupulo de idéas.

Elle affirma cousas impossiveis e não as prova porque ninguem lh'o exige. N'isto está elle bem perto do fanatismo religioso, porque a fallar a verdade todos os fanatismos se valem.

Para elles está imminente a fraternidade universal, a divisão igual e duradoira dos bens da terra e dos productos do trabalho.

Realisa-se *amanhã* o seu ideal simplista e nunca mais haverá odios, nem cubiças, nem egoismo, nem doenças que desarmem o fraco,

nem intelligencias superiores e energias absorventes que elevem o forte. A paz, a santa paz reinará n'um mundo de que todas as paixões, que constituem e caracterizam a humanidade, terão desaparecido por milagre!

E elles que se riem do milagre de Lourdes, acreditam no *milagre laiïque*, e juram de boa fé que as leis da Natureza pódem ser a cada passo violentadas pela vontade dos homens!

Fanatico como os *illuminados* da crença religiosa, e simplista tambem como elles, — que dividem os homens em dois campos diversos, os devotos e os herejes, os bons e os maus, os que vão para o céu e os que vão para o inferno,— o espirito revolucionario tambem divide a humanidade assim: os pobres e os ricos, os proletarios e os burguezes.

Nunca pensa, ou pelo menos nunca confessa, que isto é simples em demasia, que os proletarios

de hoje são os burguezes de amanhã, que os ricos de ha dias serão os miseraveis mais desarmados para a lucta do anno futuro.

E' que desde que a Revolução, a *grande*, aboliu as castas, ha no mundo moral e social uma troca continua de energias, de situações, de riquezas! E nunca mette em conta no seu livro de *Deve* e *Ha de haver* essas *nuances*, essas desigualdades, esses phenomenos tão naturaes!

E' que isso, meu Deus, seria contra a eloquencia oratoria que não quer penetrar nos meandros das cousas, que se não refere á vida senão em grandes linhas ideaes!

Para o revolucionario profissional, — como para o jesuita, seu *cauchemar* eterno, e tão constante que chega ás vezes a ser irrisorio, — os fins justificam os meios.

Exagerar, modificar, torcer a verdade, transfigurar pelo poder da palavra o aspecto real

das coisas no sentido que mais convém: que importa! Se é para a boa causa?!

Não cura elle sequer de saber se o ideal social que elle préga ás massas, sempre descontentes e sempre infelizes, acaricia apenas os seus instinctos e os seus appetites, e as leva ás revoltas, que são justas na origem, mas que se corrompem á proporção que vão caminhando, e que para elles são sempre desastrosas, porque as deixam *menos* boas, e *mais* miseraveis! Elle admite sem restricções a legitimidade e a violencia d'esses cegos movimentos populares, de que resultam necessariamente tantas e tantas victimas innocentes.

Absolve-o, crê elle, de todas as crueis consequencias dos seus actos, a belleza absoluta do seu sonho!

Que lhe importa que haja duas gerações, pelo menos, fatalmente sacrificadas a um longínquo futuro, talvez nunca realizado?

E em paga das grandes felicidades que o espirito revolucionario promette ás multidões, elle não lhes impõe nenhuma virtude particularmente difficil, nenhum sacrificio depurador. O povo para elle só tem direitos. Dever, nenhum!

E' que parallelamente com os seus intrepididos e irrealisaveis sonhos, o revolucionario de hoje é um materialista retinto.

Os chefes nunca apresentam ao proletariado esse ideal, que só póde ser de longe attingido pelo sacrificio voluntario, e o progresso moral de cada um de per si, e de todos em geral. Não! Nada lhe exigem, promettendo-lhe tudo.

O que faz tambem que as massas populares os acceitem taes quaes são: interesseiros, ricos, andando em automovel, emquanto elles vão a pé;

comendo *foie gras*, enquanto elles comem pão de cevada; ganhando grandes sommas, enquanto elles recebem poucos salarios, que lhes promettem, atravez da desordem geral e longa, augmentar mais tarde.

Os que são fanatizados pelos chefes, e os proprios chefes, perdoam-se mutuamente todas as culpas, de violencia de uma parte, de contradicção e de mentira da outra.

Emquanto o partido revolucionario constitue apenas uma minoria valente, a disciplina que o junta é assás forte. Mas que venha a victoria e teremos logo a desunião! Um orador revolucionario n'uma camara conservadora, tem a certeza de que não será abandonado pelos seus, de que hão de animal-o os applausos, os gritos, os uivos. D'ahi uma embriaguez que o estonteia.

«Não devem desdenhar d'esses triumphos e ainda menos, parece-me, dos das reuniões publicas. E' ahi que a popularidade é realmente um veneno mortal para a alma, um opio irresistivel. Deve o revolucionario ahi gozar acres delicias, pelo sentimento de uma communhão perfeita com almas violentas e incultas, pela consciencia que adquire, e pela ilusão, que bebe inconsciente, de pôr em movimento e de dirigir uma força cega que o levanta, envolve e rola nos seus turbilhões vertiginosos!»

Deve haver uma embriaguez physica, uma especie de hysteria na revolta, que se multiplica quando é partilhada pela multidão.

E além de tudo o mais, os revolucionarios têm a certeza de ser tratados sem muito desfavor pela posteridade.

Isto embora tenham a certeza que os autores de revoltas participaram sempre do egoismo

contra o qual theoricamente se insurgem; que se a justiça e a caridade inspiram e provocam muitas revoluções, é sempre o odio, a inveja, a ambição de celebridade, o instinto tão humano e tão animal da destruição, que as leva a cabo.

E Lemaitre dá este fecho soberbo ao seu artigo, decerto bem pouco conhecido em toda a parte, pela estranheza de ser publicado em volume onde ninguém o espera:

«E' verdade que ás vezes, feitas as revoluções, algum beneficio ao fim de longo tempo provém d'ellas, aos resignados, aos humildes de coração, embora ellas não tenham sido feitas nem por elles; nem no fundo para elles, e succede por isso que os violentos e os ferozes parece afinal terem trabalhado em prol da justiça. Ou talvez eu n'isto me engane, e que os beneficios humanos, adquiridos por meios revolucionarios, tivessem

podido alcançar-se melhor, muito melhor, por uma progressão lenta, pacífica e legal.

Mas viram já isto succeder no mundo? Não sei! Não sei...»

E é verdade e é triste, bem triste!

Talvez que o espirito revolucionario e os seus profissionaes, sejam apenas uma força violenta e cega de que a Vida se serve para a sua obraincessante! Talvez que elles coitados! os chefes, que se julgam directores, e que são escravos do verbo que espalham, e da turba que os saúda, não sejam mais que humildes instrumentos, inconscientes e sonoros!

Talvez que a humanidade, desde que existe, não seja mais que uma multidão á tôa, movendo-se, sacrificando-se, odiando-se, esphacelando-se mutuamente, matando e morrendo, ao sabor de

uma Vontade mysteriosa que vem de longe, do desconhecido que não será nunca sondado, da Isis cruel que ninguém desvenda, da monstruosa e captivante Esphyngue que não responde e calla...

E somos todos tão presumpçosos! e temos a pretenção de entender tudo, não passando afinal de legiões e legiões de hypnotizados, que move, a qualquer acto que julgamos voluntario, a batuta invisivel d'um invisivel Charcot.

1911

VIII

A Senhora D. Maria Pia de Saboya e de Portugal

Hontem, ao ver nos jornaes o primeiro telegramma annunciando o passamento d'aquella que foi Princeza da illustre casa de Saboya e Rainha do triste Reino de Portugal, a minha alma evolou tristemente, saudosamente, para um passado proximo, que não sei por quê, me parece projectado além do mundo, além da propria vida.

Foi hontem? foi ha seculos? Não sei. Mas eu vejo-o claro e distincto como ás vezes em sonhos a gente vê traços largos da vida que já foi.

Como a Rainha Maria Pia se conjuga estreitamente com as lembranças e saudades do

meu passado, é facil adivinhal-o desde que se saiba que ella a grande Italiana, e eu a obscura portugueza, tinhamos exactamente a mesma idade!

Tinhamos ambas 15 annos, quando em manhã radiosa de Outubro, *cinco de Outubro*, n'este outomno tão doce de Portugal, a esquadra portugueza e a italiana que a acompanhava, fazendo-lhe cortejo, fundearam em frente de Belem, trazendo a bordo de uma das suas náos aquella creança loura, intelligente, extranha, altiva e meiga a um tempo, cujo destino seria, esgotar, sob este calmo céo, que para ella se fez tão inclemente e duro, todas as dôres que parece só terem refugio nas velhas tragedias de Eschylo, o bárbaro imortal!

Que encantamento infantil com que eu segui, da velha casa brazonada e em ruinas, que me servio de fundo pittoresco e triste á mocidade,

essa historia que me parecia de fadas, de uma princeza pequenina, que vinha de longe, da Italia *mater*, da Italia que era então, pelo valor e pelo martyrio, a nação adorada entre as nações, sentar-se no solio portuguez que de tantas glorias provinha e sobre tantas glorias se erguia.

Não estava ainda longe, não estava ainda esquecida a epopeia das nossas lutas liberaes.

Muita voz de mãe enternecida e grave nos contava ainda as dôres, os tormentos, as luctas, as desesperanças e tambem as proezas e as glorias d'essa bella historia que o triste pendor do character portuguez, para odios, invejas e descabidas ironias, deformou antes que alguém com justiça a tivesse feito. Tinham sido irmãos contra irmãos os que se bateram para que Portugal fosse liberto do jugo de um rei absoluto e de uma ignorancia grosseira e brutal, mas não foram os vencidos que então desacreditaram, calumniaram, desvirtuaram

completamente o caracter d'essa lucha heroica; foram os proprios vencedores que entre si, se encarregaram d'essa obra de desvario, de destruição propria.

E como nada se perde na sociedade e na Natureza, e como não ha um erro que se não pague, um passo mau que possa ter-se por não dado, essa desgraçada guerra de interesses e rancores produzio logo e depois todos os fructos damninhos que tinha a produzir.

A arvore do mal fez-se floresta; cada germen maldito cresceu, pompeou em flores de peçonha. A epopeia sublime transformou-se para a maior parte na mais chocarreira das parodias...

Mas eu era então moça.

Mas a voz materna, ainda vibrava aos meus ouvidos, de commoção, de entusiasmo, de angustias evocadas, e tambem de alegrias triumphantes. Mas para mim o Rei noivo, era o

filho da juvenil Princeza errante e perseguida a quem um bando de heróis da intelligencia ou da espada, restituira o throno de seus avós. Mas eu não tinha lido ainda os gloriosos iconoclastas que a poder de talento, de graça e de inconsciencia, deram com o paiz por successivas *étapes*, em tanta desgraça, em tanto desvario...

A Rainha chegára. D'ali a poucos annos a Rainha passava levando ao seu lado duas crianças adoraveis, louras como a mãe, e que todas as mãis miravam invejosas.

Um d'elles estava destinado á morte, que todos conhecem; o outro é quem soluçando convulsivamente lhe acaba de fechar os olhos no exilio!...

Sim, no exilio! A Snr.^a D. Maria Pia tornara-se absolutamente portugueza. Nacionalizára-se de um modo completo. Pois se viera para cá tão moça!

Fallava a nossa lingua lindamente com a musica que lhe é propria. Sabia-lhe até os plebeismos expressivos e bem do solo patrio. Tinha muitas das nossas idéas e dos nossos habitos. Era nossa pelas suas grandes qualidades, e até pelos seus defeitos não pequenos.

O primeiro, que a todos nos foi fatal, e a ella mais do que a ninguem, era a quasi inverosimil prodigalidade involuntaria, inconsciente, a que se acostumou.

Não tivera mãe, pois que a santa que lhe deu a vida, morreu, deixando-a com sete annos. D'aqui as lacunas enormes e lamentaveis na educação de uma princeza e de uma princeza pobre.

Ninguem aqui, quando ella chegou, tão graciosa e viva, se lembrou de que era necessario ensinar-lhe... *taboada!* Ella ignorava, mas absolutamente como uma criança de cinco annos o ignora, o valor intrinseco do dinheiro.

No tempo em que ella começou a viver entre nós ainda havia *patacos*. A Rainha aprendeu este nome. Ouvio tambem fallar em *contos de réis*. Julgou que um *conto de réis* e um *pataco* eram provavelmente synonymos. Nunca financeira e economicamente lhe deram uma noção qualquer, que contrariasse esta noção extranha de que ella discricionariamente se apossou.

D'aqui as medonhas humilhações por que deixaram passar o seu nome régio, o seu nome tão bello, e antigo, e illustre, que nenhum dos nomes dynasticos de hoje se lhe approxima sequer!

E digo propositalmente o seu *nome*, porque, enquanto á sua pessoa, ninguem nunca lh'a pôde humilhar. Todos as horriveis cousas que se publicaram nos ultimos tempos da Monarchia e nos primeiros da Republica, em termos commerciaes, contra a *ré Maria Pia*, ella nunca as soube, nunca as sonhou, e continuaria *ignorando-*

as mesmo que alguém tivesse a ousadia sacrilega de lh'as revelar.

E' que n'ella, a magestade régia, esse dogma hoje negado e perseguido, era tão grande, tão *essencial*, vinha de tal maneira de dentro para fóra, que não havia meio de a attingir. Era como a magestade divina, que nenhuma blasphemia altera ou diminue!

Para chegar a produzir aquelle raro phenomeno de magestade na elegancia, de doçura no orgulho, de grandeza na quasi miseria, de inaccessible soberania na ausencia de todos os attributos externos do poder, que de seculos, que de combinações e de prodigios atavicos não são necessarios!

Não é uma grande esquadra, não é um imperio colossal, não é um exercito enorme, aguerrido e glorioso, não é uma tyrannia de autocrata, que dá

á *pessoa* humana que taes grandezas representa, a
grandeza que com ellas se harmonize!

A Senhora D. Maria Pia era rainha por direito
proprio.

Pobre, perseguida por credores, que, depois de
enriquecidos por ella, lhe morderam a mão
perdularia; sem pompas régias; sem accessorios
theatraes; a sua figura resplancia de ignota
magestade Girava-lhe nas veias sangue de grandes
diplomatas, de grandes reis, de santos, de heróes,
e de martyres!

Composto harmonioso de todas as bellas
cousas do passado morto, ella era alguma cousa
que nunca mais se poderá ver na terra!

Inconscia da graça rythmica que lhe ordenava
os movimentos, com uma inclinação de cabeça,
com um olhar circular, abrangendo uma sala
inteira cheia, com um sorriso leve, que não
illuminava a melancolia do seu olhar presago, ella

dava ás multidões uma visão de belleza esthetica incomparavel!

Fallava pouco, sabia pouco, mas pensava quasi sempre bem sobre as cousas publicas!

O povo de ha annos, ou antes, de ha seculos, adorava-a!

Perdoava-lhe tudo. Sabia-a prodiga, gastadora, e nunca se importou com isso.

Não tinha pontualidade nenhuma; faltava-lhe essa *politesse des rois*; mas quando, depois de se fazer esperar n'uma cerimonia ou n'um espectaculo publico, ella chegava, que prazer! Sorria em volta, como que a dizer: «Tardei! é verdade. Sou assim! Tenham paciencia!»

E depois, fazia um d'estes cumprimentos de que hoje ninguem mais tem o segredo, e deixava-se admirar na elegancia da sua *toilette* ideal, no esplendor das joias que a sua cabeça loura parecia

encher de brilhos estranhos, nos gestos harmoniosos do seu corpo serpentino e flexível.

Era bella? Não. Era bem feita? Também não. Mas era *Ella*. Nas côrtes estrangeiras, onde appareceu, excitou sempre o mesmo encantamento indefinível. Não sabiam a que attribuir aquella superioridade, ou antes, aquella *diferença* que a collocava á parte de todas as outras mulheres.

Ha um retrato d'ella, abraçada com a Rainha Margarida, sua cunhada, uma das mais lindas mulheres do mundo n'aquelle tempo. Pois é a feia que merece todos os suffragios.

Fallando assim, estou fallando em tempos que já vão longe, e que eram tão lindos, tão radiosos, vistos agora atravez d'este prisma com que o passado nos seduz.

Veio o negro tufão, a negra e eterna inimiga. Maria Pia vio morrer o marido, o *Rei* (que para

ella significava tanto!) e de que morte horrivel! Esphacellado, desfeito aos pedaços! Desceu do throno com a mesma soberba elegancia com que a elle subira. Não tinha nada mais que fazer n'esse scenario brilhante, onde os moços iam substituil-a!

Mas quando apparecia, os contemporaneos da loura Rainha, que fôra o enlevo de uma nação, sentiam o mesmo estremecimento de orgulho e de carinho.

E a gente moça contemplava-a cogitando n'aquelle poder de seducção que ella tinha, e que a ninguem pudera transmittir assim.

Depois, a pouco e pouco, amontoaram-se sobre a sua cabeça gentil, que foi tão conhecida de nós todos, as sombras, as desgraças, as tragedias, as agonias em que a alma estrebucha vencida!

Iam-se os Reis!... Mataram-lhe o irmão! Mataram-lhe o filho, o seu Rei que ella agora

respeitava — como representante de um principio que julgava eterno! Mataram-lhe o neto, aquelle de quem era duas vezes mae, porque as avós vivem na adoração d'estes seres que se lhe afiguram um milagre perpetuo, que ao pé d'ellas floresce e ri...

Um dia, na Cintra da sua prestigiosa mocidade, na Cintra dos seus amores, tão aristocratica, tão redolente de passadas glorias, vieram dizer-lhe:

«Parta. E' preciso partir!»

Resistio ainda! Partir, abandonar a patria que amava, que julgava sua, a quem se dera inteira, esquecida de outros céos, de outros horizontes, de outros mares! Partir!... Mas onde estavam os amigos, os aulicos, os conselheiros e sustentaculos do throno? Onde estava o Exercito que na ante-vespera acclamava phreneticamente o neto, no Bussaco, theatro de immorredoura gloria

para nós! Partir! Mas não restava já um amigo da Monarchia n'esta velha e querida terra de Portugal?

E perante a tragica resposta, silenciosa e sem um protesto, partio!

Partio de pé, serena, sempre *rainha*, que a realeza estava n'ella, e não precisava de subditos para se affirmar altiva e integra!

Partio, mas morreu! Quantas dôres podem retalhar um coração de mulher, de mãe, de avó, de ser humano, todas retalharam o seu valente coração.

Morreu sob o céu da sua Italia; mas ai! ia jurar, que morreu de saudades pelo céu, do que fôra o seu Portugal!

Lisboa, 6 de Julho de 1910.

IX

Evolução do feminismo

(ENTRE DOUS ROMANCES)

N'estes dias de inquietação nervosa, quasi intoleravel, que vão correndo para a maior parte dos Portuguezes, felizes os que pódem refugiar-se n'uma idéa, ou n'uma leitura!

Eu por mim acabo de entregar-me a um estudo interessante: a evolução rapida que n'este ultimo tempo se tem operado na educação das raparigas de todos os paizes, mas muito especialmente na Inglaterra.

Como a litteratura é ainda o melhor espelho da sociedade que a gente possa consultar, tomei como pontos de referencia dous livros igualmente

significativos. Um é um romance de Miss Austen que foi muito celebre no seu tempo, romance que fez as delicias de Macaulay e que nos dá a figura representativa de uma *Miss* correcta e bem educada, no principio do seculo passado. Miss Austen morreu em 1817.

Emma é a figura typica da menina de boa educação que vive longe de Londres, na casa em que já nasceram seus pais e seus avós.

Não pertence á nobreza, mas tambem não faz parte da burguezia commercial ou mercantil. A sua noção do dever consiste na obediencia, na docilidade absoluta a seus pais em primeiro lugar; depois á sua mestra; ao reitor da sua parochia; aos usos e costumes da pequena região rural em que representa um dos lugares primaciaes; ás convenções sociaes de que não quer saber nem analysar a utilidade, a efficacia ou a justiça. Emma tem ainda um bocadinho de individualidade,

porque ella representa a transição entre a mulher natural e a mulher manequim que vai succeder-lhe.

Quer ter uma certa influencia no destino de uma humilde amiga que o acaso da vizinhança lhe fornece.

Sabendo que um bom e affectuoso rapaz, a *yeoman*, um lavrador abastado mas singelo e plebeu, tem pela sua amiga uma paixão sincera, Emma oppõe-se a esse casamento com singular pertinacia, porque acha que a sua amiga, casada com um lavrador, não tem mais lugar n'aquelle grupo um pouco selecto ao qual o capricho da sua amizade a elevou. Emma tem idéas nitidas, tradicionaes, consagradas, a respeito da hierarchia das classes, a respeito do lugar que compete a cada um, a respeito da maneira porque uma pessoa deve casar-se para não descer da sua posição, ou

estabelecida desde muito, ou improvisada pela generosidade de uma amiga superior.

Emma é bonita, córa muito a proposito de tudo, pinta cousas horivelmente feias, que todos julgam lindas, canta canções inglezas, tem pelo *piano forte*, que começa a entrar em scena uma reverencia grande... A sua educação domestica é completa, mas da arte com *A grande*, da *Vida* com *Videm*, tudo ignora, ou tudo finge ignorar, porque assim é necessario, porque se convencionou desde muito que assim seja a mulher, quando moça e solteira!

No seculo XVIII teve mais liberdade e ao seu existir social e individual presidiu um pouco mais de realismo.

Agora ella é um gentil e agradável pequeno ser, que ainda possui no estreito circulo em que os costumes a encerraram alguma espontaneidade, alguma vida. Mas isso mesmo, já

tão restricto e tão convencional, vai desaparecer, nos romances de Dickens, por exemplo, ou de Thackeray.

A *Miss* descripta por Dickens e que pertence á era victoriana (*to the early victorian days*) não tem licença de manifestar o minimo symptoma de vontade pessoal, de espontaneidade propria. Ella não passa de um pequenino animal muito bonito, muito ignorante, toda ella caracões louros, rosto côr de rosa, covinhas nas faces, dentes de perolas, gestos delicados de lindas mãos que affofam ou alizam os dourados cabellos, olhos azues que se baixam ao minimo olhar viril; intelligencia por todos os lados limitada e peada; ignorancia absoluta do que sejam os sentimentos elementares e eternos pelos quaes a vida se cria e se conserva; incapacidade de se proteger a si propria em qualquer contingencia grave. Eu sei... o que no francez, ou antes no calão do boulevard, se chama

une dinde, e que Marcel Prevost baptizou *oie bleue*.

A gente acha-as bonitas, mas não pôde ao mesmo tempo deixar de irritar-se de tanta nullidade.

Veja-se, por, exemplo, a mãe, graciosa, humilde, terna e insupportavel, de David Copperfield, que ficando viuva com dezoito ou vinte annos, casa em segundas nupcias, por passividade, por tolice, por submissão de fêmea, com um homem que lhe maltrata o filho pequenino, que o degrada, que o martyriza, a ponto d'ella morrer de dôr de não saber defender-se nem defendel-o!...

Veja-se a primeira mulher do mesmo David Copperfield *the child wife*, que o mundo inteiro conhece como uma das creações mais deliciosas de Dickens, a pequenina esposa que inventa todos os dias nomes e pieguices novas para dizer ao

marido, mas que não sabe como se ordena um jantar, nem se arranja uma casa; que se deixa amedrontar e roubar pela cozinheira; que ignora todos os rudimentos, os mais simples, da arte de viver e de fazer feliz aquelle com quem vive, e que morre, enfim, sem ter percebido, sequer, as cousas elementares que lhe faltavam, o que lhe era necessario, indispensavel saber, para ser uma mulher, uma esposa, uma mãe, toleraveis...

Eis o que eram, no principio e no meio do seculo passado, as raparigas-typos da Inglaterra.

Acanhamento exagerado, ignorancia total das realidades da vida, belleza inutil, puerilidade e inquietação de passarinho tonto, graça amaneirada e convencional de quem vive de ficções e para ficções.

Os romances de Miss Austen marcam o início d'essa compreensão da mulher-tipo.

Agora o brutal romancista Wells, dá-nos, no seu romance *Anna Veronica*, a pintura realista e exacta da *new woman*. Os dous extremos, os dous pólos da educação feminina.

Como sempre, os excessos de um lado conduziram a excessos opostos.

Uma reacção formidável produziu-se em Inglaterra contra a criança loura, docil, submissa, amimada, inculta, ignorante e escravizada, que era a flôr de estufa da litteratura

A *Amelia*, de *Vanity Fair*, a linda e fragil esposa de Copperfield, as figuras convencionalmente correctas da já antiquada Miss Austen, foram banidas, sem dó nem piedade, dos livros modernos da Inglaterra.

E se Wells nos dá a fôrma mais adiantada, mais *advanced* da mulher que *quer viver a sua*

propria vida, e não a que viveram as mães e as tias dedicadas da *éra victoriana*, nem por isso os outros romancistas, os mais lidos, os mais notaveis, nos ocultam, nas suas figuras principaes, esta mesma tendencia que a mulher de hoje tem a masculinizar-se, a tornar-se livre, independente, e egoistamente preocupada comsigo.

Se fizéssemos uma revista rapida dos melhores livros de ficção da Inglaterra actual, lá acharíamos, em todos, o duplo aspecto que este novo producto do *meio* contemporaneo reveste em todo o Reino Unido.

Aqui a mulher extra-mundana, jogando, fumando, caçando, *flirtando*, bebendo Champagne ou ether, como um homem dissipado; sem obdiencia ás leis tradicionaes, que *têm razão*, visto que têm durado, que são uteis, visto que, sob o influxo d'ellas, a sociedade avançou e se desenvolveu; sem amor pelo passado, que tantas

cousas boas e bellas guardava em si; sem o respeito salutar da familia, que por tantos seculos salvaguardou a mulher de desastrosas quédas e de transformações fataes para a especie e fataes para ella propria.

De outro lado, a rapariga que quer *saber*, desenvolver-se, lutar, frequentar com os homens, ao lado d’elles e em competencia com elles, laboratorios, escolas, hospitaes, universidades! que é *suffragista*, e dá e leva pancada em barulhos grotescos com a policia; que atira pedradas aos ministros, que é agarrada pelos agigantados *policemen*, que a levam para a esquadra, de cabellos cahidos, vestidos esfarrapados na luta, berrando, escouceando como possessa!...

Horriavel, horriavel transformação!

Uma, a megera politica e socialista d’este momento, é resultante inevitavel da outra — a

loura *miss* de caracoés, cuja beleza de *kerpsake* irrita os mais serenos e indifferentes!

Tanto quizeram immaterializar a mulher, fazer d'ella um adorno inutil, um *bibelot* mesquinho de sala burgueza, tanto quizeram fingir que ella ignorava todos os factos fundamentaes da vida, todas as realidades, todas as forças fataes em virtude das quaes se move o Universo inteiro, que por uma reacção naturalissima a levaram a ser o que ella é hoje, o que ella será ámanhã, porque a corrente é enorme e não ha por ora meio de a contrariar, de a vencer!

A *éra victoriana* foi triumphante para o romance. Ella teve Dickens, Thackeray, George Eliot, Miss Brontë, Miss Austen, a quem vamos buscar o primeiro typo da ingleza *comme il faut*, a antecessora d'estes todos. Teve além d'estes outros muitos de que estes são os chefes de fila, e

que por isso não vale a pena citar n'esta palestra rapida.

Não falto aqui nem de Meredith, nem de Thomaz Hardy, porque o segundo ainda está vivo, e não pertence á geração de que tracto, e porque o primeiro é inteiramente original, talvez o menos comprehensivel aos cerebros meridionaes e escreveu até aos oitenta annos n'uma lingua maravilhosa, sem todavia crear *sêres vivos* de quem a gente recorde os soffrimentos ou as alegrias. Thomaz Hardy é um grande realista ás vezes quasi brutal. Meredith um espirito nebuloso e profundamente da sua raça. São além d'isso isolados cada um no seu pólo.

Pois as mulheres d'estes auctores que acima citei parecem feitas de illusão, de mentira!

A unica que pintou a paixão ardente mas não vencedora, absorvente mas insubmissa, foi Miss Brontë na sua Jane Eyre. Fez escandalo o

delicioso romance, em que havia lagrimas, sangue vivo a borbulhar das chagas do coração! Fez escandalo mas enlouqueceu de entusiasmo a Inglaterra.

Mostrava-lhe uma mulher capaz de amar até á loucura, mas não ainda assim até á revolta contra leis sacrosantas!

Onde é que aquella pequena puritana, muito feia, muito mal vestida, com ar grave e austero, e uma taciturnidade extranha e esquivia, fôra aprender gritos de paixão, e arrancos de agonia amorosa, que lembravam os de G. Sand quando a mordeu o dardo agudo d'aquelle amor que immortalizou dous seres?

Ninguém sabia! E quando, muito depois de publicado *Jane Eyre*, foi revelado ao mundo litterario da Grã-Bretanha, que o autor do seu romance mais querido era aquella pequenina creatura, silenciosa e triste e acanhada e austera, o

espanto foi enorme, porque ninguem acreditava em tal contradicção!

Pois bem! Este foi o unico exemplo de paixão feminina arrebatada e sincera que ha na litteratura propriamente *victoriana*.

Dickens fez das suas heroínas uns seres de innocencia etherea; Thackeray, mais satyrico, fez velhas monstruosas de egoismo, creou em *Vanity Fair* o typo da aventureira hypocrita e interesseira, mas do resto fez pequeninas imbecis, muito egoistas, muito faltas de intelligencia e de intuição, incapazes de trabalho, de dedicação, de amor profundo, e sem entenderem nada do que em torno d'ellas se passava.

Se gostavam de alguem era de um fatuo e de um pateta; se eram amadas por alguém, nunca o sabiam adivinhar, comprehender, recompensar...

George Eliot, a mulher profundamente apaixonada, que saltou aos pés juntos sobre todas

as leis moraes e religiosas, que são o sustentaculo. a *armature* que tem de pé a sua raça, George Eliot não consentio nunca que uma filha da sua imaginação de romancista fosse sem cruel castigo (que vai n'uma até á morte na forca) contra esses preceitos de moral que ella julgava — e bem — indispensaveis á conservação da disciplina e da ordem n'uma sociedade organizada.

Mas isto era de mais! A natureza tem os seus direitos. A verdade tem a sua tyrannia. Fez se um abysmo enorme entre o mundo representado pela ficção engenhosa dos grandes escriptores e a realidade crua e triste dos phenomenos sociaes.

Elles descreviam gente impecavel, com azas de anjo e rostos de luz etherea, e os tribunaes julgavam causas medonhas em que a mulher apparecia sob o mais grosseiro aspecto de brutalidade sensual!

Então houve a natural reacção. Começou-se a escrever romances mais realistas que os francezes.

A mulher mundana — e a mulher estudiosa e livre — deram os seus *typos* a esses romances.

E hoje Wells, o formidável satyrista de *Tono Bungay*, dá-nos em *Anna Veronica* a *new woman* da nova Inglaterra radical, socialista e revolucionaria.

Nada de obediencia aos paes, á familia, ás convenções, á auctoridade! Viver! Estudar! Experimentar a vida! Tratar de conhecer esse *eterno mysterio* com que as pessoas crescidas e velhas encobrem a realidade das cousas a quem tem fome e sêde de as conhecer de perto!

Mas como a litteratura inglesa, por melhor que seja, é sempre limitada, como sempre que ella parece que vai agarrar n'um assumpto e vel-o em todos os seus mil aspectos, qualquer cousa (que chamariamos uma força *ethnica* se a Inglaterra

não tivesse Shakespeare) como que a aperta, a cinge, a não deixa livremente ampliar-se e elevar-se, aqui temos em *Anna Veronica* mais um exemplo frizante a confirmar a nossa asserção.

Se Anna Veronica fosse russa, ella deixaria os paes, o ninho quente e confortavel da familia, e iria submergir-se, afogar-se voluntariamente na immensa miseria, que tortura e apodrece o povo da sua patria; ella iria estudar as graves questões sociologicas que alli se debatem, os problemas de vida e de morte que têm de defrontar os que alli se querem votar á felicidade, á libertação da plebe desgraçada!

Ella quereria *ter fome*, visto que os seus irmãos desgraçados desde seculos vivem famintos e escravizados; ella embeber-se-hia em todas as chimeras do anarchismo, e um dia, louca de febre, pallida, emmagrecida e ascetica, ella subiria ao patibulo, depois de ter morto com a sua mão

pequenina um tyranno, d'entre os milhões d'elles que affligem e opprimem a desventurada raça slava.

Se Anna Veronica fosse franceza tentaria o theatro, faria romances desordenados e subversivos ou entraria na Escola de Medicina.

Scandinava, libertar-se-hia de toda a dependencia masculina e conquistaria pelo estudo e pelo trabalho o direito de *viver a sua propria vida*, na phrase tantas vezes repetida de Ibsen. E o auctor teria de seguil-a de phase em phase n'essa ascensão dura e difficil para a liberdade esteril da mulher que renuncia ao seu sexo.

Mas Anna Veronica é ingleza. A limitação forçada, fatal, do romance inglez impõe-se-lhe.

A sua experiencia é um *fiasco* levemente grotesco! Pede dinheiro emprestado a um velhote, que por bem pouco lhe não faz pagar juros pesadissimos.

Começa a frequentar uma escola de analyses biologicas. Como se a biologia, aprendida assim isoladamente, e sem fazer parte de uma escala hierarchizada de sciencias servisse para alguma cousa.

E acaba por namorar-se do demonstrador de sua escola que é casado, e por fugir com elle. Retrograda completamente á escravidão sexual imposta pela natureza á mulher e que a sociedade tem tratado de minorar e de melhorar pelas suas leis repressivas e defensivas! E entretanto frequenta clubs socialistas, faz parte de uma sublevação de suffragistas, entra na cadeia, despreza um optimo casamento, etc.

Como satyra acho bom, embora restricto e mesquinho. Como pintura de costumes, tendencias, aspirações modernas, acho

insuficiente e incompleto. Entre os dous typos oppostos, é que está a verdade hoje reconhecida por todos.

E acabo por um questionario a que eu propria tentarei responder.

Que acção tem tido na rapariga contemporanea o desenvolvimento exagerado dos jogos de destreza, da gymnastica, *footing*, *tennis* e todo e qualquer *sport*, exportado da Inglaterra e da America?

Physicamente tem feito a mulher desengraçada, tem-lhe feito crescer os pés e os mãos, tem lhe dado um ar, uma desenvoltura masculina que lhe ficam pessimamente.

Moralmente tem feito com que os moços que até aqui a respeitavam como seres mais frageis e mais delicados, as tratem com demasiada familiaridade ás vezes desdenhosa, ás vezes hostile e sempre desrespeitosa, de modo que esta

moderna phase da convivencia entre os dous sexos tem perigos que se estão manifestando dia a dia a olhos que souberem ver.

Não digo outro tanto no que respeita aos paizes do Norte em que o respeito pela mulher resiste até a esta lucta de gymnastas e a esta concurrencia de athletas. Mas nós copiamos tudo cegamente do estrangeiro sem attender á differença de tradição e temperamento.

Nos paizes do Norte, o que, aqui se tem transformado em más maneiras e em mãos costumes, tem um outro resultado. Lá a mulher que se julga com força physica comparavel á do homem, appetece a liberdade de acção e a independencia de que elle goza.

Primeiro quiz andar só; depois quiz frequentar escolas em que vive com rapazes de sua idade; depois quiz ter uma acção politica, e quer antes de tudo romper com o passado, englobando n'este

odio *ao que foi*, tudo que elle teve de bom e de máo, de util e de nocivo, de digno de emenda e de digno de respeito e de amor.

Como é diferente dos dous typos representados por Emma, *the prim young lady*, e por Anna Veronica, a suffragista espancadora do Sr. Asquith, a *mulher* tal qual os meus sonhos a representam!

E que triste tempo este em que a mulher se quer masculinizar grosseiramente, e o homem perde o cavalheirismo e a bondade protectora que o faziam valente e leal!... *Anna Veronica* como satyra da mulher moderna é interessante e merece ser lido.

1910.

X

Lord Byron

ACTUALIDADE DO SEU NOME

Repentinamente, em Inglaterra e em França falla-se muito de Byron, sempre grande, mas um pouco esquecido pelos fanaticos de Ibsen e Maeterlink, dos Russos e dos Scandinavos, de Annunzio e de Rostand, dos mais modernos, dos que estão ou estiveram mais na moda...

A publicação das memorias de Hobson, o grande amigo de Byron, hoje dadas á luz sob o nome de *Recordações de Lord Broughton*, a traducção feita em francez das cartas deliciosas de Byron, publicadas em volume com o prefacio de

um escriptor *en vedette*, isto depois de terem sahido na *Revue de Paris*; o romance de Mrs. Humphry Ward, em que ella põe em scena, sob um véu transparente, a figura de Carolina Lamb, Lady Melbourne, que foi um dos mais tempestuosos amores de Byron, uma cousa apparecida na *Revue des deux mondes* em que não quero fallar por me parecer falsa, calumniosa, indigna do escriptor que a firma, e que lendo e citando alguns dos meus bellos e puros versos de Byron se poderia triumphantemente destruir — tudo isso chamou de novo a attenção para o maior poeta que depois de Shakespeare a Inglaterra produziu.

Comquanto Byron e Shakespeare sejam talvez igualmente grandes, que diversos não são entre si!

E comtudo Taine, o grande critico approxima-os quando se refere á poesia do primeiro e lhe chama: «Extranha poesia toda septentrional, que

tem as raizes nos *Eddas* e a sua flôr em Shakespeare, nascida outr'ora de um céu inclemente á beira de um mar tempestuoso, obra de uma raça voluntariosa, forte, sombria de mais, e que depois de haver produzido todas as imagens da desolação e do heroismo, acabou por estender qual negro véu sobre a inteira natureza viva, o sonho da universal destruição!»

Esse sonho quem o teve mas soberbo e mais grandioso que Byron? E' que elle soffrera tanto no seu coração de mortal, ardente, apaixonado, tumultuoso, que aspirando ao anniquillamento para furtar-se á dôr queria comsigo anniquillar o universo inteiro.

O *egotismo* d'elle tem n'isto a revelação maxima.

O paiz que possuio Shakespeare e Byron, não devia pedir a Deus mais nada!

Mas segundo a lei terrível de que só aos ricos se empresta e dá, ella, a poderosa Inglaterra, teve além d'estes, dezenas dos maiores engenhos da terra. E nunca os tratou lá muito bem em vida! valha a verdade.

Byron attraio-me sempre como um mysterio doloroso, como um abysmo de contradições intimas e apesar d'esta complexidade, nunca a queixa uniforme de uma dôr sem consolo, de um desespero sem raio de luz, soou mais forte, pôde talvez dizer se com mais grandiosa monotonia, na voz de um homem!

Que desgraçado elle foi nos curtos 36 annos de uma existencia cheia de perseguições e de gloria!

Nasceu predestinado a enriquecer a vida com um exemplar de desgraça talvez unico, em todo o caso bem raro.

Vinha de uma geração de loucos, de violentos, capazes dos maximos desvarios; teve uma d'estas mães incoherentes, apaixonadas, desiguaes, injustas, que são a suprema tragedia de uma vida infantil.

De belleza olympica, lembrando um filho d'essa Grecia que tanto amou, tinha um pé aleijado, e elle que adorava a perfeição em tudo, sentia-se humilhado, desesperado por esse defeito physico, que nas horas de colera, direi mesmo, de loucura, a mãe lhe exprobava com satanica crueldade.

Que importava que depois o beijasse até asphyxial-o, o adulasse até o revoltar? Nunca, naquella alma, de uma sensibilidade violenta, espasmodica, taes scenas da sua infancia maldita puderam apagar-se.

Tinha o orgulho do nome levado até ao excesso maniaco e, quando, por herança de um

colateral, teve de apresentar-se como Par no Parlamento britânico, o seu único parente que pertencia ao *Peerage* não o quiz apadrinhar.

O nome que Byron representava tinha-se comprometido em *mésalliances* e aventuras ruidosas, que Lord Carlisle preferiu não sancionar! Extranha irrisão das cousas! E com que ironia transcendente o futuro responde a este *Lord* enfatuado e ignaro!...

Dotado de vigor de phrase nunca excedido, a logica penetrante, a verve estupenda, a argumentação cerrada da sua prosa parecem destinal-o para uma carreira de eloquencia tribunica incomparavel, e assim o pensava Sheridan, um mestre. Pois os máus fados quizeram que o seu *maiden speech* na Camara dos Lords fizesse rir contagiosamente os seus nobres confrades, e provavelmente chorar de furia o orgulhoso e genial adolescente!

De paixões ardentes, desenfreadas, de uma exageração quasi doentia, tendo uma individualidade violenta e forte, com impulsões phreneticas em que a tragica hereditariedade se revelava, victima da mais desgraçada educação, quiz o destino que elle nascesse e vivesse justamente na hora em que a Inglaterra se levantava como um só homem contra essa França onde ella via triumphar o producto de todas as idéas do seculo XVIII; contra essa França libertina que invocara, como Rousseau, os direitos do homem e como Diderot a victoria da Natureza sobre as convenções da Moral, e que pela emancipação do individuo emancipara todas as suas paixões.

N'esse tempo memoravel a Inglaterra só tolerava um vicio ostensivo: o da embriaguez! Que ficassem debaixo da mesa quotidianamente os seus mais gloriosos estadistas, e mesmo que o

Príncipe Regente fosse o exemplar da cynismo coroadado mais completo e bem acabado, mas que o *cant* official cobrisse com os seus véus de pudicicia implacavel, os excessos naturaes a essa raça sensual e forte, energica e sobre-alimentada!

Byron foi a victima escolhida para ser immolada no altar da nacional e indispensavel hypocrisia!

Celebre de um para o outro dia, adorado pelas mulheres, disputado pelos salões, perseguido pelas paixões femeninas mais exaltadoras, levantado ás nuvens pela aristocracia que finalmente, lhe reconhecera o genio, e o acceitara para irmão — eis que de repente elle se vê forçado a fugir da terra que se queria abrir para subvertel-o, da patria que se tornara em madrasta, da acclamadora de hontem que hoje o votava ás feras e ás gemonias!

Que se passara? Ainda hoje ninguém o sabe ao certo.

Byron casára-se e a mulher, cheia de virtudes austeras e de inflexível vontade, era a própria que abandonando-o imprevistamente, ferozmente, o entregava sem defeza á calúmnia dos máus e á exultante desforra dos invejosos, á a indignação sem motivo da gente que tem por officio indignar-se contra tudo que não conhece, e principalmente contra tudo que é diferente, que sahe dos moldes estreitos da banalidade submissa.

O que a Inglaterra, então, perpetrrou fui um d'esses crimes que ella não póde redimir nunca.

Do grande poeta tão seu, tão inglez, pelo *spleen* e pelo orgulho, fez o grande revoltado que depois viveu para a affrontar, para a desmascarar, para a insultar, para a revelar a si mesma sob os seus mais repelientos aspectos de hypocrisia, de convencionalismo e falsidade.

Sem este imperdoavel crime nacional, a Inglaterra — feliz até nos seus delictos — teria um *dandy* encantador a mais e um grande genio de menos. O talento de Byron atrophiar-se-hia entre as seducções da alta vida social que o absorveria fatalmente.

Foi o desespero de se ver mal comprehendido, foi o orgulho ultrajado, foi a injustiça da patria — que amava, apesar de tudo — foi a inexoravel crueldade da mulher *sobre o seio da qual tinha dormido*, foi o écho retumbante que no mundo fez o ostracismo a que elle — gloria da Inglaterra — era votado pela Inglaterra, que fizeram jorrar da alma do poeta essa onda amarga e impetuosa de desdem, de colera, de desespero, de violenta angustia, ás vezes atravessada como por um raio divino de luz, a luz de uma sensibilidade deliciosa, de um enternecimento em que ha lagrimas contidas.

Felizmente para elle, ignorou sempre a vil calumnia que depois da sua morte espalharam creaturas ou obceçadas ou preversas. A reacção que se levantou em toda a Inglaterra pensante, contra aquelles que o tinham forçado a evadir-se da patria — e finalmente, pela extravagancia do tractamento que a si proprio dava, e pelo desprezo de todas as regras que mantem a saude, pela sua fatal aventura grega que tudo rematou, a evadir-se da vida — essa reacção foi tão violenta que elles imaginaram então um crime que fosse merecedor do castigo que impuzeram ao sublime Poeta! e apaziguaram assim a onda alterosa que se levantára contra os seus perseguidores.

Valeram-se d'alguns versos de *Manfréd*, e da propria situação moral do heroe d'esse Poema; valeram-se de trechos truncados de cartas cuja explicação está na exaltação romantica que ás vezes se deixava perceber nas palavras do proprio

Byron, mas esqueceram os seus tantos e tão lindos versos a *Augusta*, que são a mais eloquente defeza do crime que lhe é indignamente atribuido; as suas cartas á mesma, tão puras, tão boas, tão sinceras que não ha meio de as contradizer ou interpretar ambigualmente; a missão pacificadora e boa que *Augusta* tentou sempre exercer entre Byron e a mulher, e finalmente a honesta e impecavel vida d'essa creatura de bondade e sacrificio, e os nobres instinctos do Poeta que atravez das peores desordens do seu viver transparecem sempre victoriosamente!

Fallar do homem em Byron é fallar do Poeta. Aquelles que o lêem, que o conhecem, bem sabem isto. Aos outros, já disse, não posso dirigir-me aqui em tão curto espaço.

Shakespeare póde tão bem ser separado d'essa infinidade de creações com que elle encheu o

mundo, que ha hoje uma escola critica a negar-lhe a existeneia real.

Foi um deus que passou criando.

A immensa flora humana com que povoou florestas calmas e cidades tumultuosas, doces noites italianas e tragicos terraços de Elseneur, essa flora humana tão complexa e variada, em que ha todas as sombras e todas as graças idilicas, em que se goza, e se combate, e se mata, e se ama, e se morre de amar, póde hoje negar ingratamente o seu creador sublime, pois n'ella se não encontra vestigio da individualidade soberba que lhe insufflou o ser!

Mas Byron e a poesia byroniana estão estreitamente unidos, identificados, são essencialmente a mesma creatura, corre-lhes nas veias o mesmo sangue, a mesma seiva, a mesma dôr, a mesma paixão.

Byron é o *Child Harold*, o viajante melancólico, tão mordido já pelo tédio e pela descrença, mas cuja paleta prodigiosa traz reflexos dos cenários sublimes que atravessa, enchendo-os com as suas imprecações e os seus raros sorrisos; Byron é o *Corsario*, e é o *Giaur*, e é *D Juan*, e é *Manfredo*. Os heróis da sua poesia são a projecção una e múltipla de sua alma errante e sempre triste!

A's vezes têm a iluminar-lhes a fronte alguma coisa de saudoso e de suave.

Raras vezes! Sombrio e duro é geralmente o seu aspecto; têm sofrido tanto, aprenderam a vêr no homem o *lobo* que devora o homem, e muito lhes devemos querer nós as mulheres, porque as exceptuaram do seu soberbo desdém pela raça humana.

As mulheres de Byron, quando não teem vivido nos salões de Londres, quando não

conhecem do mundo os apparatusos espectaculos e as desmoralizadoras mentiras, são sempre divinas na sua innocencia como *Haydéa*, sublimes na sua dedicação como o pagem femenino de *Lara*, capazes de todas as cousas grandes como a apaixonada amante do *Corsario*.

Não sabem, não conhecem da terra senão um sentimento unico: o amor. Amoraes? Decerto. Mas instinctivamente e ingenuamente feitas de abnegação, sacrificio, desinteresse, ternura ineffavel!

E elle que tanto soffreu de uma mulher não quiz vingar-se d'ella, ultrajando o sexo a que ella pertencia o que tão estupidamente applaudio a obra destructiva e cruel, de uma puritana implacavel, dura e má.

No fundo Byron era tudo que ha de mais nobre e generoso. Na amizade capaz de dedicações rarissimas, o ultimo amor da sua vida foi ao

mesmo tempo uma especie de agua lustral em que a sua alma se lavou das impurezas a que o lançara o desejo de provocar e affrontar os seus feros inimigos.

Tinha sido mais logico provar-lhes pelo comportamento ulterior que elles o accusavam sem razão.

Decerto! Mas isso não satisfaria essa alma de *viking*, de *rei do mar*, violenta e sombria, arrebatada e temeraria. Ah! Accusavam-no de immoral! Elle ia mostrar-lhes bem o que era a immoralidade em acção, o excesso furioso de um temperamento exasperado!

E viveu a sua vida de Veneza! E escreveu os primeiros cantos do seu *D. Juan*!

Que bellezas innocentes ainda assim alli se encontram, como perolas que a onda revolta da procella trouxe á superficie do mar em furia!

D. Juan é considerado pelos criticos a obra-prima de Byron, mas eu adoro o IV Conto do *Child Harold*, e fico-me n'uma especie de extase medroso, ante a sombria belleza do seu *Manfredo* que Taine acha em alguns pontos — superior ao *Fausto*.

Fausto é o poema da curiosidade universal, o poema da humanidade; é a reconstrucção erudita e genialmente realizada, da concepção do mundo na Idade Media.

E', emfim, muitas cousas mais...

Um grande philosopho, creou no *Fausto* a figura admiravel de Mephistofeles.

Se não fosse este que enche o poema com a sua ironia transcendente, com a sua crúa analyse das cousas, com o seu scepticismo dissolvente a que nada resiste, — a pobre figura humana do *Fausto* valeria bem pouco.

Como individuo não ha nada menos interessante. E' preciso acceital-o como symbolo para o tragar, e ainda assim...

Manfredo não! Manfredo é o homem diverso dos outros homens que nem as ambições, nem as alegrias, nem as tristezas dos homens saciavam...

*From my youth upwards
My spirit walked not with the souls
of men
Nor look'd upon the earth with
human eyes.*

Mas para que tento eu fallar-lhes n'estes curtos periodos do gigante da poesia universal, o *unico* (segundo um bello poema creio que nunca realizado mas apenas delineado de Theophilo Braga), por quem, no Oceano, onde boiava sem

consentir que mão humana a colhesse, a *lyra do Orpheu* se deixou capturar e se deixou tanger!

A obra d'elle é enorme e, se bem que alguma parte, a menos importante, caducasse, — toda a parte turca, asiatica, oriental, — ella ainda hoje nos offerece trechos, longos trechos de tal belleza, de tal força de encanto, de tão prodigioso poder suggestivo, que lel-os e decoral-os é por si uma educação esthetica.

Nas suas lindas evocações de imagens femininas; nas suas paginas descriptivas, em que ao scenario material se associam, chamadas pelo poeta, visões de creaturas imaginarias ou reaes que alli passaram vivendo — isto é, soffrendo; — na immensa adoração com que ella falla do mar, do mar em que de pequeno aprendeu, a recrear-se, galgando a nado distancias enormes, brincando com as ondas glaucas e profundas como se o mar fosse um bravo corcel, que elle domasse, e cujas

alvas crinas fossem espumas; nos seus brados eloquentes em prol de todos os vencidos; e, sobretudo, na expressão d'esse seu desespero, que é d'elle, sim mas que lhe vem de remotas origens, que faz lembrar os poemas sagrados da velha Scandinavia, sua mãe; na dôr de viver; no tédio de viver; que elle sentiu e disse como ninguem; na desproporção dos seus desejos vastos com a realidade mesquinha, nos gritos de angustia da sua paixão selvagem, que tudo quer e tudo desdenha por que tudo acha insufficiente — Byron é um dos maiores poetas do mundo, e merece que nunca, nunca os homens o esqueçam, pois que os soube, não direi interpretar, mas como que engrandecer, sublimando-os.

Não ha, em cada alma descontente, inquieta, sedenta do que sonha e não existe, um Byron, ou, antes, um pedaço de Byron, que não sabe expandir-se!

Elle foi a voz ingente que lançou, do alto, e ao largo, o grito de uma eterna desesperança e de uma eterna dor!

Felizes os que, lendo-o, não encontraram na sua alma um écho, embora apagado, que respondesse áquella grande voz.

Junho de 1911.

XI

O centenario de Carlos Dickens

A Inglaterra está celebrando agora, da maneira intelligente e util porque ella faz as cousas, o centenario de um dos homens de mais delicioso prestigio a de mais popular encanto que ella tem possuido.

Não era um principe á frente de pomposa côrte espapalhando honrarias e colhendo adulações; nem um estadista dos que determinam na vida dos povos, que julgam governar, um d'estes impulsos violentos que marcam época e ficam registrados na Historia, quantas vezes como um flagello cujos effeitos é impossivel remediar; não era um general dos que movem exercitos e cobrem de luto as

nações, dando o nome de gloria'a emprezas guerreiras que se liquidam por milhares de mortos; era um simples narrador de contos imaginarios, um creador de figuras que nunca existiram, um evocador de imagens doces, tristes, comicas, patheticas, um inventor inexgotavel de historias e ficções.

Mas as figuras que elle creou não morrem mais, apesar de não terem nascido realmente; mas os contos que elle narra emballam-nos a alma, e fazem-nos melhores; mas as imagens que elle evoca cercam-nos para sempre de uma grinalda viva, que nos faz rir e chorar; mas as ficções que elle inventou são mais verdadeiras do que a verdade, e mais reaes que a realidade.

Os homens nascem e morrem, e quantos, quasi todos, sem deixarem vestigio algum da sua passagem pela terra — enquanto que os homens e as mulheres, e as proprias creanças, tão amados

pelo romancista delicioso, e creados por elle, tiveram para umas poucas de gerações, terão ainda para as que vierem, uma vida intensa, profunda, suscitadora de bons pensamentos, de boas obras, de emoções ternas e vibrantes.

Dickens! Prestigioso e querido nome! Generoso até á prodigalidade! Quanto elle enriqueceu a Vida, fazendo-a maior e mais commovente! Quem é que o leu e não ficou melhor depois de o ter lido?

Ficou melhor a sua raça aspera, rude e forte, a quem elle enterneceu inspirando-lhe o gosto e a sêde das reformas moraes mais justas, a quem elle ensinou a ter dó dos máos, dos fracos o dos desprotegidos, a quem elle iniciou em segredos de piedade que ella queria ignorar e que nunca mais poudes!

E ficou melhor todo o coração humano que seguiu attento, embevecido, entre o riso e as

lagrimas a odysséa ragica, ou simplesmente dolorosa, — sempre raiada dos laivos comicos que são o seu segredo immortal, e pelo qual penetram no duro granito saxonio, — de tantos de seus heróes, uns pequenos, fracos, desarmados contra a força colossal da Vida que nos seus turbilhões os traga e devóra, outros lutando e reagindo até se libertarem das potencias tenebrosas que tentam esmagal-os, quer ellas sejam a miseria, a maldade, o vicio ou o crime.

Mestre de energia tambem elle como nenhum, não da energia malefica que faz o super-homem, mas d'aquella que faz o homem bom, victorioso de todos os infernos!

Dickens, o pobre plebeu cuja infancia foi um martyrio igual ao do seu David Copperfield, — quem sabe se mais horrível ainda, porque ha na sua vida uma phase tenebrosa que ella nunca revelou a ninguem senão pelos soluços dos seus

livros, — Dickens deu lições aos magistrados da Inglaterra, a quem forçou a melhorar as leis revoltantes dos seus tribunaes, a chicana medieval que era uma especie de abysmo aberto onde cahia tudo que perante elles reclamava justiça; deu lições aos estadistas, aos legisladores a quem fez vêr o que eram as escolas primarias, as prisões por dividas, os *Workhouses* depravadores, os antros immundos em que um povo de miseraveis agonizava, uivando de revolta.

E fez-nos assistir á agonia do seu pequeno Joe, o garoto de Londres a tragica, tão diverso de Gavroche, o garoto de Paris a cidade radiosa e épica! Fez-nos vêr na escola as torturas de Nicholas Nikcleby, e na prisão as tristezas do pae da *Litle Dorrit*, e de Micawbers, — a sua criação comica mais soberba, e a infancia torturada de *Oliver Twist* entre ladrões que o queriam fazer ladrão, a elle, puro, innocente e bom e o grupo

variado dos herdeiros em *Bleak House*, debatendo-se n'um litigio que leva dezenas de annos, deprava duas gerações, e acaba tendo consumido todos os milhões de que disputavam a posse, em custas do processo monstruoso.

Cada livro d'elle é uma obra de justiça, e de bondade.

Feita com quê? Com o *humour* mais irresistivel, com a eloquencia mais vibrante, com a veia comica mais poderosa e exuberante, com penetração quasi allucinada dos typos mais diversos, mais caracterizados, a ponto de serem, como os heróes de Balsac, *pessoas vivas*, reaes, que a gente nunca mais esquece, a cuja convivencia um pouco entontecedora, nunca mais escapa. Porque os personagens de Dickens participam todos da sua imaginação cheia de imprevisto, e tem cada um d'elles um *tic* que os differenceia. São menos *humanos* do que os de

Balsac, mas são mais perturbantes do nosso equilíbrio cerebral. Fallam áquelle mundo de sensações mysteriosas que existe dentro em nós, e que está paredes-meias com a allucinação e com a loucura.

Se Pickwick, por exemplo, é um typo nacional, hoje *demodé*, — porque desde que a Inglaterra se transformou em democracia industrial, dentro do scenario de uma cômte gothica, essa figura já não passa de tradição longinqua, embora sempre querida; — Dickens, em compensação dá-nos creações universaes. São aquellas em que elle representa a innocencia feminina a ingenuidade inconsciente e virginal; e aquellas em que nos mostra a dedicação de uma Ignez (David Copperfield), ou de uma Nell (old curiosity shop), tão bellas, tão doces, que parecem dar á alma um banho de pureza.

São aquellas em que elle põe de pé magnifica e assombrosa a figura do Hypocrita ou então a virtude, a abnegação um pouco eivadas de mania, de uma ou outra das suas tão sympathicas mulheres.

Para nos tornar toleravel a perversidade, Dickens dá-lhe quasi sempre um aspecto physico grotesco que faz rir. E quem ri, perdôa; não é verdade? Oh! O riso que Dickens excita é uma especie de convulsão, tão inesperados são os seus processos, tão violenta, a sua maneira intuitiva de impressionar os nervos do leitor.

Não se pense, porém, pelo que ahi fica dito, que eu julgo apenas o grande escriptor inglez pelo seu *humour*, pela sua phylantropia, ou pelo seu engenho em crear figuras ingenuas ou figuras grotescas.

Não! Eu vejo n'elle muito mais cousas, tantas, que nem sei explicar explicar e analysar bem.

Dickens, estudado pessoalmente na sua vida, nos seus actos, nas suas idéas, aparece-me como um allucinado superior. E' o aspecto menos comprehendido e o mais interessante que elle tem.

Assim como ás suas creações humanas elle sabe dar, entrelaçada com a vida natural que se exprime por palavras e por actos, uma especie de vida subconsciente e mysteriosa que se adivinha nos sonhos, nas visões, nos presentimentos e pavores, assim tambem ás cousas inanimadas elle sabe dar voz, alma, significação que nos impressionam fortemente.

Uma rua de Londres, essa cidade de que elle conheceu todas as apparencias e segredos, de que elle nos deu maravilhosamente toda a alma tenebrosa e profunda; um aspecto do Tamisa, uma visão das ribas do grande rio á noite, quando ellas são cheias de mysterio e de crime; a evocação de um dia de *fog*, envolvendo a cidade enorme num

lugubre véo que a separa, por assim dizer, do mundo; que a faz uma cousa terrivel e phantastica, aterradora e chymerica; o vento, que passa retorcendo as arvores, abalando as casas, dizendo cousas secretas e violentas, derrubando o que encontra, ora com impetos de furia, ora com calmarias subitas que espantam, cantando e soluçando, ululando tragicamente, exprimindo, n'uma lingua que só loucos entendem, cousas indefinidas que gelam de pavor, e como que mettendo dentro de uma orchestra extranha todas as imprecações, todos os uivos, todas as apostrophes de dôr, que a humanidade desde o fundo dos tempos tem mandado em vão aos céos desertos; — tudo que Dickens sabe fazer dizer ás cousas, á paizagem, á lugubre casaria, a certas ruas que suam crime e miseria, ao vento, á chuva, ao grillo da lareira, á nuvem que passa, á neve que cahe devagarinho, ás arvores que de noite

cochicham entre si, ás aguas negras d'esse rio, de tantos aspectos que para os pintar foi preciso um Turner, e que recorda tantos dramas que para os contar é necessaria uma longa historia — tudo isto revela no romancista um grande poeta, um dos maiores poetas da moderna Inglaterra.

Houve tempo em que foi moda desdenhar um pouco, nas altas regiões da sociedade e da litteratura, do romancista genial de *Oliver Twist*, de *Dombey & Son*, de *David Copperfield*, de *Bleak House*, de *Old Curiosity Shop*, de tantas obras intensas, desordenadas, extranhas, desiguaes, como a propria vida!

Fervilhava dentro d'ellas uma fauna humana extraordinaria, cheia de manias, de gestos extravagantes, de idéas fixas, de loucuras diversas, de paixões variadas, e atravessava essa

multidão, em que cada personagem tinha, como os de Wagner, o seu *leit motif*, uma constelação deliciosa de puras e ingenuas mulheres, como só a litteratura ingleza as produzio.

Oppunha-se, então, a esse escriptor abundante e tão original, que, depois d'elle, ninguém. por mais que o tente conseguiu imital-o, a satyra pungente e o estylo classico de Thackeray, a larga sympathia humana de George Eliot, e a sua philosophia bebida em fontes germanicas, o preciosismo elegante e aristocratico de Meredith etc., etc. Hoje, porém, a critica, mais informada e ampla já reconhece quanto é rara uma imaginação como a de Dickens, que thesouro inexgotavel de *humour* ella legou a sua raça, que galeria de typos inolvidaveis ella creou sem esforço, que maravilhoso instincto de vida alli predomina, que força de Natureza indomavel, prodigiosa, ella representa.

Talvez que elle não tenha gradações, nem meias tintas na sua pintura violenta!

Os seus heróes virtuosos podem ser assaltados de fóra, pelo meio hostile, mas a verdade é que nunca são tentados pela matilha de instinctos ancestraes, que fazem de cada creatura humana como que o cemiterio onde jazem, de onde em certas horas se levantam redivivas, por milagre insondado até hoje, dezenas de outras creaturas, de que a ultima é apenas o fatal product, o herdeiro forçado, embora resistente.

Tambem os seus máos são sempre e a toda hora máos, por um processo simplista, que não indica, nem phsychologia reflectida, nem experiencia da vida real.

Que importam, porém, estes senões? A critica, guardando embora os seus direitos, tem de acceitar em bloco o genio, tal se lhe depara.

E Dickens é um genio, mais do que uma intelligencia.

As características do genio são as suas: intuitivo, tumultuoso, visionario, ás vezes louco, fazendo do sonho uma realidade flagrante, e da realidade um sonho que o desvaira; não se sujeitando a escolas nem a limites traçados por outrem; atropelando ás vezes a razão e o bom senso; substituindo-se na sua criação á propria Natureza; mas enfeitiçando, encantando, fanatizando, creando imagens novas, descobrindo aspectos nunca vistos, dando á humanidade alguma cousa que ella não possuia, antes d'elle ter passado em carreira vertiginosa, isto é: novas energias, um modo novo de sentir os sentimentos eternos do seu velho coração, o amor, o odio, a piedade, a indignação contra a injustiça. o desdem pelo que é mesquinho, o extase ante o

incognoscível, o desejo ardente da sonhada e ideal perfeição.

Eu nunca acabei de ler um livro de Dickens que não ficasse cheia de saudade como ao deixar a convivência de pessoas amadas com quem me sentisse muito bem.

Milagre da arte que faz do artista um bemfeitor.

Responder-me-ha o leitor de requintada e exigente cultura: mas justamente Dickens não é um artista. A arte é a harmonia, a graça sobria, a perfeição, o equilíbrio.

Dickens é sempre exagerado, os seus grotescos são por de mais grotescos; o seu estudo da natureza humana é por de mais elementar; elle faz monstros e faz anjos, nunca faz a creatura tal qual ella sahio das mãos de Deus. Falta-lhe qualquer cousa que caracteriza a verdadeira arte, e tem outras cousas de que essa prescinde para se

fazer admirar. E depois que abundancia morbida de maniacos de doidos, de dementes de desequilibrados!...

Mas eu fico na minha, impenitente e incredula. Não me consta que Shakespeare fosse sempre harmonioso, nem que o equilibrio fosse um dos seus attributos. Tambem elle entende os loucos e os semeia abundantemente na sua obra colossal.

E o que é afinal a loucura se não um estado de excitação cerebral mais frequente do que pensam os ajuizados, isto é, os mediocres? Saber vêr a loucura onde elle está, e fazer-lhe dizer o que ella sonha e cala, adivinhando lhe os segredos, não será tambem uma das qualidades superiores do genio?

Não estou comparando, já se vê, Shakespeare a Dickens. Shakespeare é incomparavel, é quasi um deus! Mas o que é certo é que as mulheres de

ambos têm entre si semelhanças profundas de raça!

O *eterno feminino* foi por elles visto através do mesmo prisma.

E' elle representado pela mulher-sonho, pela mulher-lyrio, amante até á suprema abnegação de tudo, menos da sua intangivel pureza! E' esta é a mulher que o inglez sonhou outr'ora, e que, se a Historia diz a verdade, não teve nunca. Desta vez falha a phrase famosa do velho Williams, quando diz que «nós somos talvez feitos do mesmo estofó de que são feitos os nossos sonhos».

Nunca o *sonho do inglez* fez do seu puro estofó transparente e leve a mulher que Shakespeare vio e que Dickens vio tambem. A mulher submissa que ama, que ama sempre, que só sabe amar, como Julieta, como Ophelia, como Desdemona, que ama apesar da luta que separa os seus dos parentes do seu amado; que ama ante a

loucura que a desdenha e insulta; que ama apesar do ciúme que a tortura e mata!

Em *David Copperfield*, Ignez, mais humilde, Ignez que nunca se debruçou da varanda de Verona, que nunca vagou pelos terraços de Elsenour, que nunca ouviu cheia de piedade e terror as aventuras do guerreiro Mouro, Ignez sem prestígio e sem grandeza, é comtudo capaz do mesmo amor, devoto, profundo, absoluto, que nada pede em paga, senão a delícia íntima de amar e servir!... Servir! a missão divina da mulher que o sabe ser!

Que abysmo separa a mulher de Shakespeare e a mulher de Dickens, da mulher de hoje, *the new woman*, a sufragista que espanca o Sr. Asquith, e conquista pela força o Sr. Lloyd George; a mulher política de Mrs. Humphrey Ward, a mulher de Kipling, o *leader* litterario de hontem, a mulher de Wells, o favorito litterario de hoje em dia!...

Bem sei! Os tempos mudaram e a cada época corresponde o personagem que a ella se póde adaptar melhor.

Bem sei que o esforço feminino vale muito agora, e que essas valentes luctadoras, um tanto grotescas, que fazem andar a cabeça á roda aos ministerios, terão ao cabo da sua empreza contribuido para que no mundo, no mundo inglez sobretudo, diminuam o alcoolismo, a venda das mulheres a troco de um pão, a depravação dos *slums*, o trabalho esmagador nas fabricas, a miseria e a usura das crianças!

Hoje além d'isso é preciso ganhar o pão quotidiano, tarefa ingrata! e de que nenhuma das dôces creaturas que eu citei seria muito capaz. Não vejo nem Julieta na Escola Normal, nem Ophelia com banca de advogado, nem Desdemona a escrever folhetins, nem a pobre Ignez a estudar medicina!

O homem de hoje só quer trabalhar para si, e a idéa de *fundar familia*, segundo diz uma amiga minha muito versada no assumpto, nunca lhe occorre quando pensa em casar... bem!

Mas deixem aos velhos *ter saudades*. E a sua unica, é a sua ultima riqueza!

E deixem os moços celebrar o centenario d'aquelles que lhes fizeram tão doces, tão boas, tão amoraveis as avós, e que ainda puzeram um bocadinho de idealismo no sorriso das mãis que ha pouco se debruçavam sobre os seus berços.

1911.

XII

The New Machiavelli

Tenho andado a lêr um livro muito extranho e muito interessante. Chama-se *The new Machiavelli*, mas chama-se assim não sei bem por quê! E' a historia, minuciosamente contada, do espirito de um politico inglez nos ultimos dez annos do Imperio Britannico.

Assigna esse livro, que não é um romance, embora sejam as personagens que n'elle figuram personagens de ficção; que não é um tratado, embora nelle se discutam todos os problemas que agitam n'este momento os animos da Grã-Bretanha; que não é um programma doutrinario, visto que nada conclue e que, fallando sempre de

espirito constructivo, não construe absolutamente nada; e que é, talvez, apenas uma critica incoherente mas impressiva de tudo que se pensa e que se faz na Inglaterra de hoje; assigna esse livro H. G. Wells, o escriptor que, sendo a perfeita antinomia de Kipling, herdou, parece-me, a grande fama e notoriedade de pobre grande poeta que era Kipling, hoje desthronado, senão esquecido pelo publico que tanto o aclamou!

Kipling foi o homem de *antes da guerra* do Transwaal — Wells é o homem de *depois d'essa guerra*.

Aquelles annos da mais extraordinaria, desigual e, para o Inglez, ingloria lucta, tiveram sobre o espirito da Nação uma influencia que hoje se está fazendo sentir visivelmente na sua politica e na sua litteratura.

O estado de espirito que determinou essa guerra iniqua foi do mais grosseiro chauvinismo,

lisonjeado, sublimado, elevado ás nuvens, posto n'uma fôrma litteraria verdadeiramente esplendida por Kipling

O que os Inglezes então pensaram de si proprios é extraordinario! Orgulhosos da sua *esplendida isolacão*, elles nacionalmente tinham a insolencia patricia de Salisbury e a insolencia pleblêa de Chamberlain. Ameaçavam de morte todas as pequenas nações, e de proxima dissolução todas as raças exaustas na rude tarefa de civilizarem o mundo, de os terem civilizado a elles!...

A Inglaterra estava bem mais fraca do que hoje, mas como não tinha a consciencia d'isso, era como se não estivesse. Nunca a certeza de possuir um força colossal foi n'ella mais accentuada.

Hoje, mais forte, auxiliada por poderosas amizades e por allianças uteis, ella adquirio, depois de guerra desgraçada, em que a victoria

significou uma derrota de muitos orgulhos vãos, a visão dolorosa do muito que lhe falta, dos seus defeitos essenciaes, das falhas da sua couraça de aço e de bronze!

Wells é um temivel critico d'esses defeitos. Não á moda de Dickens, que tanto bem fez, pela ironia e pelo sentimento, fazendo chorar e rir a nação inteira, ao apresentar-lhe typos de tragica miseria, ou de comica vaidade e inconsciencia, e fazendo que os leitores vissem nesses typos, que são immortaes, as victimas ou os fataes productos de uma ordem social cheia de crimes e de barbaridades.

A maneira d'este escriptor é bem diversa.

Wells nunca appella para o sentimento, appella para a intelligencia e para a razão. Não me parece que o seu poder seja por isso mais effectivo. Antes, pelo contrario. Quando Dickens queria mostrar lacunas e imperfeições da

educação ingleza do seu tempo, elle punha diante de nós, vivo e palpavel, um homem, producto genuino d'essa errada educação.

Wells raciocina sobre ella, o que, para o leitor ingenuo, não dá o mesmo resultado.

Ouçamos o que Wells diz, pouco mais ou menos, da educação classica, de que ainda hoje as classes cultivadas continuam exclusivamente a alimentar-se.

«Dentro da escola recebiamos, como principal objecto de instrucção, lições de latim e grego. Ensinavam-nos muito mal, porque os nossos mestres não usavam habitualmente de nenhuma destas linguas; ninguém, hoje, as usa, excepto o latim em alguns conventos do Levante. O maximo que elles sabiam era lel-as.

Ensinavam-nos essas linguas, porque, ha muitos seculos, o latim tinha sido a linguagem da Civilização. O unico meio que então se possuia de

escapar á vida localizada e estreita era o conhecimento do latim. Mais tarde, o grego viera, trazendo consigo uma corrente de idéas novas e maravilhosas.

Outr'ora, essas duas linguas foram os unicos meios de iniciação na critica desinteressada e na imparcial compreensão do mundo.

...Mas tudo isso foi ha muito tempo. Um grande mundo novo, um mais vasto imperialismo se erguera em torno da escola, assimilara todas as idéas trazidas a lume pelo conhecimento da Antiguidade, e d'essas primicias evolucionara, em vastos e mais maravilhosos desdobramentos, das primitivas concepções.»

E comtudo a Inglaterra continua muito serenamente a fazer não só a base, mas a essencia da educação nacional d'essas duas linguas e suas respectivas obras-primas.

E' evidente que isto não serve de nada, ou serve apenas para alimentar a rhetorica de algum orador aristocrata. E, ao pé d'esta educação, que foi util e superior no seculo XVI, interesses collossaes se têm desenvolvido, idéas novas têm germinado e dado fructo, actividades sem conta e sem calculo possivel têm irradiado em todos os sentidos. E no entanto todo o inglez que se respeita e quer para si o nome magico ante o qual todos os obstaculos desaparecem, o nome de *gentleman*, costuma consagrar os sete annos de mais vivacidade, e mais proprios para acquisições mentaes de toda a ordem ao fastidioso mas insufficiente estudo das duas linguas classicas.

Já se vê que Wells condemna este methodo, mas tão enraizado o encontra na tradição e na vida, tão absolutamente impossivel lhe parece a alteração d'este dogma, que é para o inglez a educação das grandes escolas e das grandes

Universidades, que elle nem se atreve a tentar derruir tal edificio consagrado pelos seculos.

«Estou firmemente convencido, diz elle, que é impossivel pensar na reforma das velhas escolas publicas e das velhas Universidades, de modo a poder corresponder ás necessidades de um grande Estado Moderno. *O custo de tal temativa excederia, todo o bem que d'elle pudesse advir.* Portanto, a minha idéa é achar um meio de contornar habilmente o invencivel obstaculo.» Como isto é pratico e racional!

E imagina esta especie de estrategica social. Criar sem prejuizo das antigas instituições, todo um systema de escolas novas, em que o trabalho fosse duro, dura a vida, scientificos os methodos, e de onde, ao principio se recrutassem officiaes da marinha, militares e depois toda a especie de funcionarios ou de pessoas independentes sem obrigação de qualquer serviço subsequente.

Simultaneamente com isto elle queria desenvolver um novo methodo de educação superior, com fortes Faculdades em Philosophia moderna, moderna Historia, Litteratura e Critica Europêas, Sciencias phisicas e biologicas, educação sociologica, etc., etc.

«Assim diz elle, cortar-se-á de vez o cordão umbilical que nos prende ás linguas classicas da luxuosa e inutil Cultura.»

Desenvolvendo este projecto de transformação profunda de Inglaterra, Wells declara-se inimigo ou antes adversario dos jogos que sob pretexto de desenvolverem a actividade phisica do inglez, acabaram por ser em si mesmos, um objecto, um fim, para essa actividade que de tal fórma se desperdiça e inutiliza.

Em vez desses jogos absorventes que fazem da maioria dos inglezes fortes animaes quasi sem cerebro, incapazes de uma ideia geral, de uma

missão de altruismo inteligente, elle forçaria os alumnos das novas escolas criadas, a exercicios militares frequentes, a manobras maritimas a bordo de navios-escolas, a trabalhos em aeroplanos, a excursões difficeis pelas montanhas; e em logar da *solemne trivialidade* dos jogos elles seriam em todas estas novas experiencias, hospedados e sustentados, de uma maneira ao mesmo tempo excessivamente asseiada e sobria, onde houvesse *duchas* com alta pressão...

Este revolucionario tem no fundo uma certa razão, e pensando nos methodos ou antes na falta de methodo das educações inglezas as raças meridionaes podem dizer comsigo: *Nem tudo que luz é ouro, e cá e lá más fadas ha.*

O que Wells não diz, mas que eu ousarei apontar aqui em opposição a elle, é que para a Inglaterra tal qual se conservou até meados da *éra*

Victoriana nada mais adequado, proficuo e racional do que essa educação que o radical observador condemna sem piedade.

Assim nessas escolas onde se aprendia a obedecer, a supportar, a lutar e a vencer, e n'essas Universidades, onde em *clubs* se aprendia a fallar, a debater assumptos nacionaes, a traduzir elegantemente os escriptores latinos ou gregos, a formar camaradagens que mais tarde se estreitavam em relações politicas e parlamentares, em que futuros *commoners* e futuros *lords* aprendiam a apreciar-se, a entender-se, a combater-se, a unir-se, — ahi nessas instuições hoje envelhecidas é que se criava a *élite forte*, energica, coherente e apaixonada pela politica que mais tarde havia de governar a nação.

Os assumptos politicos n'esse bom tempo predominavam sobre os assumptos economicos. Foi no meio do seculo 19 que uma transformação

radical nas condições do trabalho, nas leis da economia publica, na concepção dos direitos individuaes, veio pôr a confusão tremenda, o cahos, a incoherencia, na vida intellectual, moral e economica da Inglaterra, como na vida de todas as nações da Europa...

O que dura tem sempre uma razão de ser.

Não duraria se não correspondesse a uma necessidade inilludivel e profunda da sociedade em que nasceu e se desenvolveu.

A Democracia é um facto já antigo, mas as suas ultimas consequencias, as transformações *essenciaes* que ella traz consigo *sentidas* vagamente, ha muito tempo, só agora começam a ser comprehendidas relacionadas e systematizadas.

Wells não é dos mais imaginosos escriptores do seu paiz. E' sem duvida dos mais intelligentes,

dos mais raciocinadôres, dos mais amplamente esclarecidos.

A critica que elle applica á educação, applica-a com a mesma clarividencia aos partidos politicos, aos preconceitos, ás austeras leis moraes, que quasi ninguem cumpre, que todos fingem cumprir, o que é uma corrupção e uma mentira fecunda em desastres, e á inflexivel austeridade exterior com que em Inglaterra se condemna ás *gehennas*, ao ostracismo social e politico *todo* o homem, quando uma *parcella* desse homem peccou contra qualquer das leis estabelecidas pela hypocrisia social e mundana.

O *New Machiavelli* figura ser a historia de um homem que chegou pelo esforço, pelo trabalho, pela ambição generosa de ser util á patria, a um alto papel politico. E' deputado e muito

considerado pelos que sabem aquilatar o valor intrinseco e individual de um dado homem; é jornalista e tem uma grande influencia no *meio* em que o lêem; projecta remodelações sociaes que lhe parecem salvadoras da raça, que decahe physica e moralmente e da sociedade que se deixa cahir na rotina, e no gozo material.

No meio d'este affan que o torna notavel, este homem tem uma paixão, um louco amor, que o fez esquecer de tudo, de tudo, menos da sua missão politica e social em que a mulher que elle ama é collaboradora dedicada.

Pois bem. Para elle acabou politica, serviço publico, carreira, a propria patria!

Tem que deixar a Inglaterra e, escondendo-se num canto escuro da Italia, elle faz d'ahi a historia circumstanciada do seu espirito, das phases por que passou, das *étapes* que percorreu, dos sonhos

e dos desenganos, das observações e das fantazias...

Partido do radicalismo mais absoluto elle chega por uma série de experiencias a uma especie de neo torysmo, muito differente do seu ponto de partida.

Pela sua influencia jornalistica e parlamentar vae crear-se o partido que elle sonha, quando o ataque que, segundo Macaulay dá na Inglaterra de sete em sete annos, o condemna ao exilio. Fundava-se esse partido na alliança da tradição com a democracia. Só a auctoridade póde ir impondo transformações grandes no modo de ser de uma nação, e onde ir buscar a auctoridade senão na força tradicional que dá a longa duração?

O povo não tem melhor amigo do que aquelles que longamente o serviram, obedecendo-lhe sem o confessar, fazendo-se obedecer sem violencias revolucionarias.

Os mestres da revolta, os agitadores de ideias, não pódem, não sabem organizar. E' a velha sociedade que despindo-se gradualmente de regalias que lhe são hoje puramente decorativas ha-de ir modificando costumes e leis que já se não adaptam ao organismo nacional, extremamente complicado, pela transformação dos tempos.

Esta longa caminhada de um espirito atravez da politica ingleza, tão interessante pelas revellações que nos traz, pelas idéas que nos suggere — eis o thema curioso e brilhante do *New Machievelli* — que além das reminiscencias de casos identicos taes como o de Parnell, de Dilke, etc., — e excluida mesmo a parte romanesca do caso — traduz a evolução mental por que está passando a *élite* intelligente da Inglaterra. Ao insularismo á *outrance* seguio-se o imperialismo jactancioso, a estes dous estádios successivos vai succedendo a comprehensão mais vasta do mundo

e das correntes e interesses que n'elle se entrecruzam, e a consciencia nitida de erros seculares, e preconceitos archaicos com que é preciso lutar, para progredir sem revoluções sempre funestas porque por melhores que sejam sacrificam o bem estar de tres gerações ao futuro hypothetico das que hão de vir.

Julho, 1911.

XIII

Chateaubriand em plena actualidade

I

Chateaubriand está agora sendo um dos assumptos mais actuaes do mundo litterario francez.

Depois de trabalhos de Giraud, de Beaunier, de varios outros, Jules Lemaitre iniciou ha pouco uma serie de dez conferencias que serão, por agora, definitivas ácerca do chefe incontestado do romantismo.

Depois d'esta suprema consagração é provavel que se não falle mais n'elle, por largo tempo. E' assim que succede a todos os grandes nomes. Virá depois mais tarde outra geração, com gostos diversos, um ideal differente, methodos de

critica contrarios aos antigos, e essa tornará a rever o processo sempre em aberto d'esse homem que não vale sómente pelo que foi, mas que vale tambem pela influencia poderosa que teve nas lettras, não só da sua pátria, mas de toda a Europa.

Assim se vae fazendo a historia dos grandes homens. Com o que elles traziam comsigo do passado contra o qual reagiam, com as notas vibrantes que accrescentaram á orchestra enorme dos sentimentos humanos, com a critica que de trinta em trinta annos lhes accrescenta cousas novas, que já são como que o fructo sazonado da sementeira por elles feita. Essas idéas não podiam existir se elles não tivessem existido. Esses modos de sentir não se teriam propagado se elles os não iniciassem. A critica que d'elles se faz, é d'elles proprios que provém!

Succede isto com Cervantes, com Dante, com Shakespeare, com muitos outros.

Com Chateaubriand vae succedendo o mesmo.

Cada dia que passa nós lhe prestamos alguma cousa do que é nosso, e que d'elle herdámos, sem termos a consciencia da aquisição feita, antes disfarçando sob nomes diversos essa porção de idéas ou de sentimentos que, sem elle, não teríamos conhecido.

Isto dá um certo orgulho aos obscuros. Elles collaboram permanentemente na obra que á primeira vista parece de um só e que afinal de contas é de cada geração que vae passando.

Depois do trabalho de Sainte Beuve parecia que nada mais havia a dizer a respeito de Chateaubriand. Havia. Ao nosso tempo competia achar na obra d'elle alguma cousa em harmonia ou em antagonismo connosco, que o seu critico eminente lhe não podia encontrar porque vinha de uma geração de que nós estamos já distantes.

Sainte Beuve ainda conheceu Chateaubriand, e durante annos elle esteve no circulo magico do *enchanteur* como lhe chamou Joubert. Poude porém, depois d'elle morto, libertar se do sortilegio extranho, que lhe paralysára as faculdades de analyse, e usando então do seu extraordinario poder de critica elle fez a historia documentada e comparada de todas as obras que até alli o tinham deliciado.

Que differença entre a fina e poderosa critica d'esse tempo e a critica de hoje.

Jules Lemaitre começa as suas conferencias por dizer que não *conhece toda a obra* do artista que vae julgar. Sainte Beuve não só conhecia linha por linha tudo que elle escreveu, mas conhecia os logares da litteratura antiga e moderna, onde elle fôra buscar a inspiração, aquelles em que Chateaubriand foi muito superior ao seu modelo, aquelles em que se encontrou sem

querer com idéas que, já formuladas, acharam na sua bella prosa a expressão difinitiva que as havia de fixar na memoria dos homens. E' incontestavel que uma mal disfarçada acrimonia inspira o trabalho do analysta admiravel. Mas que importa? São tantas as bellezas originaes, absolutamente ineditas, que Sainte Beuve descobre em Chateaubriand, que ao chegar ao fim do livro a gente percebe, melhor que se este fôra, de apologia e de louvor, quanto é grande, incomparavelmente grande o artista que o inspirou.

Já se vê que Chateaubriand se não fez a si proprio do nada! Tem antecessores, a quem muito deve; tem livros, que inspiraram os seus.

São aquelles, no seculo XVIII, Jean Jacques Rousseau e Bernardin de Saint Pierre. D'estes a Biblia que lhe inspirou a grandeza repassada de melancolia de muitas das suas imagens, e

Homero, em quem bebeu a frescura deliciosa de algumas das suas scenas, e Virgilio, que lhe emprestou a graça idyllica das suas descripções, e Bossuet que impregnou a sua voz de austera gravidade para contar os grandes catastrophes do seu tempo. Mas de tudo isso elle soube extrahir alguma cousa que é só d'elle. E esse alguma cousa é todo Chateaubriand.

Vejamos agora o que foi esse homem extranho, de quem todos os grandes escriptores do romantismo procedem mais ou menos, e cujo prestigio é ainda tão forte, que alimenta uma quantidade enorme de espiritos, na ancia de o comprehenderem, de o explicarem.

O sentimento que Chateaubriand, por assim dizer inventou, ou antes para o qual achou uma expressão nova e poderosa, quem é que o não

sentiu em si proprio, desde que a sua voz o revelou ao mundo?

Como o mineiro não inventa diamantes, mas estes só existem desde que elle os arrancou aos abysmos da terra, assim o psychologo não inventa sentimentos. Dá-lhes fórma, expressão e vida. Chateaubriand tirou cá para fóra um sentimento novo.

E' o tédio, é o *mal de René*, de que, quatro ou cinco gerações sentiram em si a influencia paralysadora da vontade e debilitadora do character; é esse tédio atroz da vida que só se cura momentaneamente na embriaguez violenta da sensação e que volta logo, mais devastadora e mais atroz.

A expressão d'essa amargura, achou-a talvez elle em Job, pois ninguem na terra excedeu o lamento do homem esmagado pelas fatalidades da Natureza, que julgava a vontade inexplicavel de

um Deus; mas no que Job e Chateaubriand divergem absolutamente é no modo de se subtrahirem por momentos á dôr que os apunhala!

Essa mesma vibração de desespero e de volupia, ouvio-a o seculo XIX todo, passando com fremitos diversos na voz de Lamartine e de Vigny, de George Sand e de Musset, no Sainte Beuve de *Volupté* e de tantos versos ardentes, no Sainte Beuve que tanto o soube condemnar, no seu creador immortal. E ainda bem recentemente em Baudelaire e em Verlaine, e nas melhores poesias da Condessa de Noailles!

Byron sentiu esta mesma dentada de féra na sua alma da poeta revoltado, e expandio-a em gritos de agonia que ainda parecem mais energicos na sua lingua feita para exprimir o desespero e a rebelião de Lucifer!

E' o mal que sahio das entranhas do nosso tempo, que exprime a desolação sem esperança,

diante de tantas ruínas e catastrophes, e que hoje começa a ser substituído pelo grito audaz dos que amam a lucta, que esperam vencer as causas fataes que fazem a nossa eterna humilhação; dos que querem gosar a vida triumphando brutalmente do que a torna incompleta, illusoria e vã; dos que vão para a destruição, para a guerra, sem se deterem a lamentar-se melodiosamente sobre as victimas que ficam no caminho!

Dir-me-hão que esse mal universal não era só de Chateaubriand! De certo. Mas foi elle que lhe deu nome, foi elle que lhe descobriu os symptomas, foi elle que o revelou á consciencia do homen!

Outro poderoso elemento d'esse talento excepcional, quem melhor o exprimiu que Chateaubriand?

E' o culto, o delirio sacro da mocidade! Quando se esvae tudo se esvae com ella.

Emquanto ella existe — suprema contradicção!
— tudo é pouco para lhe satisfazer as sêdes
implacaveis.

Não lhe bastam os grandes amores, nem as
grandes viagens, nem as imprevistas aventuras;
nem os oceanos sem fim, que elle viu tanta vez em
submissão ou em colera, na graça da sua calma,
ou no horror das suas tempestades; nem o vasto
globo com todos os seus espectaculos grandiosos,
nem a palêta miraculosa que elles lhe deram para
traduzir as sensações e as emoções em face d’elles
gozada; nem as mulheres que o amaram sem a
esperança de prende-lo, e que morreram ou
enlouqueceram de o ter amado, nem a religião a
que elle pedio o thema de tantas das suas obras
immortaes.

A mocidade foi para Chateaubriand o filtro
embriagante que elle bebeu e que espalha em
quasi toda a sua obra não sei que sombria voluptia,

não sei que perfume calido que faz mal aos que o respiram. O filtro de amor de Isolda, o filtro do esquecimento de Siegfried.

Na mocidade, Chateaubriand viu representadas as energias da vida creadora. Foi a inspiração que ella lhe deu, que o fez traçar com tanta belleza, com tanta plenitude, com pincel tão voluptuoso, as figuras de Amelia e de Celuta, de Atala e de Cymodocée!

Elle sentia em si a força em ebulição de que taes creaturas de chammas, de lagrimas, de desejos, pódem sahir. Não foi pae de nenhuma creatura viva, mas mas foi pae de uma multidão de mulheres deliciosas, filhas do seu sensualismo e da sua sensibilidade, e taes que nenhuma mulher viva as poude nunca igualar aos seus olhos.

Por isso, quando a velhice veio, nada o poude consolar. E por mais que se riam d'esse desejo de ser moço e d'essa dôr de ser velho, eu tenho pena

de quem a sente, porque para mim a velhice é tudo que póde existir de mais tormentoso a de mais cruel A morte não é nada; a velhice, essa sim! essa é a morte consciente, é como se a creatura humana, na cova tenebrosa, se estivesse a lembrar do que gozou, do que soffreu, do que foi! E o grito quasi constante de Chateaubriand traduz uma dôr tão natural em quem, conhecendo a vida em toda a sua plenitude, conhece a morte em todo o seu horror, que eu nunca o sinto nos seus livros, que não estremeça da mesma angustia incomportavel.

Ha na composição de genio de Chateaubriand outra influencia que não podemos desattender. E' o sentimento da honra como o seu tempo o entendia, como elle o entendeu melhor do que o seu tempo.

Em todas as suas obras encontramos aquelle tom cavalleiresco que o approxima a elle o heroe romantico, de algum paladino de antigas eras, de

Galahaad ou de Arthur. A sua vida foi uma prova evidente de que a idéa de honra o dominou sempre.

Em pequeno quizeram castigal-o com a chibata muito em uso n'esse tempo, e é vêr nas *Mémoires d'Outre tombe* a maneira porque elle luctou desesperadamente contra o castigo, a seus olhos deshonoroso, que lhe queriam infligir. Depois pela vida fóra foi sempre assim.

Teve pela honra, que é uma fórma e a mais elevada do orgulho, o mesmo ardente culto que tinha pela mocidade, creadora de força e de vida.

A imaginação, a imaginação mais vasta, mais extraordinaria, mais amplificada, mais colorida, mais capaz de crear imagens novas, de transfigurar scenas reaes, de transpôr sensações, de fazer de cada cousa simples uma cousa grandiosa, só porque elle lhe tinha tocado, juntando se a tudo o mais, fez o seu talento de

magico, de encantador, de Merlim, a quem cada herva fallava e para quem cada mulher era a Viviana lendaria, mas Viviana, que nunca logrou prendê-lo na rêde dos seus feitiços.

Da consciencia de tudo isto, nasceu um orgulho que chegou muitas vezes a approximar-se da loucura.

Esse orgulho é necessario que o lancêmos tambem na caldeira de que sahiu, depois da magica ebulição, feito e completo o seu talento. Tédio da vida expresso em phrases até alli nunca ouvidas, orgulho de Satanaz que se julga superior ao mundo inteiro e que prefere o anniquilamento á banalidade da vida quotidiana; imaginação ardente e colorida que tudo trasforma — a ponto de merecer dos mediocres o nome de mentiroso — como se a imaginação não fosse o manto constellado de pedrarias, tecido de flôres, semeado de estrellas que os poetas lançam sobre

a vida, para que ella lhe appareça mais bella, mais radiosa, mais possivel de ser vivida!

Eis Chateaubriand!

Em tudo que elle na vida praticou ou escreveu, encontra-se sempre a inspiração d'estes sentimentos elementares que o formaram. E da diversidade contradictoria muita vez de taes elementos provém a diversidade dos discipulos que pelo seculo adiante nos trouxeram écos da sua voz, pedaços do seu régio manto, harmonias e bellezas da sua lingua incomparavel.

Encontramol-o na tristeza, no desalento, na duvida dolorosa de todos aquelles de quem fallámos já, e na phrase rutilante e empenachada de Barbey d'Aurevilly e na riqueza verbal de Victor Hugo, e na magestosa eloquencia de Vogüe, e sobretudo n'esse extranho Loti, que nos parece tão moderno e que por uma fórma differente sente em face da natureza a mesma

ancia misteriosa, o mesmo terror do *nada*, o mesmo assombro inexprimível: e em face da mulher, a mesma consciencia do ephemero, o mesmo sombrio ardor, a mesma saudade sem nome de alguma cousa que podia ser, e que não é; n'esse Loti, que navegou os mesmos mares, que viu as mesmas terras, que amou as mesmas Evas primitivas e que, para quem bem o sondar, parece a alma de Chateaubriand, encarnada de novo n'um corpo de viajante e de poeta.

II

Quando pensamos no tempo em que o grande escriptor viveu e que largas e extranhas aventuras foram as suas, quando sabemos que elle soube dár á sua vida tudo que ella podia render em força, energia, combatividade, sentir e pensar, temos um involuntario desdem pelo litterato de hoje em dia.

O escriptor actual já Taine o definiu: E' um homem que sabe theoricamente as paixões, e praticamente a grammatica.

E' necessario ter o instincto creador do um Balsac, que *viveu* a vida de milhões dos seus personagens, que frequentou com elles todos os meios, que foi diplomata e magistrado, e *dandy*; presidiario e ladrão; soldado brilhante do Imperio, e reformado humilhado e vencido da Restauração; medico, artista, e cortezão; mulher do mundo, burguezia ambiciosa, e duqueza cheia de desdens;

que teve o espirito de Bixiou, a elevação de d'Arthez, a arte magnifica de Joseph Bridau, que esteve em todas as situações e que de cada uma revestiu o personagem typico; é necessario hoje esse genio multiforme — para poder vencer o grande obstaculo, que é para o escriptor a falta completa de experiencia social!

Fechado no seu gabinete de trabalho, escrevendo por profissão e necessidade, que sabe elle da vida senão o que que advinha?

Exemplo vivaz d'essa deficiencia do artista de hoje, temol-o em Zola, que escreveu a respeito de todas as cousas, ignorando igualmente todas, e sendo apenas grande, quando pintava as paixões e os sentimentos populares que elle conhecia porque nascera no povo e porque tinha o instincto herdado dos sentimentos que pintava. Loti de que já fallámos nunca nos falla senão de si. Não é um escriptor. E' um homem.

Chateaubriand é de outra raça, pertence a outro meio. Elle pertence a essa pleiade de homens que escreveram o que sentiram e padeceram, no scenario terrivel em que tiveram de representar.

Viajante, soldado, publicista, homem de Estado, exilado na Revolução, *imigrado interior* no Imperio, tudo que elle pinta com magnificencia, viu-o com os seus proprios olhos; as emoções que descreve sentiu-as em face das cousas; os amores das suas ficções encantadoras, palpitarão primeiro no seu coração de homem.

Na Idade Média, na Renascença, no principio do seculo XVII, houve assim poetas que viveram os seus poemas; homens publicos que escreveram as suas impressões; escriptores que participaram pela acção nos grandes acontecimentos sociaes; chronistas em quem cada palavra rude representa

um grande facto vivido, compartilhado, não só visto de longe.

Em Chateaubriand morreu o ultimo d'essa grande raça. Elle que foi um grande escriptor principalmente, tinha — até é este um dos seus pequenos ridiculos — a idéa de que escrevia apenas nas horas vãs de mais absorventes e altas occupaões.

Nunca se tomou a sério senão como estadista e politico. Enganou-se n'isto como em muitas outras cousas, mas a sua vida só por si bastava para o tornar interessante, mesmo que nada mais tivesse feito senão narral-a. E vejamos como ella foi bella de interesse.

Veio ao mundo n'um tempo em que a nobreza valia muito e teve vinte annos no tempo em que ella valia o exilio ou a guilhotina.

A sua infancia passou-a em Saint Malô ou em Combourg, isto é, em face do mar que foi sempre

o seu grande inspirador, ou nas salas e corredores escuros de um solar arruinado, que lhe revelou pela primeira vez a belleza de uma grande cousa que se extingue.

Atravessou o convulsionado periodo da Revolução, viu de perto acontecimentos terriveis e tragicos que não têm paralelo na Historia; depois, feito para admirar a grandeza de Napoleão, de quem mais tarde se julgou rival na admiração do mundo, feito, quem sabe? para collaborar com elle (como collaborára com elle o Consul Bonaparte no resurgimento do catholicismo destruido, na restauração do abolido culto), elle foi o seu inimigo mais feroz, o que nunca desarmou em face do tyranno; julgando-se com direito á gratidão dos Bourbons e tendo o, porque os ajudára com a penna, mais do que os outros com a espada, estes, ingratos como sabem ser os reis e os povos, puzeram-no de parte com

impaciencia e tédio, ou acceitaram-lhe de má vontade os serviços na hora da desgraça; apertado nos laços de um casamento que elle, paladino do catholicismo e da monarchia, não poudé nem quiz repudiar, as circumstancias fizezam com que o amor fosse no seu destino a influencia mais importante e decisiva.

Amor de Madame de Beaumont que foi morrer ao pé d'elle em Roma, desmentindo pelo facto, assim, na séde do catholicismo, a lenda em que acabava por acreditar, de ser elle um dos mais fortes esteios da religião, que préga a castidade e que condemna como peccado mortal o adulterio. Amor de tantas mais que para o contar seria preciso um grosso volume.

E' portanto cheia de interesse esta individualidade que o temperamento, as paixões, a ambição, o proprio genio desenfreado e livre chamavam para um lado, e que a tradição a

situação peculiar, a religião, a honra, as crenças políticas chamavam para outro.

Chateaubriand viveu sempre prisioneiro das suas doutrinas ostensivas.

D'esta contradicção fundamental da sua vida vem a especie de incoherencia, de instabilidade de que ella tem.

Isto é talvez desagradavel para elle; para nós os que o lemos não póde ser senão de magno interesse.

Que vida esplendida em acontecimento, foi a vida de Chateaubriand!

Elle conheceu quasi todos os homens que na sua patria e fóra d'ella tiveram um papel no drama do seculo XIX.

Washington, o libertador de um povo, e Napoleão, o legislador, o guerreiro, que deu ao mundo moderno todos os impulsos que n'um sentido ou n'outro ainda hoje o fazem mover; Luiz

XVIII o rei que não acreditava já na realeza, e Alexandre, o ultimo illuminado da fé monarchica, Fox, Sheridan, os illustres, os inimitaveis oradores da grande Inglaterra *whig*, e Burke o maior inimigo que a Revolução alli encontrou; Londonderry, o reaccionario feroz da Santa Alliança, e Mirabeau, aquelle que, se tivesse vivido, impelliria o grande caudal revolucionario por um leito largo e magestoso, sem deixar que elle se transformasse na corrente devastadora, calamitosa, que tanto cadaveres arrastou até se fazer de sangue puro!

E além d'estes, quantos outros!

Malesherbes, o defensor de Luiz XVI, Nelson, o victorioso de Trafalgar, vencido pelo seu proprio coração, que tão mal empregára.

Moreau, o unico rival serio de Napoleão.

Marat, a quem chamou-se *Caligula de carrefour*. Camille Demoulins, o *Cicero gago*.

Fouché, a *hyena vestida de gente* Danton, cuja cabeça *a natureza modelára para o imperio ou para o cadafalso*’ e mais e tantos mais que marca na passagem com a sua garra de maravilhoso domador do verbo indomito!

Elle atravessou successivamente os annos tragicos da Revolução, os fastos gloriosos de Napoleão, o reinado dos Bourbons em que tanto fél bebeu, a soberania burgueza de Luiz Philippe e a republica passageira que o viu morrer.

Como havia elle de ser crente em alguma cousa humana! Como havia elle de prender-se a tanta cousa que passára!

Preferio dizer sempre que em cousa nenhuma tinha fé senão em Deus! Essa fé provou-a bem ou mal? Não sei. Sei que o livro de *chevet* das nossas mães era o *Genio do Christianismo*. Que elle ensinou a muita gente a esthetica da Religião. Que a sua influencia foi n’este ponto excellente, que

bateu Voltaire, a ponto de o destronar para sempre!

Nunca mais alguém que se prezasse ousou empregar os gracejos voltairianos, que eram a voga corrente do seu tempo.

Acreditou elle como um apostolo, como um simples de coração, piamente, ingenuamente, na pureza, na verdade do christianismo?

A's vezes parece-me que não.

Mas fez o que os theologos aconselham aos incredulos. Tanto quiz provar a sua these, que acabou persuadido, ao menos, do salutar poder de uma religião, sem a qual o homem cahe na degradação e na crueldade, de que a Revolução subjugada sob as esporas de Bonaparte acabava de ser a demonstração mais cabal.

Fatigado do amor que inspirava, e a que não respondia, incansavel, insaciavel de emoções e de imagens, como ar-artista, e grande artista que era,

elle proprio nos diz o que foi a sua odysséa de viajante e de homem.

Explorou os mares do antigo e do novo mundo, e pizou o sólo de quatro partes da terra.

Pernoitou sob a choça do Uroquez, e sob o acampamento do nomada, no *wigwam* do Huron, e nas ruivas de Athenas, de Jerusalém, de Memphis, de Carthago, de Granada; foi o hospede festejado do Turco, do Grego e do Arabe; errou através de florestas densas, vestiu a casaca de pelle de urso do selvagem, e o *cafetan* de sêda do mameluco; soffreu a pobreza, a sede, a fome, o exilio, nas brumas de Londres, no deserto povoado de homens da triste Inglaterra; e sentou-se, coberto de bordados de ouro e de grãs-cruzes, á meza de reis, em banquetes de principes e princezas. Acabou, finalmente, na quasi indigencia, amparado pelo carinho ineffavel de uma mulher, cujo encanto era tão grande, cujo

prestígio era tão invencível, que fez com que as gerações que cresciam, ambiciosas de glória e de renome, se detivessem reverentes no limiar da Fama, a ouvir a voz d'este velho que lhes fallava de si, sempre de si, da sua glória, do seu genio, da sua tristeza, da sua solidão, do pouco que para elle valêra tudo — n'uma voz que vinha *d' além tumulo*, mas cujas vibrações écoavam ainda pelo mundo, e os impedia, a elles, de serem ouvidos e acclamados.

Não espanta, pois que elle, que tantas cousas viu, que tanto escreveu, que tão grandes acontecimentos presenciou, seja outra vez chamado a depôr no processo que lhe faz o nosso tempo, para ser de novo julgado pela nossa alma, mais exigente justamente porque ella a enriqueceu de elementos novos.

Lembre-mo-nos, porém, antes de qualquer severidade de mau gosto, que no seu tempo Chateaubriand não teve rival. Mme. de Stael, talvez pensadora de mais alto vôo, nunca teve o estylo, esse dom, que fixa para sempre no ouvido do homem o nome de um artista definitivo.

Todo o resto da litteratura da Revolução e do Imperio desaparece ao lado d'elle.

Os grandes tinham morrido ha muito; os discipulos das suas doutrinas desvairadas tinham no mundo espalhado a ruiva e a morte!

Rompia o seculo quando elle chegou, com a sua alma de cavalleiro antigo, devastada pelas convulsões do mundo, que despontava sangrento e glorioso.

Como é que Chateaubriand poudo amalgamar, dento de si, tanta cousa do passado com tanta cousa do presente, e produzir uma obra que não é nem de um nem de outro tempo? Como é que

poude abrir á sensibilidade humana novas fontes de lagrimas, novos horizontes, illuminados de luz magica, novas tristezas, novas fórmãs de sentir?

Respondam os seus discipulos todos, porque todos os romanticos foram discipulos d'elle.

Chateaubriand, diz Faguet, é uma grande data na historia litteraria da França, a maior, depois da apparição da Pleiade. Isto é, depois de Ronsard e dos seus companheiros, que revolucionaram a litteratura no seculo XVI.

Eu que na minha tão longinqua mocidade, li com devoção exaltada as obras todas do grande poeta da prosa, gosto bem, que a geração de hoje o descubra de novo.

São uteis estes regressos ao passado. E se, como é provavel, para muitos dos meus queridos leitores, Chateaubriand é apenas um nome, que alegria não será para mim, saber que esse nome se

vae converter n'uma realidade magnifica, que eu
os desafio a conhecer!

1912

P. S. — Devo acrescentar em P. S. que
Lemaitre, que principiava as suas conferencias
quando estes artigos foram publicados, tractou
muito mal a Chateaubriand na sequencia do seu
estudo.

Mais parece um pamphleto diffamatorio que
um livro de critica o volume em que, reunidas as
dez conferencias, as acabamos de lêr. Depois de
Sainte Beuve que já não fôra demasiado terno,
Lemaitre é positivamente feroz!

Porque será que os criticos se atiram todos ao
grande creador? Impotencia, inveja,
impossibilidade de concordarem com esse talento

todo em grandes linhas e grandes impulsões eloquentes?

Não sei, nem posso agora averiguar.

Constato com muita pena o facto. Demolir um nome glorioso além de ser uma empreza mais do que difficil, impossivel, é tarefa que nunca devia ser tentada, por homens de incontestado e incontestavel talento!

Para negar e ultrajar o genio basta a mediocridade.

XV

O barão do Rio Branco

A' hora em que escrevo o Brazil está de lucto por um dos homens de mais extraordinario valor que a Historia da Republica terá de consagrar nos seus fastos.

E eu que ha trinta e quatro annos dou ao Brazil o meu pensamento e quasi toda a minha vida intellectual, não posso callar-me n'este momento em que elle está immerso em dôr, sem lhe manifestar a intima magoa com que o acompanho.

Em 1893 conheci eu o Barão do Rio Branco em Paris, n'uma affectuosa camaradagem de todos os dias, em casa de Eduardo Prado, que tinha por elle uma affeição fraternal, depois,

sempre que procurei de longe, *para outros*, o seu precioso poder o encontrei.

Como não recordar, n'esta hora de tanta tristeza, esses dias de intimidade e de alegria que já vão tão longe!

Eduardo Prado morreu ha annos, em plena vitalidade do seu talento encantador.

O Barão do Rio Branco acaba de morrer no apogeu da gloria, constellado de serviços feitos á sua patria tão amada, levando para a sepultura o segredo d'esse encanto, d'esse prestigio insinuante, que é o cunho authenticos dos raros e verdadeiros diplomatas.

No tempo em que eu o conheci era elle um homem moço, elegante, formoso de feições, de ampla testa cheia de intelligencia, de olhos expressivos, de conversação facil e agradável.

Não era ainda o homem *mundial* que foi depois. Porque o Barão de Rio Branco, pela

universalidade dos seus conhecimentos, pela grandeza das questões internacionaes que teve de tratar, pelo fino tacto diplomatico que fez d'elle um ministro *inamovivel* das Relações Exteriores, pela importancia dos assumptos que resolveu, pelos milhares de leguas quadradas que accrescentou ao territorio do Brazil, pela maneira porque se fazia ouvir nas chancellarias estrangeiras — tinha se tornado famoso e respeitado no mundo todo.

No tempo em que eu o conheci em Paris estava já elle encarregado d'uma delicada missão do seu governo.

Era encantadora a sua modestia; não se dava ares; não tinha o tom de superioridade que torna insupportaveis os grandes homens.

Elle e Eduardo Prado mais resistente as idéas novas, mais intransigente em questões de politica,

conversavam muito do Brazil, do seu futuro, das suas virtualidades.

N'aquella elegante bibliotheca da Rua Rivoli, trocavam-se altos pensamentos e palavras de supremo interesse de que hoje só eu, e a viuva inconsolavel do Prado, lá em sitio bem distante, guardamos na alma o éco saudoso.

Tudo desapareceu.

Foi se a figura adoravel de Prado, com o seu modo original de dizer e de pensar; dispersou-se o scenario luxuoso o que rodeava; aquelles livros que foram seus companheiros e amigos de longos annos, livros de pensador e de artista, instrumentos maravilhosos de trabalho, que eu me deliciei a interrogar, alguns dos quaes abriram tão vastos e novos horizontes ao meu pensamento; os quadros que adornavam as paredes e que tinham sido escolhidos um a um, com amor, com devoção, nas interminaveis viagens que Prado

fazia, e sempre correspondentes ao estado d'alma em que elle estava ao compral-os.

Na vida extenuante de Paris, aquella bibliotheca era uma thebaida em plena Babylonia, com as pesadas tapessarias que a guardavam do ruido exterior, com as suas cadeiras profundas em que o corpo se afundava, com as flôres deslumbrantes, que punham no retiro do estudioso uma nota de doçura, uma vibração de côr.

Com tudo isto me lembra agora! E de tudo isto só resta a photographia d'esse quarto delicioso que ouviu os paradoxos faiscantes de Eça de Queiroz, a palavra fluente, substanciosa, animada de Rio Branco, as engenhosas divagações ou as narrações pittorescas d'esse fantasista eterno que era Eduardo Prado, as conversas sempre vivas, cheias de imprevisto e de *verve* de tantos outros que hoje estão mortos ou dispersos por esse vasto mundo.

Attrahia-os alli o dono da casa, imaginação brilhante que tinha o dom de fascinar os que conheciam, de fixar n'aquelle ponto, personalidades tão diversas, caracteres tão divergentes, almas de tao differentes regiões moraes!

E a idéa que isto passou, que não póde voltar, enche-nos d'aquella tristeza profunda de que já fallam o livros santos, e que é companheira eterna de todo o espirito que não seja inteiramente banal.

O homem passa como a folha da arvore, como a nuvem do espaço: tudo se dissolve, e tudo se transforma sem cessar.

Tudo que foi acaba, tudo que nós amâmos não passa a breve trecho, primeiro de uma saudade no coração de alguns, depois d'uma sombra que se esvai, e que foi reflectida por momentos na agua movediça d'um lago...

Mas... é enganoso este desalento que nos assalta!

Eduardo Prado deixou na memoria dos que o amaram e em livros de merecimento raro a essencia do seu espirito precioso. Eça de Queiroz revive nos seus livros tão bellos, e que as gerações de hoje lêem com a avidez com que as lêram as gerações de hontem. E Rio Branco deixou assignalada a sua passagem na terra, por conquistas perduraveis para o seu paiz, por grandes serviços feitos á querida patria brasileira, e tambem por numerosos livros que provam o seu talento de investigador e a sua multiforme intelligencia applicada a tantos assumptos diversos e todos igualmente bem tratados.

O valor dos grandes diplomatas tem diminuido recentemente.

N'esta transformação vertiginosa que leva o mundo moderno não sei se para o abysmo, se para a apotheose, a diplomacia tem sido um dos ramos da actividade humana que mais tem soffrido.

O engenho, a paciencia, a vizão larga das cousas, a graça insinuante das relações, o encanto pessoal, o conhecimento perfeito da historia do passada, a previsão intelligente do futuro, todas essas maravilhosas acquisições de uma intelligencia curiosa e penetrante, tudo isso vae sendo substituido por modos de proceder rapidos e radicaes, por decisões telegraphicas para que nenhuma d'aquellas qualidades é necessaria.

Mas quando o diplomrta é ao mesmo tempo ministro, quando elle é que faz irradiar o seu pensamento com instantanea rapidez, para todos os pontos e em que a sua influencia se pôde fazer sentir, então ainda um diplomata da ordem e da

gerarchia intellectual de Rio Branco se torna precioso,

O Brasil perdeu com elle um homem que lhe augmentára o valor e o prestigio em todas as chancellarias do mundo. Na America e na Europa, a palavra de Rio Branco tinha um grande peso, uma profunda significação.

Virão outros, que lhe seguirão as tradições e as pizadas. Esse paiz em que ferve ainda n'uma ebulição permanente, a seiva que anima e vivifica as raças e as nacionalidades, continuará a ter para lhe servir as necessidades crescentes e complexas, homens de grande valor intellectual; não se deve duvidar d'uma nação que ainda não chegou á maturidade plena, e cuja energia se traduz pela quantidade de obras de todas as especies, produzidas por cerebros de todas as capacidades, mas todos cheios da mesma vida que aflora, da

mesma ambição que luta para se realizar, do mesmo ardor que rescende mocidade e força.

Mas homens como Rio Branco ha muito poucos em cada geração.

A Europa tinha-lhe dado a cultura mais variada e mais ampla; a velha Europa tão gasta, mas tão sabedora, ensinára-o, amara-o dissera-lhe cousas que em geral só os seus filhos ouvem e assimillam.

No novo continente Rio Branco encontrara e soubera apreciar a energia que só elle possui, os recursos naturaes de que elle começa agora a ter a consciencia, as possibilidades magnificas, que um dirigente do velho mundo já não póde antever, e póde apenas recordar!

A sua intelligencia completa, rica e ductil, assimiladora e activa, formou-se de todos estes elementos maravilhosos!

E agora elle deixa o Brazil n'uma hora de crise, na hora em que ahi, como no velho mundo, não sei que maleficio extranho faz de cada nação alguma cousa da desordenado, como se fossem antagonicas e irreductíveis as forças que n'ellas estão em acção.

N'esta hora de luto nacional, em que o coração de um povo inteiro vibra unisono na consciencia da mesma perda irreparavel, eu saudo o Brazil, porque sinto com elle a morte de um grande homem e de um homem bom!

E evoco com saudade irresistivel a linda tarde de Maio parisiense, em que os castanheiros e os lilazes estavam em flôr, impregnando o ar de um perfume perturbante, e as lojas das floristas pareciam jardins de fadas, e o céu azul desmaiado lançava em jorros alegria e vida, e eu fui acompanhada por Eduardo Prado e o Barão do Rio Branco, á fundição famosa em que acabava de

sahir do molde e já se podia admirar no bronze imorredouro, a estatua equestre imponente e magnifica do General Osorio, uma gloria do Brazil.

Bem sei que Rio Branco já teve em vida o seu monumento. Mas este não basta, decerto á admiração, á gratidão dos brasileiros.

Outro lhe offerecerá o povo que hoje o chora unanime.

E haverá então uma tarde igualmente linda, n'essa Paris maravilhosa, em que a Europa decadente, gasta as suas ultimas energias em prodigios de belleza e de arte e de genio exhaustivo, e na qual outros romeiros do bello, outros amigos fervorosos do Brazil e das suas glorias, farão a mesma peregrinação que nós fizemos, para admirar o monumento em marmore ou em bronze, mais austero e mais duradouro

porque desafia os seculos, que ao Barão do Rio Branco hade consagrar o Brazil.

E os companheiros que farão essa romagem, irão alegres, como nós fômos, e applaudirão a arte que faz immortaes os homens de um dia, e que perpetuará a bella cabeça radiosa e bella que eu conheci e que tinha dentro de si um tamanho thesouro de intelligencia e de bondade!

E os lilazes e os castanheiros desabrocharão as suas flores capitosas e a seiva palpitará em cada arvore, e Maio sorrirá no céu azul, e haverá no ar risos, alegria, vida e amor, o amor, que não deixa extinguir nada que um dia existiu, que o recria de novo para de novo o deixar submergir na morte, transfiguradora de tudo!

Na morte que tem no seu laboratorio mysterioso forças ignotas de que a vida nasce incessantemente e, com a vida, o talento, a belleza, a graça, a virtude, o proprio amor, eterno

como ella é eterna. E tudo continuará a ser o mesmo debaixo do céu azul. Sómente trez consciencias em que o Universo se reflectia differentemente, mas com vivo relevo, terão desaparecido da terra! E uma dessas consciencias, a unica obscura, será a de quem escreve estas linhas, e grava aqui esta modesta flôr de saudade.

Fevereiro 1912.

XVI

A exposição da Casa Leitão & Irmão no Brasil

Vou hoje fallar ás minhas leitoras de um acontecimento artistico que deve interessal-as.

Trata-se de joias e de objectos proprios para casa.

Para a mulher embellezar a sua casa e a sua *toilette* são duas cousas fascinadoras.

Quem não gosta de sublinhar a elegancia de um vestido com a rara belleza de uma joia? Quem não gosta de possuir para os ritos sagrados de familia, as cousas artisticas, que por assim dizer os espiritalizem?

Um apparelho para chá, bonito e rico é uma fascinação. A mulher sentada á sua mesa de

familia, procedendo aos gestos rituaes de servir a aromatica bebida, no meio de lindas cousas que ella move com as suas mãos ageis e dextas, é sempre um espectaculo de conforto.

Enfeitemos a vida com accessorios de arte, como os antigos enfeitavam com elles o sepulchro dos seus.

A casa Leitão & Irmão, de Lisboa, famosa entre nós pelas maravilhas de invenção e de cinzel com que tem enriquecido e nobilitado a arte nacional, vai fazer em S. Paulo e no Rio de Janeiro uma exposição das suas pratas variadissimas, das suas joias, dos exemplares de olaria popular que tem feito reproduzir em porcellana a que tem applicado lettras e decorações de prata ou filigrana, de moveis feitos por ourives, e que no seu genero tambem se podem chamar joias; de talhas de porcellana montadas em bronze cinzellado e dourado, sobre columnas de marmore

portuguez, emfim de *bibelots* preciosos que não se confundem com nenhuns outros, pois têm o cunho, o sello verdadeiramente nacional.

É um dos irmãos Leitão, desenhador cheio de talento, inventor inexgotavel de fórmulas novas ou renovadas, assimilador intelligente de motivos tradicionaes que aproveita, transpõe e applica, quem pessoalmente preside á exposição.

«A casa Leitão, dizia-me elle ha dias, consome vidas, tal é a febre productora, a intensidade, a paixão com que aqui se trabalha! Meu pai morreu exausto, com 45 annos!»

E assim é. N'um paiz em que a arte agonisa, e o passado se vai dia a dia apagando, elles continuam a tradição gloriosa dos lavrantes de ouro e prata que no seculo XV e XVI encheram as igrejas, os Paços, as casas particulares de thesouros de Arte, que mesmo hoje depois do terremoto, da expoliadora invasão franceza, de

tanto desastre, de tantas catastrophes nacionaes, do esbanjamento e da negligencia, defeitos tão nossos, das vendas ao estrangeiro incessantes — constituem ainda assim, pelo numero, pela variedade, pela riqueza, pelo esmero do trabalho, o orgulho de nacionaes, e o espanto de extranhos.

E haja vista áquella admiravel exposição de arte retrospectiva que ha bastantes annos já se celebrou em Portugal.

Que maravilhas de ourivesaria sacra! A penna não póde descrever taes prodigios, mas a imaginação de quem alli os viu juntos ficou para sempre deslumbrada. Tudo ou quasi tudo que alli admiramos pertencia á Igreja. E em toda a parte era assim.

É que a Igreja Catholica tinha na sua grande concepção de vida — que nunca será imitada, quanto mais excedida, — chamado a si todas as

artes como auxiliares poderosos seus, na conquista, na dominação das almas!

Architectura, esculptura, mosaicos maravilhosos, esmaltes, pintura, vidraçaria polychroma, musica da voz humana, e dos instrumentos até então descobertos, joalheria, ourivesaria, trabalhos de prata, ouro, bronze e marfim, cinzelados, burilados com prodigioso vigor ou subtil delicadeza, bordados de alto relêvo a ouro e sedas para paramento de altares, illuminuras radiosas, tão realistas que hoje se pódem reconhecer e designar pelo seu nome flôres que as decoram, e tão ricos de côr e de graça mystica que a gente tem vontade de as adorar de joelhos; esculptura em madeira tão bella que cada peça de mobiliario é uma riqueza, cada balaustre de côro, cada cathedra de bispo, cada cadeira de collegiada, cada armario de guardar objectos de culto, cada estante de missaes, é um assombro de

trabalho artistico — tudo isso ella fizera concorrer ao mesmo fim.

Reunir os homens n'uma communhão que transcendesse os limites acanhados d'este mundo, cujas misérias innumeras ella não pudera curar! Attrahil-os pela magia de tanta belleza reunida, entrelaçada, formando uma orchestra cuja voz ia até ao mais profundo do inconsciente fazendo vibrar todos na mesma intraduzivel commoção. Enriquecer o mais desherdado, dando-lhe o gozo de riquezas que ainda os mais opulentos não teriam, se as não fossem buscar, confundidos com os humildes, á fonte commum que saciava todas as sêdas da alma e dos sentidos.

A arte nunca teria produzido tanto, nunca se teria tornado tão popular, se a Igreja a não tivesse acolhido com tanto carinho, no seu vasto seio.

Não sabemos os nomes dos que construíram as grandes cathedraes, cuja flecha aguda se

levanta para os céos, como a prece de todos os crentes que nas suas naves sonoras se ajuntaram; os nomes dos que desgastaram, poliram, lavraram a pedra dura, até fazerem d'ella a renda transparente e delicada que o sol atravessa e doura com a sua luz de gloria; dos que pintaram em côres vivas os translucidos vitraes; dos que esculpiram as imagens rudes em que tanto ingenuo naturalismo se traduz.

Vêmos a obra multiforme e colossal, sabemos que consecutivas gerações de obreiros obscuros a fizeram assim, inconscientes da sua genial criação, e que era uma arte do povo para o povo, uma arte, por assim dizer, communista, que penetrava as almas, que as ajuntava n'uma adoração commum, que se deixava possuir pelo mais pobre, admirar pelo mais opulento; que se dava prodigamente a todos, inebriando-os,

deslumbrando-os, vencendo-os na mesma admiração e no mesmo extase.

Esse tempo passou. A arte fez-se aristocrata e individual. A Renascença, em toda a parte, foi antes de tudo, uma explosão de individualismo naturalista. Houve mestres, houve nomes enormes que enchem o mundo, e ainda eccôam através dos seculos; houve soberanos da Arte ante os quaes reis e papas se curvaram, attendendo-lhes os caprichos, satisfazendo-lhes os desejos, perdoando-lhes os crimes; cada obra teve o nome de seu auctor, e se ao principio cada pintor, cada esculptor, cada ourives, cinzelador de materias preciosas, tinha a sua officina, onde trabalhavam sob a suprema direcção do mestre, discipulos innumeros que lhe declupavam a quantidade do trabalho, é comtudo aos nomes immortaes que a nossa admiração vai fixar-se.

Injustiça suprema!

Na idade media e mesmo no seculo XV e XVI, a arte não estava hierarchizada e classificada como hoje.

Não havia artes maiores, nem menores. Os esculptores, pela maior parte, aprendiam na officina do ourives a trabalhar, a avassallar a materia rude.

Havia uma fraternidade grande entre todas as artes. Cada um fazia o melhor que podia, aquillo que tinha de fazer. E se odios sangrentos surgiam entre artistas, não havia linhas distinctas e divisorias entre as artes. Uma joia de Cellini valia um quadro de Raphael.

Com as modificações trazida pelos tempos, com o esmorecimento religioso, que era a união de todos n'um ideal commum, a arte tem-se feito cada vez mais individualista.

Ella deixou de ser o alimento indispensavel da existencia, é apenas o seu luxo. Não vive em nós,

e para nós; é um elemento extranho a nós, a que só têm direito os opulentos, ou os grandes viajantes que vão procurar lá fóra fartar se d'ella nos museus de todo o mundo.

A arte que se refugia nos museus é uma arte que morreu.

Esta que hoje vos apresento vai ter comvosco, procura introduzir-se no interior das vossas casas, ella representará a belleza, esta divindade de multiforme apparencia, que tanto póde seduzir-nos no corpo radioso de Venus, como nas linhas simples d'um vaso de Mycenae ou de Corintho!

As joias, a ceramica de arte, as peças monumentaes que já fazem parte da esculptura, entre as quaes o magnifico centro de mesa de rendas e arcarias manuelinas, hão de encantar-vos na exposição da casa Leitão.

Bem assim, os lindos moveis de *boudoir*, a mesa de chá com taboleiro de crystal incrustado

de filigrana, o candeeiro de trez biccós tão nosso conhecido, e tantas cousas velhas que ella conserva intactas, mudando-lhe apenas a materia de que são feitas, e guardando-lhes os moldes que nos encantaram na infancia.

Esta casa que vem de paes para filhos e que uma inspiração herdada e commum inspira nobremente, foi sempre, quiz sempre ser genuinamente nacional.

Portugal, o velho lavrador, o velho navegante, despe-se hoje voluntariamente de todas as usanças, superstições, costumes, graças pittorescas e tradicionaes que o diferenciavam, que lhe impunham um character ethnico original, que lhe davam o direito inalienavel e sagrado, de se chamar *uma nação*.

Benemeritos são os raros artistas que como a casa Leitão continuam a ser portuguezes de lei.

Nas numerosas peças monumentaes que têm sahido das suas officinas, que é como as da Edade Média, rica em artifices habilissimos, a nota portugueza faz-se ouvir tão alta que basta esta qualidade para a tornar querida de todos nós.

Vêde, por exemplo, o desenho do centro da mesa monumental da baixella Barahona. Ahi na forma, no recorte geral vê-se a «silhouette» de um galeão portuguez.

São os velhos galeões em que partimos um dia, ha já muito tempo, quando eramos ainda robustos e novos, por esses mares fóra.

Regressámos da prodigiosa aventura, tão exhaustos, de tal modo deslumbrados dos nossos feitos, descobrimentos e audacias, que nunca mais tivemos força que chegasse para as continuar, nem fantasia que de outra cousa se alimentasse senão da contemplação esteril do passado.

Mas o nosso antigo pendão lá ficou nas terras de Santa Cruz, que hoje tão hospitaleiras se abrem aos netos de seus descobridores valentes.

O mar — esse que foi a nossa fascinação e o nosso enlevo, o que nos tentou e o que nos fez grandes, o que pela comparação com as grandezas de outr’ora, nos revela a nós mesmos tão pequenos, que raro um pobre barco portuguez lhe sulca as ondas tão familiares outr’ora, — o mar, dá as decorações magnificas que os joalheiros artistas aproveitam engenhosamente. Polypeiros de coral, conchas, golphinhos, jorros de agua que se despenham, vela que o vento enfuna, flora maritima que é tão variada e caprichosa.

Uma vez é a época de D. João V com a elegancia um pouco pesada e a complicação requebrada dos seus motivos que os inspira e lhes serve de modelo. Estudam-na desde os seus mais opulentos edificios até os seus mobiliarios

riquíssimos, e d'esse estudo aturado, intelligente, conseguem fazer renascer uma época de extincta magestade.

Outras vezes modelam com singular felicidade, em objetos de uso profano, as graças e rendilhados manoelinos, esse *gothico florido* a que nós portuguezes accrescentámos alguma cousa de novo, de exotico, que tão longe fomos buscar.

Enchem-se de novo as casas opulentas de peças de artistica riqueza.

Eles ficarão, não só como um bello trabalho de arte, mas como um *testemunho*, uma affirmação de consciencia e de sentimento esthetico nacional. E mais tarde poderá affirmar-se que tambem nós tivemos o nosso Germain.

Entre as grandes peças que atravessaram os mares para serem admiradas e amadas por esses portuguezes — que o são do mais fundo da alma, que os que por cá andam ás bulhas a desnacionalisar as luzas gentes — quantas saudades, quantas recordações o artista lhes leva, saudades da patria e recordações de melhores dias, do tempo em que ella era gloriosa, rica e feliz.

Sabendo que o Brazil tem os mais bellos diamantes do mundo, não lhe levou joias ricas que o deslumbrassem. Levou-lhe cousas lindas que o enternecessem.

A nossa olaria popular, por exemplo, é considerada pelos que têm auctoridade e saber, como um dos ramos de gosto intuitivo mais dignos de serem conservados!

De gosto intuitivo lhe chamei, porque foi o gosto do povo que conservou essas antigas fórmas de uma arte extincta. Encontram-se porem nas

excavações a que eruditos archeologos se têm entregado, modelos iguaes aos que a nossa olaria perpetuou em bronze e faiança.

São os antigos modelos dos Gregos, esses mestres immortaes, que o oleiro nacional segue sem saber d'onde lhe vieram.

A influencia greco-romana e arabe, reconhecem-na hoje os mais auctorisados, na ceramica de toda a peninsula, e principalmente na nossa.

Em alguma cousa deviamos ser privilegiados.

«*Ce Pays (Portugal) est en quelque sorte le nouveau monde de la ceramique*» escreveu Jacquemart, e cita-o José de Queiroz no seu bello livro.

Pois bem, a Casa Leitão percebeu isso com rara adivinhação artistica, e como os lindos modelos millenarios vão desaparecendo, ella

procura resguardal-os da destruição que o *progresso* está em via de levar a cabo.

A bilha de Coimbra, a infusa de Guimarães e do Porto, o cantaro do Ribatejo, o cangirão das Caldas, o moringue do Alemtejo, o pote de quatro azas, o vaso de Chaves, feitos do barro mais humilde ou da louça mais pobre, foram largamente aproveitados pelos artistas. Ou os deram taes quaes são, simplesmente, marchetando-os com decorações diferentes, ou fizeram d'elles uma transposição, que conserva o modelo, que ha de resguardal-o por muito tempo, talvez para sempre.

E que fórmãs perfectas elles salvaram assim!

Basta ver um d'estes objectos sem outro encanto que não seja o da linha, para a gente sentir um consolo, uma alegria puramente esthetica.

Ama-os e não sabe porque!

Ha qualquer cousa na nossa alma que tem com elles uma harmonia mysteriosa!

Se Ruskin tivesse visto alguns exemplares da nossa olaria que bellas paginas palpitantes de puro entusiasmo elle lhes consagrára!

A linha é a primeira cousa que, sahindo da treva escura que a encarcerava, tão perto do animal, a humanidade poudê vêr, poudê sentir!

E' o principio elementar de tudo que de bello existe!

N'estes modelos ha a concordancia perfeita do objecto, com os usos para que é destinado.

E' da agua que lhe provém a belleza singular, inexprimivel.

Quando a tricana de Coimbra passa, de leve, com o pésinho nú, mettido no pequeno tamanco, a bilha bem posta na cabeça airoza, chispas de malicia no olhar, frescura de morango no sorriso — ella constitue um todo perfeito, um momento

da belleza eterna, que se encarnou, que tomou
fórma.

Pois bem, essa bilha de Coimbra ahi a vereis
pura e simples, desataviada e comtudo perfeita!

D'aqui a nada nem tricana nem bilha haverá
em Portugal.

A tricana será mestra de instrucção primaria,
empregada dos telephones, ou outra cousa assim.
A agua servida nos domicilios não será mais
colhida na fonte, pela bilha de barro vermelho,
com que em tempos idos, junto do poço biblico,
Rachel matou a sêde de Jacob.

Quando a virdes que recordações deliciosas
vos acudirão, oh! meus compatriotas do Brasil!

Os bons tempos de estudante, a noite de S.
João, a noite magica, as raparigas da aldeia, a
cantarinha que se entorna, o beijo rapido que se
furta, a mocidade, a ignorancia da vida, o amor, a
cousa mais bella que ella tem!...

E vendo as filigranas, tão artísticas, lembrar-vos-hão também as arrecadas em lindos rostos minhotos ou beirões, os *corações* enormes, em peitos de moçoilas que hoje são mães, as romarias jubilosas cheias de sol, de poeira, de alegria, de descantes, de côr — tudo que nós vamos perder, tudo que foi tão portuguez.

As applicações de filigrana em crystal são uma das mais bonitas invenções da Casa Leitão.

Ha também na exposição muitas pequenas peças lindamente esmaltadas, em que mais uma vez o lyrismo da alma portuguesa exhala ou se traduz.

Por bem — que foi o mote ou tenção de D. João I — lê-se em lindo esmalte em algumas d'essas joias. E quem ignora que no tecto da *Sala das Pêgas* do Paço de Cintra (tão artisticamente descripto pelo Conde de Sabugosa, vosso conhecido e amigo já, estou bem certa), o distico

enygmático se repete mil vezes, sahindo do bico da pêga palradora.

Diz a lenda que o Rei fôra pela Rainha surpreso a beijar uma linda dama e elle respondera prompto, ao olhar reprehensivo da esposa: *Por bem!...*

Ha pequeninas joias feitas para namorados que se querem, para noivos que se separam. Uma pôde ser cortada em dois fragmentos. *Quem parte leva saudades*, diz um. Responde o outro: *Quem fica saudades tem*.

E quantas saudades não haverá hoje em peitos portuguezes dispersos por esse mundo fóra!...

Manifestação brilhante de arte nacional, recordação da patria ausente que não esquece nunca, esforço intelligente e meritorio de uma familia de artistas, que ao verem em perigo as

creações queridas da alma de duas gerações, vão pedir ao publico portuguez e brasileiro que os auxiliem a resguardar um patrimonio de nós todos, uma arte que elles teem levado á summa perfeição, a que teem dado um cunho portuguez inconfundivel — tudo isto esta exposição representa e por isso eu folgo de a recommendar aos meus amigos do Brazil.

Fevereiro, 1911.

XVI

Por tierras de Portugal y Espanha

Extranha cousa que nós, tão perto da Hespanha, nada ou quasi nada saibamos d'ella!

A nossa litteratura primitiva é, porém, um ramo apenas, florido e mais doce, da litteratura castelhana.

Usaram do castelhano como lingua que tambem era a sua, muitos dos nossos escriptores, desde Gil Vicente até Francisco Manuel de Mello.

Todos entendiam o hespanhol, até o povo, pois de outra maneira não seria elle empregado com tanta facilidade e frequencia! Mas isso passou.

Depois, muito mais tarde, houve para a litteratura hespanhola e para a nossa os grandes dias do romantismo. Os que decoravam Herculano e Garrett, conheciam tambem e adoravam Espronceda e Zorrilla, Campoamor e Trueba. As duas litteraturas, que por tantos seculos se confundiram, que se separaram depois como irmãs inimigas, tiveram ambas uma hora de esplendor, que intimamente as uniu.

Hoje, porém, não sei bem por quê, voltámos, a respeito da litteratura da Hespanha, á mesma indifferença que pouco antes lhe consagravamos.

A rica litteratura de Hespanha, tão caracteristicamente original, tão sahida das entranhas da raça, em que ha romancistas como Perez Galdós e Blasco Ibanez, em que ha dramaturgos como Jacintho Benevente e Echegaray, em que ha historiadores como Menendez Pelayo, em que ha espontaneidade,

vigor, seiva e sangue, não sei por que não nos attrahe!

Preferimos, a todos, os livros francezes, e como a litteratura franceza tem em si o espirito dissolvente que desaggrega, nós tambem nos temos deixado impregnar por esse hyper-criticismo, além do qual está a esterilidade e a morte.

Como em tudo o mais, a nossa mania tem sido desnacionalizar-nos, desenraizar-nos.

Em um d'estes dias, de apagada e vil tristeza, que vão correndo, um grande amigo meu, que é ao mesmo tempo um medico famoso e um dos espiritos mais bellos, mais puros, mais delicadamente comprehensivos, que eu tenho encontrado na minha longa vida, disse-me assim: —Já leu o livro de Miguel Unanumo, (um illustre professor da Universidade de Salamanca) a respeito de Portugal?

— Não; respondi.

— Pois leia-o. Vem lá admiravelmente *sentido* mais do que analysado, o character portuguez, tal qual a historia o tem feito: a nossa tristeza profunda, os nossos desfallecimentos de vontade, o lento suicidio, com paroxysmos ephemeros e convulsões tragicas, em que nos vamos deixando morrer.

Mandei procurar um livro que tanto devia interessar os portuguezes.

Não havia um só exemplar em todas as livrarias de Lisboa. Veiu-me, porém, de Hespanha, e já o li. Li o com emoção profunda.

N'esse livro, escripto ao sabor caprichoso de uma viagem na nossa terra, havia traços que me impressionaram até ao fundo d'alma.

Ha n'elle conceitos que, hoje, me apparecem como prophecias. Foi em 1908 que o illustre

homem de letras do paiz visinho esteve em Portugal,

Os tempos já prenunciavam, após a primeira catastrophe desorganizadora, e tão contradictoria com a indole nacional, as outras que iriam seguir-se-lhe. Havia já, em todos nós, a tristeza, a inquietação, o mal estar, que deixavam vêr, a olhos experimentados nas leis fataes da Historia, que a crise latente ha tantos annos ia entrar na sua phase aguda e decisiva.

O que mais feriu Miguel Unanimo, em Portugal, foi a tristeza: no povo — forte como um instincto atavico, na «élite» — raciocinada e consciente.

Nós morriamos e morremos todos de tristeza. Até a nossa alegria individual é triste. Temos sempre a consciencia de que um perigo indefinido nos ameaça, de que o bem estar que, por acaso, gosamos, vai desaparecer!

O que motiva este estado de angustia vaga?
Ah! tantas cousas, que a sua enumeração só, constituiria um longo capitulo.

Em resumo, somos tristes porque sonhámos de mais, porque realizámos só em parte o nosso sonho, e a certeza de haveremos fallido, a meio da empreza heroica, inutilizou-nos para as tarefas praticas da vida.

Eramos um pequeno povo agrícola, bastante bravo, comtudo, para termos arrancado ao Mouro e ao Castelhana, palmo a palmo, o nosso minusculo territorio. Os nossos homens de armas, rudes e meio barbaros, conquistavam; os nossos lavradores lavravam. Talvez que alternadamente combatessem e lavrassem. N'essa empreza ao mesmo tempo bellicosa e util gastámos alguns seculos de vida forte e sã. Eramos felizes, mas ai de nós, eramos ambiciosos!

Passava então pela Europa um sopro de curiosidade ardente e mysteriosa, e nós sentimos-lhe a influencia. O mar tentou-nos. A nossa terra era tão pequena e elle era tão grande! Que mysterios elle guardava em si? Para além das suas ondas glaucas, estava talvez a gloria, a riqueza, o poderio! Valentes como eramos as coleras do mar não nos amedrontaram. E de lavradores humildes, eis-nos navegadores, descobridores audaciosos.

A apostrophe do *Velho do Restello* em Camões não é mais que o protesto eloquente e prophetico do Portugal rural, contra o Portugal maritimo que tanta gloria e tanto desastre havia de trazer-nos.

Tivemos, é certo, a epopêa gloriosa, mas tambem tivemos a *Historia tragico-maritima*, ainda mais representante das nossas catastrophes ingentes, do que o foi das nossas glorias

ephemeras, o Poema tão redolente das brisas latinas da Renascença, que nos legou Camões.

O longo episodio da nossa vida no Oriente, os nossos trabalhos tão grandes — que ao ler-lhes a historia ingenuamente narrada pelos chronistas do tempo, nos parece cousa miraculosa e sem precedentes nem successores, que um povo tão pequeno os emprehendesse e levasse a cabo, — as nossas conquistas epicas, os nossos descobrimentos que fizeram uma revolução completa no mundo e na sciencia, e prestaram á civilisação moderna subsídios inapreciaveis — tudo isso nos fez grandes e infelizes.

Perdeu-nos a propria vastidão da empreza, desproporcionada á nossa pequenez.

Capazes da epopêa dos descobrimentos, sabendo achar o caminho maritimo das Indias, e indo por esses mares fóra, fazendo cada dia novos achados, nós produzimos homens como Vasco da

Gama, D. João de Castro, o Infante de Sagres,
Albuquerque, Magalhães, e Camões.

Ahi acabou a virtualidade que havia em nós.

Estes homens eram a *synthese* da raça. N'elles
se concentrava toda a nossa força, toda a nossa
perseverança, toda a nossa vontade.

Demos ao mundo, por assim dizer, n'um
momento, a energia viril, que, poupada,
distribuida, chegaria para nos nutrir longos
seculos.

Demos-lhe heroes que nenhum heroe excedeu.
Homens que viviam *perigosamente a vida* e para
quem a vida só valia pelos esforços e pelos feitos
raros. Demos-lhes um Poeta, ante o qual os mais
altos teem de curvar-se. O poeta da civilização
moderna, toda engalanada com as bellezas e as
graças da antiga!

Feito o sacrificio ingente, cumprida pelo
instincto superior da raça, e n'uma especie da

divina inconsciencia, a missão sublime, que destino podíamos esperar!

Todos seriam mesquinhos ao pé do nosso grande sonho realizado. Durante os dias de gloria tínhamos desaprendido o trabalho humilde, o trabalho quotidiano, o unico que enriquece e não perverte.

A nós perderam-nos as especiarias da India, as pedrarias do Oriente, o ouro e os diamantes do Brazil, o luxo asiatico com que se adornava a nossa opulencia de nababos.

O mundo aproveitou-se então do que nos custára tanto sangue — o melhor sangue — tantas vidas — as que nos garantiam gerações sãs e esforçadas!

E, no entanto, nós íamos sonhando o nosso sonho prodigioso, de que a Côrte Manuelina foi a floração mais esplendida!

Alcacer-Kibir acordou-nos um dia — um dia aziago. N'esse dia perdeu-se em brumas nunca mais desfeitas o nosso Rei Arthur, o nosso príncipe encantado.

Julgámos por mais de uma vez ouvir a voz d'elle que nos chamava, a voz d'elle que nos dizia cousas de esperança, que nos estimulava a façanhas novas! Mas, depois de um momento rapido em que parecíamos escutal-o attentos, e promptos a obedecer-lhe, a voz perdia-se no vazio espaço ennublado, como elle se perdera nas sombras espessas de um mysterio nunca desvendado!

Como não havíamos de ser tristes? A melancholia, que o engenhoso observador hespanhol, notou no nosso povo, e que é do minhoto humilde, como do arrogante alemtejano está dentro do nosso sangue depauperado, é a vaga nostalgia dos paizes radiosos por onde outr'ora a

nossa imaginação errou ardente e livre; é o instinto de fallencia, que a tudo resiste e que na ignorancia e na pobreza mais se acendra e mais nos faz soffrer.

Dizem-n'a os nossos cantos populares tão cheios de magua e de saudade. Dizem n'a os nossos poetas mais queridos, que, tocando a terra-mãe, a sentiram alli, angustiosa e palpitante como ave mal ferida!

Anthero, na dôr desesperada dos seus tragicos sonetos, que bastam para engrandecer uma litteratura, é talvez d'uma philosophia mais universal que propriamente portugueza.

A dôr que alimenta a sua musa é a dôr eterna, que sôa nos hymnos dos Vedas e nos thrênos lamentosos de Job, é a dôr do *homem* em face d'uma Natureza que o esmaga e que elle não entende; mas, ainda assim, essa dôr tão grande tem mais expressão de sinceridade quando sahe da

alma vencida do Portuguez, que tem a consciencia dos males sem remedio de que enferma a sua nobre e decahida raça.

Depois d'elle, João de Deus representa a face mystica e dôce, da mesma tristeza que nos aniquilla lentamente. Que doçura na sua queixa! que naturalismo, que simplicidade n'essa poesia que achou para exprimir todos os sentimentos da alma, a fórmula *única*, definitiva, absoluta na sua perfeição! Os versos mais bellos de João de Deus são feitos a uma mulher morta! O amor a uma morta é aqui ao mesmo tempo, uma verdade e um symbolo!

Antonio Nobre, de uma dôr mais pessoal, mais *egotista*, é ainda o traductor maravilhoso do nosso soffrer colectivo.

O amor da paizagem rural e dos aspectos maritimos da nossa terra de maravilha, inspira-lhe em Paris, no tumultuoso Paris do bairro latino,

versos prodigiosos! A côr, a saudade, a paixão d'esses versos são incomparáveis. Mas quando vive na sua aldeia ou em Coimbra, a decepção que elle sente é uma tragedia intima.

Ninguem sabe dar assim em poucas pinceladas violentas, incoherentes, expressivas, a alma inteira de uma raça desgraçada.

Em remate a um soneto bellissimo elle exclama, pondo n'esta phrase a tragedia do seu destino e do seu tempo.

Que desgraça nascer em Portugal!

Hoje ha ainda n'este paiz em que a poesia tem desabrochado em flôres de sangue, de purpura ou de negro luto, ha ainda um poeta, Correia de Oliveira, que pela simplicidade suprema dos seus versos, pela agudeza quasi divinatoria da sua sensibilidade, pela genial comprehensão dos

thesouros incognitos do nosso torrão natal, traduz a alma portugueza no que ella tem de mais puro, de mais intimo, de mais essencial.

Sobre esta pleiade de poetas que engrinaldam de belleza a nossa miseria, que dão a impressão desesperada, amorosa, elegiaca da nossa raça vencida, vibra o clarim de Guerra Junqueiro, — que Miguel Unanumo classifica de mais ibero que portuguez — as suas notas escarlates; escuta-se o riso soluçante de Camillo, que sobreleva em energia sarcastica a todos os grandes humoristas que eu conheço. Attrae-nos a observação aguda, quasi morbida, de Eça de Queiroz, cujos typos representativos mais salientes — taes como o Padre Amaro, o Conselheiro Accacio, o Conde de Gouvarinho, o herdeiro da Casa de Ramires, etc., etc., nos explicam a decadencia em que a pseudosciencia, a politica, moderna, a religião reduzida a formulas seccas, a imitação do máo

figurino francez, a substituição, emfim, de todas as verdades essenciaes por simulacros vãos, fez cahir as classes superiores do paiz.

O talento d'este artista é extraordinario. Como documento psychologico a sua obra é monumental.

No entretanto dos casaes de adobe e pedra solta, de Traz-os-Montes, do Douro e do Minho, sahem para longinquas e incertas paragens, cerca de trinta mil homens por anno, que na sua terra não encontram trabalho nem pão; as familias seguem-nos em aventureira viagem, de que tantissimas não voltam mais.

A fome despoeva as aldeias; a fome atropella, junta em pavorosa promiscuidade, mescla, esmaga, asphyxia em cubiculos sem ar nem luz, no Porto e em Lisboa, incontaveis multidões

exasperadas, capazes de todos os erros porque são compostas de toda as miserias.

E a tristeza sombria, passiva, resignada paira sobre aldeias, campos e villas, na Beira, no Alemtejo, nas provincias do Norte. E a tristeza inquieta, febril, cheia de odios, de invejas, de pezadelos, de chymeras, ulula e raiva nas cidades e faz-lhes a vida sobresaltada e cruel.

Miguel Unanumo viu tudo isto, sentiu, prophetizou, synthetizou sobretudo; e o seu livro deve ser lido porque esclarece e explica muita cousa. E' necessario accrescentar que muita gente que o informou a respeito, não das idéas, nem dos factos, que para isso não precisava elle de informação, mas das pessoas em evidencia, o enganou atrozmente.

Alguns dos dados que elle aponta, referentes a essas pessoas, serão contradictadas pela Historia serena, imparcial.

D'aqui a cruel injustiça de alguns dos seus
acertos, mas n'essa questão, não quero eu entrar.

Por ultimo, ha n'este livro um capitulo muito
interessante sobre o suicidio.

«Portugal é um povo de suicidas — diz o
escriptor hespanhol — talvez um povo suicida. A
vida não tem para elle sentido transcendente.
Querem viver, talvez, sim; mas para que? Vale
mais não viver.»

Assim concluíram Anthero do Quental,
Soares dos Reis, o grande artista; Camillo Castello
Branco, o escriptor entre e todos popular e
querido; Mousinho de Albuquerque — eu sei!
muitos dos melhores portuguezes!

Herculano suicidou-se pela isolacão; Oliveira
Martins, pelo trabalho que *formalmente* lhe
prohibiram, se quizesse viver.

Isto é verdade; mas a generalização não póde, talvez, admittir-se, senão no sentido symbolico.

Todo o nosso homem superior, todo o nosso super-homem, tem de suicidar-se, isolando-se, callando-se, desaparecendo afogado na onda das mediocridades triumphantes.

Mas nenhum dos suicidas de que se trata aqui, se mataram *realmente*, senão por motivos muito pessoas, que não podem aqui ser descriptos nem analysados.

Doenças incuraveis, desgostos intimos, que se aggravaram na hostilidade ou na indiferença do *meio*, isso sim. E se Miguel Unamuno puzesse essa restricção, esse sentido, ao capitulo consagrado ao suicidio nós, que admirámos o engenho da these concordariamos com a sua verdade.

Parece, porém, que o destino quiz dar-lhe razão. O illustre escriptor hespanhol, publica a

carta de um seu amigo portuguez, para mostrar o estado de desesperada tristeza a que elle e tantos tinham chegado.

Essa carta é longa demais, para aqui a trasladarmos. Entre outras phrases, diz assim:

«Em Portugal chegou-se a este estado de philosophia desesperada: o suicidio é uma especie de redempção moral. N'este desgraçado paiz tudo que é nobre se suicida...

O nosso mal é uma especie de cançasso moral, de tédio moral: o cançasso e o tédio de todos os que se cançaram de crer. Crer!... Em Portugal a unica crença digna de respeito é a crença na morte libertadora...

...Eu, por mim, não sei, em boa verdade, amigo, não sei para onde vamos. Sei que vamos mal. Até onde nos leva a má ventania do destino! Até onde?... Vamos!...

...E mais do que saber se vamos para a vida ou para a morte, me preocupa saber se morremos nobre ou miseravelmente.

Bem vê, amigo, a vida, trate-se da vida de um homem, trate-se da vida de um povo, é uma cousa bem pequena, bem desprezível!

O importante é o uso que se faz d'esta vida! Um minuto de vida bem empregado vale mais que uma eternidade inutilmente vivida! E em Portugal (veja a profundidade do nosso mal), ha almas tão succumbidas, que dizem que tanto se lhes dá de morrer de um modo como de rutro!

Esta insensibilidade moral é peor que a morte... Não acha?»

E os thrênos de desanimo continuam assim pela carta adiante a soar lugubres e tristes...

O homem que assignava esta dolorosa e longa carta tinha ainda uma vaga esperança. Julgava elle, ou antes, queria julgar, que a mudança de

regimen politico, a cousa mais superficial que existe, pois que muda as pessoas sem transformar as almas, podia fazer resurgir o moribundo paiz. Chamava-se o auctor d'esta carta Manuel Laranjeira.

Suicidou-se ha cerca de um mez!

1911.

XIX

Jean Christophe

(ROMAIN ROLLAND)

Conhecem os leitores esta obra prodigiosa, porventura, na litteratura de ficção, a obra mais notavel d'esta alvorada do seculo?

Talvez não. Romain Rolland é muito mais conhecido na Allemanha do que na França.

Como Gobineau, que a Allemanha revelou aos Francezes, apontando-o como um dos mais altos espiritos do seu tempo, Romain Rolland é conhecido e admirado mais por estrangeiros do que pelos compatriotas. E' verdade que elle parece dever mais ao espirito germanico do que á

sua raça; e que a sua obra é emmaranhada (*touffue*) sem equilibrio, sem a bella ordenação classica, que agrada supremamente aos Francezes.

No entretanto este trabalho enorme tem já publicado nove volumes. Falta um para estar completo.

Jean Christophe é a historia de um homem, de um artista que nós vemos crescer diante dos nossos olhos, elevar-se, adquirir a consciencia de si.

Se pensarmos quantas cousas cabem n'uma só vida, na mais simples, e na somma de impressões que um só homem recebe do Universo, mesmo quando a sua sensibilidade não seja excessiva, percebemos logo que dez volumes não são de mais para as registrar a todas.

Um artista sente com mais acuidade e intensidade que os outros homens, e por isso é artista. Elle póde accumular na sua alma

sentimentos que na humanidade média, repartidos por mil, dão ainda a cada um d'esses, um sabor especial da vida. Elle é um espelho magico onde se reflectem, amplificadas, as emoções que todos experimentamos.

Cada nota que a nossa alma desfira ecôa, repercute-se com singular sonoridade na alma predestinada que nos escuta. Interprete de um mundo vasto, mysterioso, é elle que nós procuramos nas horas em que a nossa sensibilidade nos eleva, por assim dizer, acima de nós mesmos!

Temos a certeza de encontrar alli a chave do nosso proprio enigma, a resposta ao mysterio que nos agita, a explicação superior que é dada ao nosso coração e que é negada ao nosso limitado entendimento.

Não é na sciencia que o homem procura a significação secreta da vida. E' na arte porque a

arte provém do sentimento, e o sentimento é que, penetrando a vida, a explica, enriquece e completa.

De todas as artes a musica é a mais suggestiva, a que possui um poder mais vasto, a que emociona mais profundamente a especie humana. Póde escapar-se á influencia da poesia, da pintura, da esculptura. Não se escapa ao poder da musica. Ella é alegre para os alegres, triste para os tristes. Enleia-se em torno de cada uma das nossas impressões e dá-lhe uma extranha, uma pungitiva acuidade.

Ella cria estados de alma, crises de sensibilidade, momentos de commoção. Para a *sentir* até ao paroxismo, não precisamos de sahir de nós mesmos. Pelo contrario. Ella é que, entrando em nós, eleva ao maximo a nossa faculdade de soffrer ou gozar, consoante o nosso temperamento. O verdadeiro compositor, como

Beethoven, como Mozart, é senhor das almas. Domina-as, levanta-as em alegria heroica ou fal-as desfallecer em languida volupia.

Espirito e corpo nós pertencemos-lhe, faz-nos vibrar, sonhar e sentir. Ao ouvir-o temos a illusão de que somos grandes, porque elle sabe encontrar no fundo recondito do nosso sêr, germens de grandeza moral que á sua voz se animam de vida fugitiva.

Os sentimentos vulgares da vida apparecem-nos como eternos. As nossas dôres ennobrecem-se ao seu contacto. Dos escaninhos secretos da alma de uma raça, e de uma nação, elle sabe extrahir cousas que mais tarde lhe hão de dar a essa nação, a essa raça, motivos de viver em belleza e em perfeição. E as grandes idéas fundamentaes pelas quaes a humanidade se resgata das suas miserias, é elle que as sabe traduzir em symphonias immortaes. As notas

têm magia. Um grande encantador, eis o que é afinal um grande musico.

Jean Christophe é pois um compositor que ha de ser famoso, e que já está talhado para a vida intensa e exhaustiva que o auctor lhe prepara. Atravez dos olhos d'elle é que nós vamos ver e sonhar o mundo moderno.

Romain Rolland faz nascer já o seu heroe n'uma família de musicos, porque é necessaria uma preparação ancestral para esta cousa mysteriosa: uma organização de grande creador em musica.

Dá-lhe por mãe uma pobre e simples creatura plebeia em quem reune as virtudes mais bellas que pódem florescer n'uma alma inculta, acompanhadas pelos defeitos que lhe são, por assim dizer, naturaes.

O filho é o producto desequilibrado d'este cruzamento de duas raças tão diversas.

N'uma, a simplicidade, a rudeza, a ignorancia dos requintes e das delicadezas artificiaes, o espirito de sacrificio exercitado em muitas gerações de pobreza, e de abnegação voluntaria N'outra, a sensibilidade exasperada e como que em sangue, a consciencia dolorosa da mesquinhez da existencia, as fugas de revolta para um além, que acaba sempre por ser a negação do espiritualismo invocado, as quédas frequentes a que conduz urna imaginação sem freio, o amor das cousas que brilham, a inquieta tristeza que devora a alma. Violencia em tudo: no desejo, no desfallecimento, na alegria, na dôr, nos affectos.

Jean Christophe, nascido n'uma cidade allemã, é logo conhecido pela precocidade do seu talento. O Gran-Duque protege-o.

D'aqui o contacto doloroso com a aristocracia cheia de morgue de que elle será sempre expulso! Esta experiéncia é terrível para o homem superior.

Está contada com simplicidade e ferindo a nota exacta. E' como que a pedra de toque da alma. Os fortes vencem-n'a. Os fracos são vencidos.

E enquanto as desigualdades inevitaveis o fazem já soffrer, em sua casa a miseria sordida, o pae sempre ebrio, a mãe sempre laboriosa e martyrizada, os irmãos vulgares e grosseiros.

A mãe de Jean Christophe é uma figura encantadora de natural e de bondade. Não sabe que é boa, mas é boa em cada acção que pratica, em cada miseria que acceita, em cada sacrificio a que se submette, em cada privação que se impõe por amor dos seus.

Como póde uma creatura de tal doçura e bondade irritar, descontentar, affligir constantemente o filho?

Pela simples razão de o não entender. Na alma do filho agita-se um mundo que elle proprio desconhece e de que ella não tem a mais leve

noção. Um mundo de forças terríveis e em conflito, que será funesto ou abençoado conforme evolucinar, organizando-se em forças benéficas, ou explodindo em violenta revolta.

Naturezas irreductivas uma á outra, têm de chocar-se perpetuamente. Só quando ella morrer — e de que morte que é só por si um quadro de simples e pathetica grandeza inconsciente! — só quando ella morrer, na perspectiva suavemente illuminada que o tempo dá ás cousas do passado, porque são do passado e não pódem renascer, é que o filha comprehenderá tudo que ella foi!

Mas do povo, que lhe repugnava pela sua grosseria, Jean Christophe herdou mil cousas que para sempre o hão de separar como um intruso, como um *outsider* da raça aristocratica a que pelo genio pertence.

E' do povo a energia que referve em cachões na sua alma virgem; essa energia que rudes avós

poupavam para que ella se convertesse no thesouro moral e intellectual que elle desperdiça; é do povo a robustez physica tão indispensavel ao creador para encontrar, atravez de mil esforços extenuantes, a expressão definitiva do seu genio; é do povo a sua incuria, o seu desprezo pelas cousas exteriores; são do povo as suas maneiras violentas, o seu odio ás etiquetas sociaes, o seu amor pelos humildes e desgraçados, a sua rebeldia continua, destructiva, contra todas as regras, desde as da arte até ás da civilidade.

Jean Christophe atravessa a infancia e a adolescencia na cidadezinha allemã, que o não aprecia, e que em cada explosão da sua vitalidade superior vê indicios de uma exuberancia nociva.

Ha na primeira phase da vida d'este artista, que nunca ha de ser plenamente entendido pelo

seu tempo — e o auctor pensou de certo enquanto escrevia esta vida do grande artista com tanto realismo e tanta objectividade em Beethoven, em Wagner, em Ibsen até ao limiar da velhice, no velho Tolstoi, que da familia inteira só por uma filha vêmos comprehendido, e que vagou como o Rei Lear, desgrenhado, meio louco, á procura de um canto obscuro onde pudesse morrer na solidão — ha na primeira parte da vida de Jean Christophe uma figura de rara pureza.

E' a de Gotlieb, um irmão da mãe, pobre bufarinheiro ambulante, como o Simão de Nantua, da minha, da vossa mocidade, meus queridos leitores.

Este humilde amigo de Jean Christophe tem uma vaga noção de que no sobrinho alguma cousa ha de grande que elle sente, mas não define. Tem a intuição de que essa grandeza virtual está condemnada a soffrer muito até poder, enfim,

desabrochar em flôr de genio. E, de cada vez que elle visita a pobre casa em que a lucta mysteriosa está travada dentro de uma alma humana que a ignora, vê-se que Gotlieb a segue perplexo e que desejaria auxiliar o moço artista a comprehender-se a si proprio, a desligar-se dos grilhões invisiveis que o prendem á vulgaridade do seu destino, a levantar-se, já victorioso e liberto, da rocha dura e tosca em que forças occultas o têm immobilizado, como que petrificado.

Jean Christophe não chegou, porém, ainda a essa phase de emancipação, e, como todos os temperamentos artisticos em que o sentimento é mais forte do que a intelligencia, em que o residuo de longas gerações, accumulado durante seculos, predomina sobre a consciencia e a razão, é extremamente sensivel, ás influencias occultas e contradictorias que dentro d'elle se combatem.

Filho de um pae alcoolico, tem um refugio prompto para as angustias que o devoram. A embriaguez do vinho em que tantos tem procurado o ideal!

O avô — bella figura allemã de artista convicto — que o dominou na infancia e lhe legou excellentes preceitos de moral e de esthetica, que mais tarde reapparecerão na sua alma ao desamparo, o querido avô morreu. Morreu tambem o pae, fraco e peccador, cujo horriavel exemplo bastava a salvaguardal-o da herança fatal que elle sentia no sangue. Ficou a pobre mãe capaz de lhe tratar do corpo, mas para quem a alma d'elle era um livro fechado.

Só, incomprehendido, mal julgado, tendo já provado o fel de muitas humilhações, em plena revolta dos seus robustos instinctos, Jean Christophe vae perder-se...

O apparecimento de Gotlieb salvou-o. Quando este o viu depois de longa separação, chamou-o pelo nome do pae. Ao principio, Jean Christophe julgou mero equivoco a mudança de nome. A reincidencia, porém, fel-o scismar. «Por que me chama pelo nome de meu pae e não pelo meu?» — «Porque tu já não és tu. O espirito de teu pae resuscitou em ti.»

E nem mais uma palavra accrescentou n'esse dia. No dia seguinte, o pobre mercador ambulante partia de novo na sua faina. Antes de partir pediu ao sobrinho que o acompanhasse ao cemiterio, onde jaziam os restos do pae de Jean.

Foram ambos. Ajoelharam sobre a pedra da sepultura do pobre musico *falhado*. E Gotlieb disse estas simples e profundas palavras: «*Vamos pedir aos mortos para que deixem em paz os vivos.*»

N'esta curta phrase está synthetizada uma doutrina inteira, cruel e consoladora ao mesmo tempo.

Nós obedecemos, sem ter a consciencia d'essa servidão fatal, aos nossos mortos. Mas o trabalho de cada um de nós deve consistir no combate permanente contra essa influencia herdada de que não somos responsaveis, eliminando, enfraquecendo pelo menos, o poder occulto que nos subjuga, tentando fazer de nós mesmos uma obra cada dia menos imperfeita, resgatando-nos a nós, resgatando connosco os filhos, os que vierem depois, os que nos abençoarão em obras e pensamentos, pelo nosso herculeo esforço. Muitos têm conseguido a victoria n'esse combate.

Quantas vidas se pódem resumir assim: uma ascensão para o bem, sempre contrariada e sempre vencedora. *Puissance des tenêbres!* Que de vezes

a luz mais pura vos tem penetrado pela nossa tenaz vontade!

E' sempre bom «pedir aos mortos que deixem em paz os vivos». Estes, têm tanto que lutar e que soffrer, mesmo sem que a influencia obscura do passado se faça sentir como um poder subterraneo, mysterioso, ás vezes, em horas crueis, irresistivel!...

Bem vêem, meus queridos amigos, que seria ambição absurda, tentar resumir-lhes dez volumes n'um artigo de jornal. E dez volumes illogicos, desordenados como a vida: que reflectem a vida, em todas as suas misérias, luctas, contradicções, desharmonias! e a natureza, com as suas paisagens deliciosas, com as suas horas de idyllo, com os seus sorrisos e as suas lagrimas...

Ha muito quem na imprensa allemã e ingleza chame á obra de que estou fallando, *uma epopêa*, a epopêa do nosso tempo. Acho exaggerada, mas não falsa a classificação. Não é o nosso tempo um cahos que lucha para organizar-se?

Jean Christophe, demais, não raciocina; vive e sente. As suas obras de artista são escriptas com sangue. O que tem lá dentro, diligenciaia arrancal-o cá para fóra, entre lagrimas e dolorosas experiencias. Traz alguma cousa de novo: é o que o futuro lhe revela, e o que o remoto passado lhe deixou adivinhar.

Lucta primeiro com as forças do seu temperamento, contradictorias e terriveis. Lucta depois com esse poder que está de emboscada ao canto do caminho de cada homem digno d'este nome.

O poder terrivel que chamamos *Amor* e que tem tão varios aspectos, tão diversas escalas, que

enche a alma em certos momentos e que a devora ou esterilisa n'outros. A mulher para elle tem de ser todas as mulheres: as boas e as más, as crueis e as ternas; as que fallam apenas ao sêr masculino e viril, as que appellam tragicamente para o grande coração do artista creador.

A *theoria* de mulheres que atravessa as paginas sempre vibrantes e sinceras d'esta obra, merecia só por si um estudo especial. São todas interessantes; desde a creança ingenua e *coquette* que lhe sorri e que por pouco o não faz morrer de desespero e de humilhação¹, ao vêr-se de repente tão longe d'ella, até á intellectual, anarchista e judia, — como isto é moderno! — que tenta dominal o e vencel-o. Desde a creatura primitiva, quasi selvagem, para quem o Amor é um gesto,

¹ Aconteceu o mesmo a Beethoven e a Chopin. Ambos amaram mulheres pertencentes á casta aristocratica e vendo-se repellidos com desdem pelas familias, que ha pouco ainda os adulavam e lisonjeiavam, sentiram n'alma uma ferida que nunca mais sarou.

até á puritana fanatica, que se lança nas chammas da paixão adultera com o mesmo ardor sombrio de quem se atira ao inferno...

E' d'esta que trata o penultimo volume. A todas elle tem vencido, e ficando sempre maior, não sei ainda se esta o vencerá. Creio piamente que não. O auctor quiz dar-nos a representação ideal e real de um grande artista; não o quer abandonar de certo á beira do caminho, palpitante, miseravel, derrotado pela matilha brutal dos sentidos de quem tem sido até alli o domador victorioso.

Até este ponto, elle sae indemne das dôres, das luctas, das tentações. São ellas a trama brilhante e luminosa em que o seu genio pouco a pouco se vae tecendo. A cada victoria da alma sobre o corpo, das forças espirituaes sobre os obscuros instinctos, corresponde uma comprehensão mais lucida da natureza e da vida.

A gamma extensa das paixões acha n'elle a expressão mais adequada. E' logico. Toda a grandeza moral que nasce para o mundo, nasce entre agonias.

Na serie de volumes que pódem lêr-se e comprar-se em separado e que um fio liga entre si — o fio d'esta vida superior e representativa — ha um, que se intitula *La foire sur la place*. E' um dos mais arrojados e eloquentes. Como Carlyle chicoteia com a colera biblica de um verdadeiro puritano o materialismo arido dos seus contemporaneos, que ousou comparar a uma vara de suinos a retouçar-se no respectivo chiqueiro; como Juvenal castigou os costumes que iam levando a Roma imperial a um voluptuoso e lento suicidio — Romain Rolland fustiga sem dó os dois flagellos que estão dissolvendo a civilisação

moderna, levando-a a morte imminente. O mercantilismo grosseiro, a depravação ignobil dos costumes. *La foire sur la place* é o Paris que appareceu aos olhos escandalisados, attonitos do moço artista, quando elle alli entrou. Devemos dizer que esse Paris está tomando um pouco, agora, a consciencia do seu mal. A reacção vae-se sentindo aqui e alli, e quem sabe quanto, para esse movimento de opinião, dirigido pelos melhores espiritos, não concorreria a satyra indignada do auctor de Jean Christophe!

Elle põe-lhes ali para que os vejam bem, e se não queixem de ter sido illudidos, os excessos hediondos a que a concorrência mercantil entre creaturas igualmente scepticas, amoraes, nihilistas, avidas de applausos vis, conduziu a arte, a litteratura, o theatro, a politica, os costumes de Paris.

E' o processo eloquentemente feito a essa cousa impudica e brilhante, a que elles, os seus perniciosos auctores, chamam o *espirito parisiense*.

Não respeita nada. Não acredita em nada. Nada teme a não ser o ridiculo. E para elle o ridiculo é a virtude e o sacrificio. Por onde elle passa, é como se passasse a praga dos gafanhotos no Egypto. Tudo fica devastado e nu.

Ao que se chega na pratica, quando na theoria se é assim, estamos nós vendo n'essa civilisação que foi tão bella e tão brilhante, e em que triumphava n'este momento a selvageria monstruosa, em actos de retrocesso quase inverosimeis.

A isto levou Paris a theoria de que nada é real senão o gozo immediato, a sensação fulminante, o dinheiro triumphador de tudo.

Ao par d'esse Paris de horror, ha a França laboriosa, intelligente, desinteressada, honesta,

que Romain Rolland nos vae pintando, vista pelos olhos do seu artista, em quadros de bonhomia deliciosa, de ingenua ou consciente virtude, de belleza moral incorruptivel.

Mas vejo que já estou no fim de um longo artigo, e que que nem uma leve idéa lhes dei do trabalho que me propuz resumir-lhes. E' que é impossivel fazel-o.

Chamo-lhes e attenção para elle e já é bastante.

Imaginem, se pôdem, uma grande individualidade, um pouco inconsciente como todo o genio, luctando desesperadamente, não para se fazer admittir pelo mundo, mas para se realizar a si propria até aos limites da sua força — imaginem esta creatura, primeiro no meio acanhado da sua cidadezinha allemã, onde aliás encontra todos os elementos hostis que em outra parte encontrará, e mais os defeitos característicos

do espirito germanico nos seus peiores aspectos; *trenando-se* já na resistencia, enrijando os musculos na lucta, no odio á mediocridade, no esforço de libertar a sua personalidade, que se lhe afigura sagrada, *divina*, porque assim a recebeu de Deus, de tudo que lhe contrarie as aspirações e os sonhos.

Imagine-se mais tarde este mesmo homem, cada dia enriquecido de novas forças, boas ou más, mas — que lhe custaram o sangue das suas veias, as lagrimas candentes dos seus olhos, os farrapos do seu coração dilacerado, — n'uma scena enorme, a maior do mundo, e sempre possuindo a mesma ancia, de ser *elle*, e não outros.

Encontra o amor que nunca o satisfaz. Encontra a amizade, e entrega-se-lhe n'um tal abandono de alma, n'uma tal plenitude de sentir, que se vê bem que para o auctor ella é o mais completo de todos os sentimentos da terra.

O poema da amizade viril realizado pelo artista é a nota nova e a mais sentida de toda a imaginosa biographia. Para Jean Christophe, a amizade, como elle a sentia, protectora, maternal, absorvente, sem egoismo, é uma cousa tão grande, tão pura, sacia-lhe de tal modo as sêdes inextinguíveis do seu enorme coração, que ao perdê-la pela morte do seu amigo, só um terrível peccado que o assombra, que o apavora, que o allucina, pôde, não fazê-la esquecer, mas adormecer-lhe o appello tragico.

Vêmol-o, no entretanto, bater-se peito a peito com a inveja sibillante e viperina, com a indifferença brutal, com a incomprehensão fatua; experimentar todas as doutrinas, embeber-se do seu conteúdo — e aqui ha uma digressão magnifica sobre o socialismo, esta religião dos que têm perdido todas as outras, e que n'isto, igual a todas as religiões, é *servida* por crentes,

fanaticos e ignorantes, e *serve* a uma enorme maioria de impostores e de especuladores que exploram a fome, que aproveitam a desordem mental e moral de incontaveis multidões a quem promettem uma chimera que se chama a felicidade...

Jean Christophe não se demora muito tempo em nenhuma das phases diversas que atravessa, levado pela necessidade imperativa de conhecer tudo para que *tudo* concorra á formação do seu genio! Egoista involuntario e inconsciente, elle percorre a vasta escala das sensações e vae compondo lá dentro a orquestração maravilhosa e toda penetrada de humanidade, com que um dia, um dia que elle antevê nos seus sonhos ardentes, um dia que não chegará talvez nunca, elle deslumbrará, commoverá, enriquecerá pela revelação de alguma cousa nova, o homem seu irmão de misérias, seu irmão de sonho...

O mundo que elle atravessa, mensageiro do divino que ignora a sua propria mensagem, esse mundo é o nosso — o do seculo que começa e que a gente ainda não sabe se vae continuar n'um esplendor de apotheose, ou n'um incendio de catastrophe!

Honra ao escriptor consciencioso e honesto que no meio de uma litteratura frivola ou perversa, incaracteristica ou insalubre, põe diante dos nossos olhos taes problemas, e formula interrogações que tanto excitam a pensar!

Março, 1911.

XIX

O Bicentenario de Jean Jacques Rousseau

Já nos espiritos de hoje não existe aquelle fanatismo pelo seculo da Revolução, que fazia dizer a Michelet: *Le grand siecle... je parle du dixhuitième...* Hoje muita gente percebe que magnifica illusão foi essa, que nos levou a adorar entre todos, esse tempo de negação e de morticínio. Tudo que elle teve de generoso e de grande, tudo que elle fez de justo, não pode compensar o sangue e as ruinas amontoadas que ainda hoje encham todas as encruzilhadas da Historia! E a Revolução não teria sido o tremendo *Facto*, que foi, se propagandistas terriveis e

irresponsaveis a não tivessem preparado como a *palavra* destructiva.

D'entre esses destaca-se pelo singular poder que teve sobre os homens da geração revolucionaria, o mais sentimental, o mais ignorante, o mais incoherente, d'elles todos. E nada ha ao mesmo tempo mais extranho e mais mysterioso para o espirito do que a vida d'esse homem de que a França celebra o bi-centenario do nascimento.

Fallando d'elle diz Lemaitre na primeira das suas conferencias que lhe é consagrada:

«O seu caso é tão singular! E' mesmo *unico* nas litteraturas do mundo.

«Esse vagabundo, esse preguiçoso, esse autodidacta, que depois de trinta annos de devaneios mais ou menos vagos, cahe um dia no brilhante Paris do seculo XVIII onde faz o effeito de um selvagem mas de um selvagem a valer e de

mais importancia que o de Voltaire; que aos quarenta annos começa a publicar; que escreve em dez annos, laboriosamente, e no meio de soffrimentos physicos quasi incessantes, trez ou quatro livros — os quaes não são nem muito profundos nem de um pensar muito raro, mas em que ha uma *nova maneira* de sentir, e como que uma vibração até ali ignota; depois do quê se submerge n'uma lenta loucura: e a quem succede com esses trez ou quatro livros transformar, depois da sua morte, uma litteratura e uma Historia inteira, e desviar do seu curso natural a vida d'um Povo que nem sequer era o d'elle: que prodigiosa aventura!»

E Faguet no seu *seculo XVIII*, decerto a sua obra prima, analysando os livros d'esse mesmo homem diz:

«As suas obras com effeito são *elle*, o que é mais raro, não são senão *elle*. E' antes de tudo um

sêr de imaginação: todas as suas obras são romances.

Fez o romance da humanidade, é a *Desigualdade entre os homens*; fez o romance da sociologia e é o *Contracto social*; fez o romance da educação e é o *Emilio*; fez um romance de sentimento, e é a *Nova Heloisa*; fez o romance da sua propria vida, e é as *Confissões*.

«E em cada uma está *elle* todo inteiro, ternura e orgulho, illusões de ternura e illusões de orgulho. A ternura traçando-lhe um ideal de felicidade simples, de virtude facil, de confiança e de amor fraternal; o orgulho pondo-o em guerra violenta e implacavel contra a sociedade que a seu ver, o acolheu hostilmente, e persuadindo-o a escrever contra ella a satyra mais ardente, a contrariar em tudo as suas tendencias e costumes, e a demolir tudo que estava feito para o fazer de novo: Em summa um optimista mysanthropo; um

Francisco de Salles que é também um Juvenal; um revolucionário cheio de paz e de amor; e a final um romancista de génio!»

Fallar de Rousseau hoje é glosar tudo que d'elle se tem dicto mais uma vez entre milhares de vezes!

Mas agora que a França celebra o seu bicentenario o assumpto impõe-se imperativamente como uma actualidade.

Rousseau nasceu em 1712 — A sua infancia a sua primeira adolescencia são de um miseravel, abandonado de todos, e cahindo em resultado d'esse abandono atroz, em todos os erros, vicios, loucuras e maldades, que elle proprio, com o seu estylo penetrante e doloroso nos ha de revelar mais tarde, na mais extraordinaria e singular das *Confissões*. E é preciso que um homem que teve a sua desgraçada infancia, e a sua tão desamparada

mocidade, seja mais que um genio, seja um caso unico na historia do mundo, para que de todas as humilhações e vilipendios do seu passado ter arrancado gritos de revolta que ainda hoje nos queimam com o seu fogo, depois de terem revolucionado o mundo; e de todas as aventuras equivocadas em que se lhe esvaio a mocidade, ter composto idyllios de um perfume tão estonteante e capitoso, que ainda hoje nos perturbam atravez de dois seculos!

Aos vinte annos acolheu-o, protegeu-o, agasalhou-o, essa extranha e enygmatica Madame de Warens, a quem trez gerações ergueram um altar e envolveram no incenso da mais apaixonada poezia, isto depois do proprio Rousseau ter dicto d’ella o que disse!

Por que o mais singular é que a Jean Jacques ella deve a mais horrenda diffamação e a mais luminosa immortalidade! Investigadores

pacientes teem, n'este ultimo periodo de erudicção *livresca*, amontoados documentos que lançam alguma luz sobre a aventureira de que Rousseau fez um idolo tão profanado. Mas os horrores que elle disse d'ella em parte nenhuma encontram confirmação authentica. Para bem se poder avaliar o prestigio com que a palavra de Rousseau envolvia aquelles mesmos a quem a sua loucura calumniou, ou accusou justamente, vejamos como, no *Raphael*, Lamartine o puro Lamartine se refere a esses celebres amores:

«O que é Vaucluse sem Petrarcha? O que é Sorrento sem o Tasso? O que é a Sicília sem Theocrito? O que é o Paraclete sem Heloisa? O que é o Annecy sem Madame de Warens? O que é Chambery sem Rousseau? Céu sem luz! Vozes sem echo! Sítios sem alma!

«Levamos connosco (Lamartine e Elvira) o volume das *onfissões*, no qual o poeta das *Charmettes* descreve esse retiro agreste.

«Foi para alli que os primeiros naufragios do seu destino arremessaram Rousseau, foi ali que o acolheram os braços de uma mulher moça, aventureira, naufraga como elle! Essa mulher parece ter sido expressamente composta pela Natureza, de virtudes e fragilidades, de sensibilidade e de inconsequencia, de devoção e de independencia de espirito, para formar a adolescencia do extranho genio, cuja alma continha em si um sabio, um amante, um philosopho, um legislador e um doido!

.....

«Foi ella que compoz a sua imaginação sonhadôra, a sua alma femenina, o seu amor pela natureza. Communicando-lhe a flamma da sua alma doentia, deu-lhe o enthusiasmo pelas

mulheres, pelos moços, pelos amantes, e os pobres e os oprimidos, e os desgraçados do seu seculo. Deu-lhe um mundo e recebeu em troca a ingratidão, deu-lhe a gloria, e elle legou-lhe o opprobrio. Mas a posteridade deve ser-lhe grata e perdoar uma fraqueza que nos conquistou um poeta tão grande. Quando Rousseau escreveu aquellas paginas odiosas a respeito da sua bemfeitora, já não era Rousseau, era um pobre insensato.»

Não citamos tudo. Lamartine é de um entusiasmo lyrico incomparavel quando falla d'ella, e do seu encontro com esse *adolescente tão bello*, e que devia ser mais tarde o infeliz, o expansivo, o desconfiado, o terno, o piedoso, o hereje, o atrabiliario Rousseau!

As *Charmettes* e os seus dois habitantes immortaes, inspiraram ao puro Poeta das *Meditações* uma das suas paginas mais bellas!

Vê-se por isto o effeito profundo e dissolvente que Rousseau exerceu sobre os melhores. Amaram-lhe, divinizaram-lhe as fraquezas, e os vícios! Glorificaram-lhe as paixões. Pode dizer-se que esse doente imaginario e real, doloroso e extranho, que ora amava com ardor, ora odeava com delirio, todos que d'elle se aproximavam, — que deante do fino Hume, glacial e correcto como todo o inglez que se preza, explodia em taes manifestações de ternura, de gratidão, de affecto, que o historiador muito afflicto, pondo-lhe as mãos nas costas e dando-lhe pancadinhas como se faz aos *bêbés* lhe dizia «Então? Então? Que é isso meu caro senhor? Então? Então! Por quem é!» — isto dias antes do proprio Rousseau lhe votar um odio de morte, tão sincero coitado! Como fôra a sua amizade! — pode dizer-se d'este doente, que elle contagiou com o seu mal umas poucas de gerações!

Outras reagiram mais tarde contra essa sensibilidade morbida, mas que importa? Na violencia da reacção reconhece-se ainda a violencia do virus!

George Sand não só lia, decorava, adorava, imitava Rousseau, aprendendo com elle a amar a natureza com loucura, a ser a grande paysagista que foi, mas quiz *viver* o extravagante *trio* das Charmettes com Musset e Pagello! Tal é o poder d'esse feiticeiro perigoso sobre as almas.

Byron, o orgulhoso Byron, o aristocrata, o fastiento, na apparencia tão longe de Rousseau, bebeu com a mesma sêde, insaciavel o filtro do *encantador*, e recebeu d'elle o sêllo magico, o unico que nunca mais se apaga.

Em Genebra, o que elle vê é a patria de Rousseau. Obcecado pela visão inolvidavel, é n'elle que pensa, percorrendo os logares onde

Rousseau passeou as suas misérias, ou que elle povoou com os entes ficticios da sua imaginação.

*Here the self torturing sophist, wild Rousseau,
The apostle of affliction, he who drew
Enchantment over passion, and from woe
Wrung overwhelming eloquence, first drew
The breath that made him wretched, yet he knew
How to make madness beautiful, and cast
O'er erring deed and thoughts, a heavenly hue
Of words like sunbeams, dazzling as they pass
The eyes, which over them, shed tears feelingly
and fast*

«Aqui, o flagelador de si mesmo, o sophista, o selvagem Rousseau — o apostolo da dôr, o que lançou sobre todas as paixões um véu de encantamento, e da desgraça soube extrahir a mais subjugadora eloquencia, — aqui vio elle a

primeira luz da vida que o havia de fazer tão miseravel! E no emtanto elle sabia tornar seductora a loucura, e lançar sobre os actos maus e os pensamentos ousados, uma celeste côr, feita de palavras que são como que raios do sol, e deslumbram, passando, os olhos que sobre ellas choram lagrimas sentidas, lagrimas em borbotões.»

E o Lago de Léman e Vevay, Clarens, Meilleraie estão povoados para elle pelas creações do grande poeta que em prosa fez fremir tantos corações adolescentes, tantas almas, tantas imaginações.

Clarens, sweet Clarens, birthplace of deep Love
Thine air is the young breath of passionate thought
Thy trees take root in Love...

.....

Clarens! by heavenly feet they paths are trod

Para Byron a paisagem soberba, seria muda, se Rousseau ali não tivesse passado, ali não tivesse collocado os personagens que animam, e como que humanizam aquella Natureza tão bella, que Rousseau descreveu em phrases que não morrem! Esta obsessão completa exercida por Jean Jacques sobre tantos espiritos de eleição sobre tantas sensibilidades profundas, quem é que poudes mais exerce-la, quem é que a inspirou depois d'elle?

Mais poeta que philosopho, Jean Jacques seria adoravel, se não quizesse systematisar coisas de que não entendia, e não tentasse governar os homens com as abstracções do seu espirito doente!

Vio-se depois e sabe-se de ha muito sem eu o dizer aqui, que feitiço, que filtro de magia, elle

soube lançar sobre algumas incontáveis que se succederam na terra.

A geração moderna é mais severa, muito mais severa para com o sonhador, cujo ideal abstracto, armou sem o querer, a guilhotina. O máu da Revolução os seus excessos e crueldades são — quem tal diria — a consequencia logica e extrema das doutrinas que um doente espalhou aos quatro ventos, para com o echo da sua voz adormecer, anestheziar as suas proprias dôres.

E nós tomamos-lhe contas de todo o mal que inconsciente elle fez por longo tempo, que faz ainda, pois que na bella sentença de Shakespeare

The evil that men do lives after them.

II

Sigamos pois a vida de Jean Jacques, mas não como a viram Byron e Lamartine, George Sand e todos os romanticos.

Para esses só a primeira phase d'essa vida importa. Os amores d'aquelle adolescente de genio dominam a vida sentimental de milhares de almas transviadas. São anti-naturaes todos estes amantes exagerados da Natureza!

Ao hyper-criticismo dos nossos dias, Rousseau apparece bem diverso!

Madame de Warens não quiz ou não soube prender nos seus braços infieis, o genial amante que a faria immortal. E Rousseau com trinta annos poz-se a caminho de Paris, tendo por unico viatico uma carta do abbade Mably, quinze luizes que herdára, e o manuscripto de uma comedia intitulada *Narciso*.

E pouco a pouco, mercê do acaso que n'isto lhe foi providencial, mercê do seu encanto proprio que devia ter sido grande, elle fez o conhecimento de uns poucos de *mundos*. O da academia, o da finança e finalmente o grande mundo, o unico que n'aquelle tempo contava.

«Rousseau chegado da sua provincia a Paris teve o mais prompto, o mais rapido successo que jámais provincianosinho ali obteve» Isto diz Faguet na sua vida de Rousseau.

E' que elle não era o homem que nós hoje vemos e conhecemos, atravez das suas *confissões*, e dos seus livros e da sua dolorosa correspondencia.

Era um rapaz timido e caricioso como todo o homem que uma mulher educou e flexibilizou; finamente, discretamente espirituoso, tendo o *não sei quê* que ninguem mais tinha, e que ainda hoje

o distingue, o põe á parte dos seus brilhantes e insolentes contemporaneos.

Como é que elle conquistou o logar enorme que logo teve na sociedade do seu tempo? Como é que elle foi querido, disputado pelas mulheres e pelos homens de duas brilhantes gerações? Como mereceu o affecto e depois o odio de Diderot, as coleras furibundas de Voltaire, a perseguição dos governos, a inveja, a piedade, o furor de tanta gente, o culto apaixonado das mais diversas almas? Como é que da vida que lhe podia correr serena, elle fez a mais pungente das tragedias, e acabou finalmente, miseravel e louco, uns dizem suicida, outros apenas supremamente desgraçado.

Que mysterio insondavel fez d'esse destino de homem o mais inverosimil dos destinos, concedendo-lhe um tão atroz poder sobre outros homens, que haviam de vir depois d'elle, tornando-o responsavel de crimes medonhos que

outros commetteram, e que elle nem sonhava sequer, quando nas divagações da sua desregrada imaginação se esquece de si, e dos seus inimigos e dos seus sonhados ou reaes perseguidores, fazendo systemas de moral, systemas de educação, systemas de amor e finalmente systemas de governo?

Atravez de uma existencia toda contradicções, Rousseau gostava de dar corpo aos seus sonhos.

Tinha mais de quarenta annos quando se lembrou de escrever.

Os seus primeiros trabalhos foram o *Discurso sobre as letras e as artes*. E elle que até ali tinha a mania de ser compositor e que d'ali a diante teria a mania de ser auctor, pronunciou-se paradoxalmente contra as letras e contra as artes que servia e que adorava.

Achou-as funestas para o homem, inimigas da simplicidade e da pura natureza a qual queria que

o homem voltasse. Esta singularidade divertio o seu tempo, e chamou para elle a attenção dos grandes distrahidos, que eram a gente do mundo a quem tanto quiz agradar.

Mais tarde escreveu o *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens* e o successo foi extraordinario n'esse mesmo mundo hierarchisado em que a *igualdade* era desconhecida.

Achavam picante esse escriptor novo e audacioso que via tudo ao contrario do que todos o viam, que ousava contrariar todos os gostos e tradições do tempo, e dizer aos grandes duras verdades, acceitando-lhes a hospitalidade e quasi que a dependencia!

E começaram a cercal-o, a convidal-o, a acaricial-o. E este successo rapido, inesperado deu a Jean Jacques com a consciencia da sua força, um orgulho que chegou ás maximas extravagancias e

que nunca mais o abandonou na vida, e que as circumstancias da vida exacerbaram, tornaram n'uma cousa tragica, e por fim mortal.

Porque o *delirio da perseguição* é o remate logico do *delirio das grandezas*. Ninguem se julga permanentemente perseguido sem se julgar supremamente invejado e grande!

Duas theses não ousadas, mas *desusadas* lhe deram a fama que elle logo conquistou.

Na primeira declarava nocivas a arte, a litteratura, a civilisação.

Na segunda pretendeu mostrar que os homens eram felizes antes que a sociedade, isto é, a civilisação os desgraçasse, e estabelecesse entre elles fataes desigualdades.

Já a Biblia o tinha dito antes d'elle. O homem era feliz no Eden, antes que a arvore da sciencia o tentasse com os seus fructos.

Dizer isto era velho, provar-o era impossível. Discretar sobre o assumpto a *perte de vue* era simplesmente original n'aquelle tempo de extrema, requintada, quasi apodrecida civilisação.

A este unico paradoxo com dupla face acrescentou d'ali a pouco outro e o peor de todos, o que trazia em si as discordias, as loucuras, as desgraças sem conto.

O homem nasceu livre e em toda a parte jaz em ferros.

E em quanto dizia e escrevia estas cousas, que eram producto da sua sensibilidade que tudo feria, da sua doença que tudo aggravava, um pouco da sua inveja inconsciente de longos annos de humilhação, a vida que elle tinha em Paris e por toda a parte por onde d'ali em diante se arrastou, era um tecido de vivas, de flagrantes contradicções que deviam desauctorisar-lhe a

palavra, e que pelo contrario a tornaram mais irresistivel.

Ainda uma contradicção!

Independente até á ferocidade, elle vive sempre na dependencia de alguem mais rico ou mais nobre do que elle: (Madame d'Epinay, madame de Luxembourg, Hume, Mylord Maréchal, Monsieur de Girardin).

Adorando todas as graças e toda a elegancia da mais artificial das aristocracias, os seus escriptos são a condemnação, mais ainda, a maldição, de que haviam de provir tantos suplicios e crimes, d'essa aristocracia que elle, se não bajulava como Voltaire, lisongeava comtudo o bastante para que ella o procurasse com tanto affan.

Apaixonado pela *mulher*, fazendo della o seu idolo, e tendo para exprimir o culto ardente que ella lhe inspirava palavras penetrantes de

sensualidade e de paixão, entrega a sua vida á megera odiosa que lhe fez da vida um horror, e uma humilhação perennes! Elle que sonhou Julia, e Clara, e Sofia, é a uma *Thereza* que lhe deu mais tarde por successor um palafreneiro, que sacrifica a existencia durante os 40 ultimos annos da sua vida! Tudo lhe supporta; tudo lhe sacrifica, a familia avida, intriguista e venal; os amigos com quem ella perpetuamente o indispõe e até segundo elle proprio diz e alguns acreditam, os filhos, que por imposição d'ella e de sua hedionda mãe, elle engeita successivamente.

N'este ponto abramos um parenthesis para declarar que não somos das pessoas que acreditam tal monstruosidade. Rousseau estava louco, é uma cousa provada, quando escreveu as confissões. De um louco qual é o desvario que se não pode esperar?

Nunca ninguém soube senão por elle proprio, que tal crime fosse por elle commettido. As investigações a que Madame de Luxembourg mandou proceder deram um resultado nullo; ninguém percebeu nunca que Thereza atravessasse periodos de que a mulher mais grosseira se ressent e que tão difficilmente podem esconder-se á curiosidade estranha.

A muitas causas podem attribuir-se as confissões verbaes e escriptas de Rousseau, mas sem entrar nas causas intimas que varios psychologos lhe attribuem, porque não acceitar a mais concludente de todas? A sua propria loucura!

E como é que a posteridade seria tão sympathica para Rousseau, se n'ella se tivesse radicada a intima, a absoluta certeza do crime mais repellente que por homem ou mulher possa ser praticado? Mesmo as pessoas a quem elle em vida confessou tal crime lh'o perdoaram com

inaudita facilidade. Signal de que no fundo, bem no fundo, estavam indecizos, incredulos a tal respeito.

Hoje que o estudo da psychiatria tem feito taes progressos, não se sabe que ha loucos das mais varias especies, e que entre elles abundam os que se accusam de imaginarios crimes, e aquelles de cujo estado mental ninguem desconfia senão o proprio medico, ás vezes nem elle!

Rousseau, se em todo o caso perpetrrou tal crime, endoideceu depois de o ter perpetrado. E porque não antes? Sabe-se hoje de modo absoluto que as mais lindas, as mais deliciosas paginas das suas confissões, que as *Rêveries d'un promeneur solitaire*, que alguns das cartas mais profundas de serena e alta sabedoria que elle escreveu em resposta ás mil consultas que de toda a parte lhe mandavam, foram escriptas quando já vivia allucinado de visões morbidas, vendo em cada

creatura viva um perseguidor e um inimigo. Porque não teria sido a primeira das suas allucinações a ideia de que tinha tido e engeitado cinco filhos de que ninguem encontra o rasto antes ou depois do seu provavel nascimento?

Não lhe é preciso este crime immenso, imperdoavel, para que a vida d'elle seja uma contradicção perenne, um paradoxo perpetuo.

Bastam-lhe os outros.

Não foram só os filhos e os netos da geração a que elle pertenceu que o amaram até ao extremo do enthusiasmo, e que se deixaram subjugar pelos seus livros. E' que elle vinha acrescentar ao teclado da alma humana notas que antes d'elle não tinham sido ouvidas. Não eram novas as suas doutrinas; era novo o modo de as expressar e esse modo era para aquelle tempo uma delicia.

Rabelais, Montaigne, também tinham tido ideias salutareis sobre a educação e sobre a infância, mas só Rousseau conseguiu que as mães mais ricas, elegantes e mundanas, amamentassem os filhos e se occupassem d'elles nos primeiros annos.

A paixão é eterna, contemporanea de todos os tempos. A nossa *freira portugueza* achou para exprimir o seu amor obscuro, phrases singelas e abrazadas que nenhum romancista seria capaz de inventar. Mas Rousseau soube interessar pela magia da sua palavra ardente, as mulheres e os homens sêccos, incredulos, fatigados, até á saciedade do seu tempo de tamanha aridez sentimental. O amor da natureza não o inventou elle: mas o modo de associar ás nossas dores, ás nossas luctas, e alegrias, o scenario magico em que ellas se desenrolam, esse processo que depois de todos, foi elle que primeiro o revelou.

O seu poder sobre as almas foi immenso, incalculavel! Eu ainda encontrei na minha infancia e primeira mocidade mulheres portuguezas, cujo coração, cuja imaginação Jean Jacques Rousseau soubera incendiar! Julia e Saint Preux eram os heroes de todos os amantes! Emilio era o ideal de todas as mães. Uma familia, por signal muito conhecida em Lisboa, déra aos seus dois filhos, os dois nomes fatidicos de Sophia e de Emilio. E isto em Portugal! Admirar Rousseau, era um signal de cultura, e tambem de sensibilidade! Ninguem se importava com as extravagancias de que estão sementeados os seus grandes livros. E toda a *mulher sensivel* sabia de cór os trechos mais admirados em que a genial phantasia de Rousseau se expandia.

Era tão nova aquella onda de paixão com que elle inundava as almas!

Hoje essa influencia sentimental subsiste ainda, mas são os primeiros adoradores de Jean Jacques, que a espalharam indirectamente no mundo.

Madame de Stael, Chateaubriand, depois George Sand, extrahiram d'elle o que podia ser comprehendido pelo seculo XIX e é ainda a acção de Rousseau aqui fortalecida, ali alterada e modificada; n'uns pontos como que perigosamente condensada, n'outros despida das suas loucuras impraticaveis, que nós os filhos da segunda metade do seculo passado recebemos e transmittimos. Mas *elle*, sempre *elle*, se deixa perceber em todas as revoltas do sentimento contra a lei que o subjuga, em todas as explosões da paixão individualista e rebelde, em todos os gritos desordenados em que a alma humana aspira a uma soberania indominavel, a uma

independencia anarchica, a um poder auctorizado a destruir, a aniquillar todos os poderes que queiram restringir o seu.

Este homem que no sentimento dos homens teve tão milagrosa influencia, exerceu porem uma suggestão politica muito mais perigosa, muito mais terrivel e imprevista, nos espiritos da geração que succedeu á sua.

Não suspeitou elle nunca o mal que ia fazer. Mas no seu *Contracto social* está o germen de todo o espirito revolucionario que agitou o fim do seculo XVIII e agita o nosso tempo.

Perdoamos facilmente ao poeta as suas phantazias tão irrealisaveis. Mas como perdoar ao philosopho o mal que nos tem feito a nós todos?

Segundo Faguet o *contracto* social é um livro em perfeito desaccordo com todos os outros livros do mesmo auctor.

Destinou-o Jean Jacques a Genebra, sua patria (que tão descoroavel lhe foi depois) e nunca nem por um momento sonhou ao fazel-o, que elle seria aproveitado para demolir em poucos annos essa monarchia poderosa, centralisada e magnifica, que o deslumbrava; essas classes de superior encanto que elle o plebeu, amou tanto, em que tanto se deleitou de viver.

Amava os fracos, os pobres, os opprimidos em theoria. Era mesmo esmoler e bondoso na pratica. Mas o homem que foi idolo e inspirador dos jacobinos mais extremos tinha pelas mulheres e pelos homens da sociedade que ia morrer sob a influencia das suas theorias, já depois d'elle morto, a predilecção mais irresistivel.

III

Não foram Voltaire nem Diderot os directos inspiradores da Revolução. Voltaire era um aristocrata anti-religioso. No seu tempo as classes altas tinham todas pelo christianismo a mais completa indifferença. Voltaire quiz destruir o clericalismo que officialmente lhe mandava queimar pela mão do carrasco os seus livros, e essa antipathia entre os executores officiaes de um fanatismo extinto, e a sua pessoa irreverente, ironica, *frondeuse*, demolidora — é que lhe deu a grande fama de revolucionario. Elle contentava-se muito facilmente com a hierarchia das classes, comtanto que lhe consentissem fazer parte da mais alta.

Burguez opulento, entendido em traficancias financeiras, castellão de Ferney, distribuindo entre os seus pseudo-vassallos a justiça, elegante

adulador de reis e principes — que lhe importava a elle essa desigualdade que fazia estremecer de indignação Rousseau?!

O inspirador da Revolução, aquelle que lhe deu com os seus periodos tanta vez emphaticos e exagerados, com as suas theorias subversivas quasi anarchistas e os seus acessos de furor, e a sua piedade pelos humildes, e as suas lagrimas candentes e os seus gritos de odio, o vocabulario que seria grotesco se não fosse tragico, foi, sem duvida. Rousseau. *Natureza* — *virtude* as duas palavras favoritas de Robespierre, são de Rousseau. A falsa rudeza republicana, que ha de caracterizar mais tarde de eloquencia dos jacobinos, é de Rousseau.

Pelas idéas paradoxaes que elle teve sobre as desigualdades sociaes, os direitos do individuo, o sagrado poder do numero, a soberania directa do povo: pelos seus libellos accusatorios tão

vibrantes, e que eram sinceros, sendo uma contradicção viva com o seu modo de existir, contra a sociedade extra-civilisada, e corrupta do tempo, e ainda Rousseau que dá á Revolução a força doutrinaria que a Convenção transformou em realidade pratica.

Já vimos como elle com a sua *Nova Heloisa*, com o seu *Emile*, com as suas *confissões*, de tão extranha memoria, foi por assim dizer o avô do romantismo, como toda a litteratura depois d'elle está impregnada d'elle, com poucas excepções individuaes, veremos agora como politica e socialmente elle exerceu poder igual ou superior ainda. O sentimento dos individuos, e as acções da collectividade provêm nos fins do seculo dezoito e em todo o seculo dezenove das phantasias de um louco que teve genio, e que foi obrigado a viver em contradicção comsigo mesmo.

A primeira phrase do seu *contracto social* é a seguinte: «O homem nasceu livre e por toda a parte é escravo» — Esta mania perigosa de raciocinar logicamente que é a base de todas as suas obras, e que elle serve, por assim dizer, *com todos os mólhos*, nas obras de ficção, nas doutrinarias, nos romances, nos discursos, nas cartas, nos pamphletos, esta idéa geral de que descende a sua obra toda, eis que a vemos contradictada extranhamente no *Contracto social*, apesar da affirmativa que acabo de citar. Depois d'esta phrase que parece incluir em si a mais intransigente liberdade individual, pois que o *Contracto social* parece por ella vir prégar um individualismo á *outrance*, que liberte os *homens em ferros*, da sociedade, sua tyranna. Rousseau, que até aqui só parecia julgar illegitima a sociedade, e portanto illegitima qualquer pretensão sua de exigir do individuo o sacrificio

de uma parte de si mesmo, continua mostrando que o *numero* é que tem sobre o individuo os direitos mais absolutos.

A maioria, a multidão é soberana, e tem o direito de governar, não por mandatarios seus, mas directamente.

Ao *numero*, ao povo tomado no seu conjuncto, compete educar o individuo segundo as suas idéas: isto é, segundo a vontade geral: dar-lhe, portanto, a educação religiosa, moral e politica. Este ou acceita a decisão do Estado, que é o *povo inteiro*, e entende muito bem, ou repulsa as suas ordens, e n'esse caso é condemnado ao exilio ou á morte.

Que traducção mais clara podia haver d'esta doutrina do que a que lhe deram Robespierre, Danton, Saint-Just, e agora lhe estão dando os Jacobinos, os radicaes de todo o mundo?!

Crê ou morre; obedece ou serás punido; revolta-te ou inflingir-te-hão insultos sem nome, encher-te-hão como a Christo, o mais sublime apóstolo da Justiça, de escarros, de affrontas, de bofetadas...

Oh! a horrível tyrannia da plebe, quem a prégoou com mais funesta eloquencia do que Rousseau?!

O povo todo em face de cada um, eis a theoria do *Contracto social*.

Rousseu não quer intermediarios, não quer legisladores, que, eleitos pelo povo, façam leis a que o povo obedeça. A soberania d'este não pode ser *representada* porque não póde ser alienada.

«Os deputados do povo *não são* seus representante, são seus commissarios. Toda a lei não ratificada pelo povo é nulla...

«O povo inglez julga-se livre, mas engana-se muito; elle é só livre durante a eleição dos

membros do parlamento; logo que os elege, não é mais nada».

«Eis-nos, diz com a maior lucidez Faguet, eis nos regressados ao puro governo directo, á multidão feita tyranno, tyranno em toda a força do termo, despota caprichosa e irresponsavel.

Mais caprichosa e mais despotica do que um rei absoluto, porque é multipla e porque é anonyma. O rei absoluto, não é tal absoluto, porque não é tal irresponsavel. O isolamento é uma responsabilidade... A multidão anonyma permite-se tudo, porque é completa a sua irresponsabilidade.»

O homem que em tudo que escrevia até alli, tanto parecia amar á liberdade, esse individualista, que odiava a sociedade, porque a sociedade é uma moderadora, uma rêde sabiamente tecida que envolve o indivíduo desde o berço á sepultura, — este mesmo homem, por mais uma contradicção

das mil contradicções da sua existencia, produziu theoricamente a organização mais precisa e mais exacta que possa haver da tyrannia!...

Dizem alguns criticos de Rousseau, e dil-o especialmente Lemaitre, que esse livro funesto entre todos e o mais mediocre segundo elle, escreveu-o Rousseau, para Genebra: era o Governo de Genebra *idealizado* por esse idealista incorrigivel, por amor de cujas doutrinas tanto sangue tem corrido e tanto crime se tem perpetrado.

Seja essa a sua attenuante maxima. Elle não adivinhava como algumas das suas funestas palavras haviam de ser aproveitadas e applicadas. O socialismo collectivista estava e está em germen nesse livro fatal.

«O Estado (o povo) é dono absoluto dos bens dos seus membros pelo contrato social. — Os possesores são considerados como *depositarios*

(outros hoje dizem detentores) da fortuna publica.»

Já no Emilio elle dissera: «O Soberano (quer dizer ainda o povo) póde legitimamente appossar-se dos bens de todos como se fez em Sparta nos tempos de Lycurgo.

E ao mesmo tempo em que n'uma pagina, Rousseau faz o *povo* o juiz unico do grau da liberdade, e da porção de bens que convém deixar a cada individuo, n'outras d'esse mesmo *contracto social*, recusa ao povo a clarividencia e a previdencia, e chama-lhe «uma multidão cega que raras vezes sabe o que quer, e raras vezes sabe o que lhe convém». Isto é que é verdadeiro!

Apezar das leviandades, das contradições claras, dos paradoxos, do sello de loucura mais ou menos patente que ha na obra total de Rousseau, essa obra foi atrozmente aproveitada pelos homens da Revolução, que o admiram, com

fanatismo, e está sendo aproveitada, sem terem bem claro o conhecimento da sua origem, pelos jacobinos de hoje, e pelos socialistas violentos de amanhã! Em Rousseau a sensibilidade ardente, o temperamento desgraçado, a doença, o sonho, a loucura final, manifestam-se inevitavelmente em tudo: a sua obra sahe da mesma fonte profunda e turva; mas nos seus livros têm contradicções radicaes entre si, e com a vida do auctor.

Apezar d'isto é tão extraordinaria a influencia de Rousseau depois da sua morte, como são extraordinarias as condições paradoxaes da sua vida. O que é que elle mais detestava no mundo, depois de haver em trinta annos de humilhações e de parasitismo bebido o fel de todas as revoltas, de todas as coleras? Era a aristocracia desdenhosa e inconscientemente cruel; era o luxo infrene fazendo contraste com a miseria sem remedio; era a desigualdade e a distancia das classes sociaes;

era a frivolidade forçada dos que não aproveitam da vida senão o goso, o perfume e a flor? E como é que elle viveu todo o tempo que separa os seus trinta annos da sua morte?

Na dependencia mais ou menos disfarçada e no contacto voluntario, dos grandes da terra, que a fallar a verdade o lisongeavam e enchiam de carinhos enquanto não brigavam com elle, pois que Rousseau sabia como ninguem, ser encantador e ser insupportavel!

Elle escrevia então os seus livros formidaveis, minando positivamente os alicerces d'essa ordem social harmonica e hierarchisada que sómente tornava essas classes de privilegio possiveis e poderosas: elle clamava como Isaias, contra tudo que esses grandes senhores e essas mulheres altiva e espirituosas representavam; elle dizia a sua celebre phrase: «Para que uns tenham polvilhados os cabellos, falta o pão na bocca dos miseraveis»

— Elle fazia (com que differença na *maneira!*) o processo que os socialistas mais violentos fazem á sociedade moderna, e comtudo elles e ellas, os aristocratas mais requintados, applaudiam no com enthusiasmo, tiravam-lhe do vocabulario pessoal o peor que elle teve: fallavam entre si no *homem sensivel* e na *mulher virtuosa*, sem terem de seu nem sensibilidade nem virtude, perdiam as noites a ler os extases de Saint-Preux, e os remorsos de Julia e emquanto Rousseau os maldizia e execrava em letra redonda, convidavam-no para jantar, ou para hospede das suas casas senhoriaes.

E elle supportava esta situação tão extranha.

A verdade é que essa casta de privilegiados que se apainára por Jean Jacques, que entre si o disputava, nunca o tomou a serio, nem como propheta, nem como demolidor.

Achava delicioso aquelle mixto de insolencia plebea, de timidez philosophica, de orgulho louco,

de emphase, de religião e de combativismo theologico, de amor e de odio, de lagrimas e de scenas sentimentaes, e atravez de tudo, de genio sublime e raro, de vibração ignota que lhe fallava pela primeira vez em cousas que ella não tinha nunca ouvido.

A Natureza, o amor da natureza, o regresso á natureza, como isto era vago e emballador para aquelles sêres saturados de artificio, de scepticismo, de civilisação e de preconceitos!

Como aquillo era novo e quente de lagrimas e fremente de paixão!

Se lhe dissessem que quarenta annos depois, a cada phrase ardente do declamador revoltado corresponderia uma cabeça, loura ou branca, joven e gloriosa como a de Chénier, aristocratica e bella como a da Princeza de Lamballe, a cahir decepada pelo cutello da guilhotina, o que faria ella, a elegante sociedade dos Conti, dos

Luxembourg, dos Boufflers, senão rir d'isto como de um ridiculo e disparatado prognostico?!

E assim foi. Não porque Rousseau o quizesse. Elle era compassivo e *sensivel* á moda do tempo; não era mau; a sua vida dos trinta aos sessenta e tantos foi uma ascensão continua para o bem, para o melhor. para a integridade moral que tantos annos desconheçêra. Começando a vida como vagabundo, e sem senso moral de especie alguma, concluiu-a prégando a virtude — exemplificando-a talvez...

Não que Rousseau o tivesse sonhado sequer, elle desconhecia inteiramente o effeito das suas impulsões sentimentaes. Mas porque uma doutrina expendida de mais a mais, com aquelle dom de expressão, com aquella eloquencia ardente e nova, tem dentro de si virtualidades formidaveis que tendem fatalmente a realizar-se.

A vontade do maior numero, o reconhecimento e o soberano poder das multidões obcecadas, cegas, ignorantes, irresponsaveis, estavam em ser, como vimos, dentro dos terriveis livros de Rousseau, e com isso todas as consequencias que essa perigosa doutrina traz comsigo.

Que de catastrophes ella guardava no seio! A febre violenta, o odio desesperado, o sub-delirio consciente que hoje esphacelam o mundo sahido da Revolução; o que n'ella houve de imperdoavel e de inutilmente cruel; a loucura de fera que se apossou das turbas, e as levou na Communa ao incendio e ao morticinio; as lutas de cada momento que fazem de cada pobre o inimigo feroz de cada rico; a anarchia pavorosa que hoje ameaça a civilisação que Rousseau tanto odiava, apesar de ir aproveitando d'ella o que podia — tudo isto estava dentro d'esse destino do homem

de vida tão pobre e desgraçada, que nenhuma mulher casta e boa cingiu ao coração, que nunca soube o que era a vida na sua beleza e na sua energia triumphante, e que sendo o maior dos doentes reaes e imaginarios, fez da humanidade o doente real e imaginario que ella está sendo!

Pois que! Póde um homem mesmo de genio fazer tudo isso?

Póde quando é o porta-voz eloquente e apaixonado, de todos os plebeus que aspiram a ser grandes; de todos os anonymos que desejam ouvir o éco retumbante do seu nome repercutir pelos seculos; de todos os anarchistas que não tendo logar na organização social, querem ferozmente destruil-a; de todos os orgulhosos que se sentem humilhados; de todos os pobres que querem esgotar as reaes e imaginarias delicias da riqueza; de todos os amantes que querem gozar livremente e á vontade os direitos subversivos e egoistas da

paixão; de todos os intellectuaes, atacados pelo delirio das grandezas, e querendo, por ser mais facil, celebrar-se na destruição e no ataque; de todos os utopistas que sonham uma sociedade nova em folha em cada semana que passa, uma sociedade feita mechanicamente de um dia para outro, sem fazer caso de leis inviolaveis e immutaveis, justamente porque são naturaes — oh! Rousseau, onde fica o teu culto da natureza? — emfim de todos os milhões e milhões de vivos e de mortos que a vida não contenta e não contentou porque a vida, ai! de nós, nunca pôde nem poderá contentar ninguem!

Vejo ao terminar que fui tambem incoherente e contradictoria no meu rapido estudo de *ocasião*. E' que a figura de Rousseau é como a de Jano, bifronte. O poeta, o philosopho, não se parecem nada entre si. Todas as dissonancias porem se conciliam se vemos o homem tal qual

foi. Encantador e violento, apaixonado e doloroso. Soffrendo sempre e generalizando as suas paixões, as suas dôres, as suas invejas de plebeu, a sua aspiração ideal de justiça, até fazer de tudo isto a obra suggestiva e terrível que nos deixou! A França vae levantar-lhe uma estatua. Se é digno de estatua quem impressiona e move longamente os corações dos homens, elle merece a sua.

1912.

XX

A lição de um naufragio

Quando esta minha carta fôr lida ahi no Rio de Janeiro, já deve ter esmorecido o echo lugubre das ultimas noticias referentes ao naufragio, ao épico naufragio do paquete «Titanic». Todo o mundo estremeceu ao escutar a narrativa da catastrophe tremenda.

O espanto, a admiração, a piedade, o horror, estas sensações extremas que a alma collectiva tem hoje poucas occasiões de sentir, simultaneas e unidas, já tiveram tempo e latitude para se exprimirem em palavras.

Tudo foi dito acerca da grande desgraça. Mas esse *tudo* ainda é insufficiente se d'este

espectaculo de tanta belleza moral e de tão horriavel magnificencia, nós não tirarmos a licção que elle nos deu.

Catastrophes d'esta ordem fazem-nos sentir que a solidariedade humana não é apenas uma palavra sem repercussão profunda nas almas.

E' um facto, um facto positivo com que se póde contar. Quem é que não sentio uma tristeza immensa inundar-lhe a alma, ao saber a morte de tantos irmãos nossos, ainda hontem desconhecidos? Da fonte que parecia secca de tantas almas de hoje, borbulhou a torrente abençoada das lagrimas, não só pela desgraça, mas pela grandeza moral, de que a especie humana nos deu alli uma das suas affirmações mais altas e mais raras!

E este momento de admiração collectiva foi o bastante para levantar acima de si mesmas milhões de almas vulgares! Commungámos todos

na abnegação e no sacrificio! Sentimos uma cousa que poucas vezes temos hoje occasião de sentir: sentimos a suprema commoção que só grandes e heroicos feitos tem a possibilidade de inspirar! E por esse minuto de enternecido assombro, nenhum de nós deixou de se sentir melhor!

D'essa tragedia que ficará memoravel na historia maritima de todos os tempos, d'essa tragedia, em que se juntaram e collaboraram para a tornar supremamente grandiosa, tudo que ha de mais moderno na sciencia e tudo que de mais profundo, antigo, inaccessible, ha n'essa cousa mysteriosa e sagrada que se chama a alma humana, uma ideia se apurou que nos consola e exalta: a bondade, a simples grandeza a que o homem pode erguer-se!

Que doce, é sentir, isto mesmo entre lagrimas, na hora em que, no mundo devastado por todos os

desvarios do pensamento, parece que os mais santos ideaes se esboroam e se afundam!

E que alta licção nós os latinos, ebrios de rebeldia e de descrença, não recebemos mais uma vez da rude, e altiva raça anglo-saxonia!

Um alto espirito a que me ligam laços de velho affecto, e que me inspira a mais profunda e respeitosa admiração escrevia-me hoje da montanha solitaria, onde foi esconder a sua tristeza e as suas amargas decepções, estas palavras que não resisto ao desejo de citar aqui. São a respeito do naufragio:

«Não tinha visto nos jornaes o traço verdadeiramente épico do naufragio do *Titanic*, a sublime attitude com que esperam a morte immediata e certa a tripulação e os passageiros. Assombrou-me o que me contou na sua carta. Como tudo é pequeno diante d'aquillo! Como a poesia da acção, quando attinge nas almas aquella

altura, é divina, superior a tudo que se pensa e se escreve! Mas só nas raças do Norte seria possível aquelle sentimento de disciplina e de dever, aquelle rasgo de espantoso heroismo.

«Sim, é bem certo que por mil razões, a civilização anglo saxonica será a ultima a desaparecer entre as civilizações da Europa e da América. *A liberdade, a ordem, a religião e o dever* são as forças vivazes que no Norte fazem da vida collectiva uma cousa séria, forte, digna, respeitavel; e por mais que appareçam ás vezes casos isolados d'essas sociedades, o conjuncto é admiravel e consola da grande miseria em que actualmente se debate a raça a que pertencemos. As raças succumbem, mas a humanidade fica sempre com os seus attributos quasi divinos. Não é assim?...»

Como n'este momento de negação, em que o sentimento da mesquinhez irremediavel do

homem moderno nos attribula tantas vezes, este espectaculo insolito vem como que reprehender-nos dos nossos desfallecimentos e contradictar victoriosamente todas as nossas tristezas e duvidas!

Não! Nada do que era bom e grande e são, acabou no mundo. A hora é de embriaguez funesta, não é de morte!

O traço a que o meu illustre e grande amigo se refere é aquelle epico desafio feito á morte pela orchestra do *Titanic*, tocando, tocando sempre até que a agua que subia fez parar os braços dos musicos e lhes cortou para sempre o folego.

Elles tocavam n'uma especie de loucura sagrada, embriagando-se com os proprios sons, enquanto, os barcos se enchiam de mulheres soluçantes, de crianças estremunhadas; tocavam enquanto o revolvér do commundante impunha respeito e dignidade aos raros homens que

queriam salvar-se á custa da vida dos mais fracos; tocavam enquanto o heroico telegraphista enviava para longe, para o desconhecido, os seus avisos de perigo imminente, o ultimo dos quaes foi: *submergimos*; tocavam enquanto a enorme massa cyclopica do paquete gigante já inclinava a prôa sobre o mar tranquillo e calmo que ia tragal o.

E n'esta onda de harmonias que entremeavam gritos e lagrimas dos que ficavam e dos que partiam, arrancados á força a braços estremecidos, ia a alma dos bravos executantes, ia o extremo adeus de umas poucas de almas de heroes!

Uma passageira ouvio-lhes tocar o *Outomno*, melancolica symphonia de adeus, a alguma cousa que vai morrer! E como os barcos ficassem á distancia, mas todos em volta do *Titanic*, ouviram no momento em que o paquete ia descendo tocar

ainda *Nearer my God to thee!* (De ti meu Deus mais perto).

Os jornaes americanos e inglezes publicam os nomes dos musicos que faziam parte d'essa banda heroica, que ficará na Historia para sempre, como tendo accrescentado ao livro da Belleza universal mais uma pagina inedita e sublime. Elles puzeram n'aquella morte de centenas de homens uma vibração de poesia que se repercutio em todas as almas e que não mais se apaga!

Como os *vikings* seus antepassados, a morte embriagou-os com o philtro mysterioso que ella dá ás almas dos heroes. A luz electrica illuminava o navio magnifico com radiosa abundancia; os accordes da orchestra vibravam no espaço, o telegraphista heroe mandava, mandava sempre, por sobre as negras aguas, a sua mensagem de agonia... Os homnes que tinham escolhido a morte com estoico heroismo erguiam para Deus o ultimo

olhar, o ultimo pensamento, supplicando-lhe piedade para os queridos seres que deixavam na longa agonia de viver, peor talvez do que a agonia curta da morte. Houve um d'estes momentos tragicos cuja grandeza nunca será sabida, porque nenhum sobrevivente ficou para a contar.

O abysmo mobil abrio-se e mais nada... D'alli a pouco o mar estava liso e tranquillo e o mundo teria de registrar uma das mais tremendas catastrophes da historia dos naufragios na qual todos os contrastes se uniram para a tornar ao mesmo tempo mais pavorosa e mais bella.

A quantidade de cousas que esta desgraça nos suggere!

Primeiramente o sentimento religioso que os sectarios de outras doutrinas, tanto desdenham, vê-se quanto elle é grande e forte, que sello

inapagavel elle imprime na alma do homem!
Vinte seculos de luctas tem o christianismo.
Milhões de inimigos o têm combatido e tentado
aniquillar. E como elle está vivo, ardente,
vigoroso e fecundo!

Que força enorme elle deu áquelles milhares
de desgraçados, para a morte que acceitavam com
heroismo, para a vida que se lhes impunha como
amarga expiação!

Nos barcos que fluctuavam á toa no mar
gelado e negro ouviram-se palavras sublimes que
os sobreviventes relatam, para nossa edificação.

N'um d'elles havia homens de todas as seitas
e religiões: catholicos, protestantes, methodistas,
presbyterianos...

Ha uma oração que nos une a todos, disse uma
voz: *Padre nosso que estais no Céu!*...

E todos em câro pronunciaram com a sua voz
de moribundos (muitos morreram alli mesmo) a

palavra de aceitação, a palavra de paz, a palavra de transcendente esperança!

Rezava-se nos barcos, nas jangadas, rezava-se agarrado a uma *épave*.

E que ha de fazer o homem em face da onnipotencia hostil do Universo? Rezar! Adorar!

Esses homens de finanças, de negocio, de pensamento, de rude trabalho, esses homens endurecidos em todas as experiencias combativas da vida curvavam-se ante a mesma força mysteriosa, soffriam a sua Paixão, em obediencia ao mesmo poder, que talvez não tivessem reconhecido nas peripecias, nos conflictos da vida quotidiana, mas que reconheciam agora do mais fundo e impenetravel da sua alma, da região secreta, por elles mesmos ignorada, impellidos por uma influencia obscura, remota e invencivel, em face da tremenda morte que se approximava!

Que resposta triumphante aos que julgam possível, com uma pennada de mão ignorante, demolir, desfazer em pó a obra indestructivel dos seculos, aquillo que faz parte de nós mesmos, que elles proprios, os arrogantes anarchistas d'este momento, trazem comsigo sem saber, na inconsciencia que é de todos, mas que é ainda mais dos pseudo-sabedores, dos *primarios*, na phrase ironica tão usada agora!

Outro ensinamento não menos suggestivo vem do que vale o poder da disciplina.

De certo que esses mil e seiscentos homens que acceitaram a morte sem lutar pela vida, não foram levados a esse movimento de estoica resignação por um impulso momentaneo.

A sua disciplina formára-se desde muito longe. Já tinham herdado de paes, de avós, de

bisavós, de longinquos *ancêtres*, o poder de dominarem os seus próprios instintos, até o mais violento de todos, o da conservação.

Inglezes e americanos, que são os mais livres dos homens, só aceitam um jugo, mas esse tyrannico: o que a si proprio impõem.

Esse jugo domina-os sempre: na hora feliz e na hora adversa, no perigo imminente, no lance tragico, na alegria ou na tristeza. Oh! Como a disciplina, assim comprehendida ajuda a ter na vida um corportamento modelar!

N'um dos jornaes inglezes, que tenho á vista, diz-se que só tres homens, (logo estendidos mortos por tres tiros de revolver) quizeram revoltar-se contra a disciplina que ordenava a salvação das mulheres e das crianças primeiro de tudo.

E accrescenta o jornal inglez, com o seu typico orgulho saxonio: esses homens fallavam *continental languages*.

Tão arreigados estão estes sentimentos da disciplina e este orgulho da raça, nas duas grandes nações anglo-saxonias, que depois de feito tudo que havia a fazer-se a bordo do *Titanic*, o commandante Smith, heroe entre os heroes, disse o seguinte:

«*Men, you have done your full duty. You can do no more. It is every man for him self.*»

E depois, quando o navio se ia submergindo já, quando se podia temer um instante de desordem tragica, elle tomou ainda o seu *megaphone* e bradou através do instrumento esta unica phrase de supremo orgulho:

«*Be british.*»

Mais nada! E a multidão de passageiros e a tripulação quasi inteira, com o seu commandante

á frente, deixaram-se ir ao fundo com dignidade *titanica!*... Oh! o navio merecia bem o seu nome!

Sentimento do dever, disciplina, ordem, religião! Que forças admiráveis!

A America conta entre os seus melhores philosophos William James, o *pragmatista*, o que disse e professou que cada theoria é boa ou má, conforme os effeitos que produz: que para as doutrinas religiosas ou moraes da humanidade não ha senão um criterio infallivel: os resultados; que segundo o Evangelho *a arvore deve julgar-se pelos seus fructos*.

Pois bem, as doutrinas tradicionalistas de que o homem tem vivido e nas quaes, em certas raças, continúa a viver *praticamente*, embora já não com tanta intensidade, são ainda as melhores! As que dão na realidade estes resultados esplendidos!

As raças do Norte exultam: nós, pobres latinos, desvairados meditemos...

Abril, 1912.

XX

As irmãsinhas dos pobres

Hontem, por um domingo radioso de Maio, o mez florido e creador, celebrou-se na capella do Asylo de Campolide (asylo edificado com o fructo das esmolas que a deliciosa e sublime instituição das *Irmãzinhas dos Pobres* arrancou á indifferença de muitos corações e á piedade de outros), uma festa civica em que se celebrava o anniversario do dia em que esse asylo fôra arrancado ás Irmãsinhas em questão, que partiram expulsas para outros paizes, os quaes as aceitaram felicissimos; em que a sorte de centenares de velhos e velhas ficou entregue ao cuidado e

altruismo de alguns funcionarios pagos pelo Estado, e d'alli foi excluido todo o culto.

Não me soffre o coração deixar sem commentarios esta festa, em que se discursou largamente sobre a emancipação das consciencias, sobre as vantagens da assistencia *laïque*, sobre o grande progresso que os velhas e velhas têm feito em tudo que respeita ao amor civico, á liberdade do pensamento, á concepção *voltaireana* da existencia, e outras cousas igualmente apropriadas ao acto que se celebrava.

Entre todas as instituições de caridade com que o catholicismo tem inundado o mundo, a das *irmazinhas dos pobres* é uma das mais modernas, talvez a mais moderna. Data da ultima metade do seculo XIX. Foi bem obscura a sua origem, mas tão perto está de nós, que a podemos facilmente distinguir.

N'uma aldeia de França (não sei bem qual, porque escrevo sem documentos de especie alguma) uma pobre criada de servir voltára para a sua choupana muito humilde, no intuito de descansar da aspera tarefa da vida. Vivia perto d'ella, no abandono e na miseria, uma velhinha. Sem filhos, sem amigos, sem sympathia de ninguem, porque toda a gente adora os *seus* velhos e abomina os dos *outros*, esta pobre mulher excitou a attenção da humilde criada. Foi busca-la ao covil em que vivia, e trouxe-a para junto de si. Lavou aquelles olhos que já só viam a luz atravez de espesso véo; vestio com os seus fatos remendados aquelle corpo andrajoso; deu alimento áquella bocca desdentada e faminta, em que o sorriso era uma visagem; matou a sêde áquelle pobre ser que alli deixavam morrer á mingua e ao abandono.

Não teve recompensa alguma do seu sacrificio. A velhice é rabujenta e ingrata. Como o seu mal estar é constante, ella não agradece a quem tenta minorar-lh'o. Tanto da vida lhe falta, que ella não reconhece o pouco que lhe é restituído pela caridade ou pelo carinho alheio.

Queixa-se sempre, como se os mesmos que lhe valem fossem responsaveis pelo seu mal sem remedio. Não importa! A ideá de que a pobre velhinha estava alli resguardada da negra fome não só consolou a alma simples da boa mulher que a fôra buscar ao seu antro abandonado, como lhe suggerio uma especie de inquietação dolorosa a respeito de outros velhos que sabia em identica desgraça.

Nada tinha, é verdade, com que nutrir mais boccas, mas a caridade é grande. O caso é saber ir buscal-a onde se esconde, é fazel-a borbulhar como nascente limpida nas almas duras ou

distrahidas em que ella vive escondida. E aquella que levára a mocidade a servir os ricos, a que viera descansar, fez-se de novo a serva humilde e voluntaria dos miseraveis.

Trouxe para casa mais uma velhinha, depois outra, e ainda outra. E ella continuava a pedir esmola para albergar, mais e mais.

Já não cabiam na casa pequenina. Mas a caridade correspondêra ao appelo magico d'essa alma de sacrificio e de bondade. Alugou outra casa. Depois, como a fama do seu nome se espalhasse pelas aldeias proximas, outras almas igualmente sedentas de sacrificio, que no bem fazer e bem querer encontram a suprema delicia, se lhe vieram juntar.

A Igreja Catholica, com a suprema e habil virtude a que Ranke, o auctor protestante da *Historia dos Papas*, presta tão convicta e reflectida homenagem, reconheceu que havia alli,

n'aquella reunião de simples e piedosas mulheres, uma grande força para aproveitar utilmente, um exercito em começo de mobilisação, para enviar ás potencias do mal e para lhe arrancar os seus milhares de victimas obscuras, esquecidas por todos.

E a ordem das *Irmãsinhas dos Pobres*, (*Les petites soeur: des pauvres*) foi creada. Hoje conta em todo o mundo civilisado centenas de casas e milhares de albergados. O seu orçamento diario é enorme. E digo *diario* porque a ordem não pode possuir rendimentos, que não sejam logo applicados a crear novos asylos, a agazalhar novos desgraçados.

Estão alistadas n'esse exercito do bem centenas de creaturas de todas as clases sociaes. Ha mulheres de povo, para quem as dôres do povo, — do miseravel povo tão explorado pelos que o protegem e o *salvam* ensinando-lhe a

ferocidade e o odio — são como dôres experimentadas de longo tempo de que ellas têm no coração todos os gemidos.

Ha mulheres da burguezia rica, a classe materialista por excellencia, que adora a sua riqueza laboriosamente adquirida, e que a converte em gozos positivos, immediatos, que endurecem e corrompem!

Ha pallidas e franzinas filhas de aristocracia, ha descendentes de feudaes e de cruzados, de cortezãos e de marechaes de França. Essas expiam por todos os que antes d'ellas gozaram; humilham-se por todos os que antes d'ellas opprimiam e pizavam os humildes.

E estas creaturas sobrehumanas, tratam, lavam, alimentam, entretêm velhos e velhas abandonados; a escoria, o detricto humano de toda esta civilização moderna, destruidora e deleteria; d'esta civilização que, quanto mais se desenvolver

e complicar, maior quantidade de feridos, de mutilados, de rejeitados por inúteis, ha de ir desamparando pelos caminhos que trilhar.

Os velhos que ellas amam com o seu coração mais que divinamente maternal, a quem se dedicam, para quem pedem esmola pelas casas, pelos mercados, pelas tavernas, pelas alfurjas, pelos palacios, pelas ruas, vêm de todas as situações. de todas as miserias, de todas as luctas, de todas as degradações, de toda a escala dos vícios.

E' o residuo que a sociedade lançou de si. Ha entre elles figuras devastadas e em ruina, como os velhos de Rembrandt ou de Balsac. Uns são tragicos; são os vencidos da vida, aquelles que os filhos abandonaram e roubaram, os que tiveram familia, posição social e acabaram vagabundos sem pão, sem tecto, sem amparo. Outros são viciosos, que o alcoolismo marcou com a sua

garra demoniaca, que as taras originaes prostraram no meio da lucta; destroços de um naufragio sem gloria; muitos são trabalhadores honestos, cansados, exhaustos no esforço titanico em que a decrepitude os surpreendeu.

Ninguem sabe de onde elles vêm. Nem elles mesmos já o sabem, tantos homens successivos ha em cada homem, mesmo no mais insignificante. Já não têm sexo. Já não têm idade. Souberam muitas cousas. Algumas talvez sublimes. Outras vis. Fizeram todos os misteres. Foram politicos e jornalistas. Nobres decahidos e plebeus ignorantes. Foram invejosos e máos. Foram dedicados e trahidos. Não ha drama na vida que lhes seja desconhecido. Os dramas ingentes da miseria e do approbio.

Um dia, quando esperavam a morte á beira de um caminho solitario ou no desvão de uma escada ignobil, appareceu-lhes uma mulher com uma

cruz no peito. Estendeu-lhes os braços. Levou-os devagarinho comsigo. Deu-lhes um tecto, deu-lhes um leito, deu-lhes pão, deu-lhes tabaco para fumar. A's vezes deu-lhes um pouco de trabalho, para os envaidecer do seu prestimo, para os dignificar!

Era a a *irmãzinha*. Era aquella que não tem asco nem horror ás mil misérias da velhice, para quem cada velhinho marcado pelos terríveis estygmata da Vida é um innocente, uma alminha ignorante e candida; porque o velho é como a criança. Elle tudo esqueceu, ella nada sabe. Ambos são patheticos na sua inconsciencia, incapazes de se resguardarem dos perigos.

Estas mulheres dominam em si as repugnancias mais naturaes, os instinctos mais invenciveis. Para subjugarem esta matilha dos

impulsos, que a gente traz dentro de si, mais ou menos agrilhoados, mas sempre vivos, ellas têm apenas um recurso; recurso omnipotente! De vez em quando, no meio das hediondas tarefas, diante das quaes a nossa imaginação recúa, ellas roubando um instante aos seus exigentes tyranos, ajoelham e rezam, e julgam entrever a Deus, que as acolhe, que as bemdiz!

Grande crime que não merece perdão! Ellas deviam fazer tudo isso por civismo ou por dinheiro!

Que quer dizer, que contêm dentro de si esse desinteresse inexplicavel, inverosimil? Anda n'isto uma idéa secreta...

O que ellas querem é levar para a sua seita esses velhos, essas velhas asyladas, a quem ensinam a rezar tambem, a quem a reza hypnotiza e emballa com o seu rythmo.

Esses elementos poderosos auxiliarão soberbamente a obra tenebrosa de reacção.

Eis a ideia *de derrière la tête* que as inspira!

E' urgente arrancar esses velhos cerebros á influencia de taes creaturas. Estão no fim da vida? Alguns são dementes? Outros embrutecidos? Esses gemem as suas dôres? Aquelles sentem-se asphyxiar sob as garras aduncas da angina pectoris? Pois bem. Demos-lhes como alimento e consolo o espirito causticante de Voltaire, a concepção do Universo de Hæckel, a ironia transcendente de Renan, as sentenças anarchistas de Anatole France! Isso é que elles entendem, isso é que é viatico para, depois de uma vida de paria, uma morte de asylado!

Ellas as irmãs, coitadinhas! Ignoravam isto. Diziam-lhes apenas com a sua phrase singela e desataviada, que tivessem paciencia, muita paciencia. Que Deus era bom; que no céu os

ultimos seriam os primeiros; que por cada humilhação soffrida cá em baixo, no duro, no ingrato mundo, onde tudo os havia espezinhado, — os homens e as cousas -, haveria para elles uma grande alegria compensadora; que nada se perdia n'este mundo e que a dôr mais obscura, mais ignorada, mais recondita, era conhecida e seria levada em conta, n'aquelle céu azul, muito risonho, que arredondava sobre as suas cabeças miseraveis a sua saphyra concava, toda resplandecente de luz.

Ilusão! Mentira! clamam os sectarios!

Mas que têm elles que dar aos miseraveis, que de todos os lados clamam a sua fome de justiça, que não seja tambem uma illusão e uma mentira!

Que lhes promettem elles, aos que uivam de fome, de inveja, de odio, de furor?! A igualdade entre *todos* os homens? A distribuição igual de todas as riquezas? (Feita por quem?) O fim de

todos os trabalhos, ou violentos ou perigosos? A paz fraternal entre todas as raças, entre todas as nações, entre todas as famílias, entre todos os individuos? A instrucção espalhada em tal abundancia que cada homem possa conter em si a sabedoria de Socrates, a cultura de Pico de Mirandola, a eloquencia verbal de Demosthenes?!!

Mas não são todas estas promessas de tal modo inanes e vãs, que os mais miseraveis, nada colhem d'ellas, senão mais ancia de destruir, mais cobiça, mais odio? Mas este idéal mentiroso não está produzindo crimes que assombram o nosso tempo e nos fazem regressar á barbaria selvagem?

As illusões com que vós enganaes os famintos incitam-nos ao crime. As outras consolam pacificam, açaimam os maus instinctos, refreiam os impulsos criminosos!

Aqui, n'este caso, é uma deshumanidade requintada, tirarem essa illusão suprema aos velhinhos exhaustos que vão morrer.

Se é esperança illusoria essa que lhes dão, que importa? E' um grande anesthesiante para dores sem remedio, é como que uma esmola de benção em que velhos miseraveis se podem agazalhar na morte, como na tunica branca que a vida sempre lhes negou.

E pensam então que sem essa esperança divina, que ellas, as *Irmãzinhas* têm, no intimo das suas almas mysticas, — que não é para ellas uma mentira, que é uma verdade effectiva, creadora de energias, fecunda em actos, em esforços, em sublimidades praticas, — haveria mulheres que dessem os seus dias, as suas noites, os cuidados das suas mãos mimosas ou calejadas, os extremos do seu coração, o sacrificio incessante de cada um dos momentos da sua vida, aos velhos, nos asylos

que, pedindo esmola, elles edificam: aos leprosos na sua ilha maldita; aos malfeitores que rugem coleras nas prisões; ás mulheres perdidas que cantam canções obscenas e têm risos de mofa nos antros vergonhosos! Mas pensam então que — vamos! — sem essa illusão divina, a sociedade organizada continuará a subsistir?

Ai! Como os que assim pensam ignoram tudo, da Historia, da psychologia, da vida real, dos mil phenomenos da Vontade. Que pouco elles conhecem o Homem em toda a sua marcha, através dos tempos! Que ignorancia das forças que movem o mundo moral! das leis sociologicas, e dos seus segredos e complicados!

Não ha força alguma social que possa ser desaproveitada impunemente. O estadista, no alto sentido do termo, precisa de todas ellas, para subjugar dominar, domesticar, esse indomito

animal que logo que se sinta á solta tem por instinto unico: destruir.

As Irmãzinhas dos Pobres estão na Igreja Catholica, á parte de todas as instituições, *unicas*, no seu heroismo sem apparato nem pittoresco. Todas as outras ordens militantes ou contemplativas, têm alguma compensação terrestre á sua obra. Ellas não têm nada. Nem os arrebatamentos extaticos, as emoções penetrantes de Santa Thereza, nem as visiveis consolações de S. Vicente de Paula, nem os triumphos intellectuaes de Santo Ignacio de Loyola A ellas compete a tarefa mais ingrata, mais erma de consolações! E' por isso que eu as admiro incondicionalmente. São sublimes em cada hora da vida!

O dia em que muito caladinhas, muito modestas, muito tristes, despidas do seu habito nobilitador, que é como para os soldados a farda,

ellas deixaram o seu asylo, e os seus pobresinhos, devia ser, foi-o de facto, um dia de lucto para o meu pobre Portugal! Que importa? Elle agora tem tantos, e terá tantos mais!

Maio de 1912.

FIM

ISBN: 978-1-387-25443-9